

Cecília Vaz Pupo de Mello

"Tipologias Textuais: um estudo, em escola de 1º grau (5ª a 8ª série), sobre formas de sua aquisição e de estratégias em seu uso".

Este exemplar é a redação final da tese.

defendida por *Cecília Vaz Pupo de Mello* *FIAD*

aprovada pela Comissão Julgadora em
13 / 03 / 96.

PROFA. DRª. RAQUEL SALEX FIAD

Cecília Vaz Pupo de Mello

"Tipologias Textuais: um estudo, em escola de 1º grau (5ª a 8ª série), sobre formas de sua aquisição e de estratégias em seu uso".

Dissertação apresentada ao Curso de Língua Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Língua Aplicada na Área de Ensino-Aprendizagem de Língua Materna.

Orientador: Profa. Dra. Raquel Salek Fiad

**Unicamp
Instituto de Estudos da Linguagem
1996**

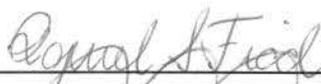
FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

M489t Mello, Cecília Vaz Pupo de
Tipologias textuais: um estudo, em escola
de 1º grau (5ª a 8ª série), sobre formas de
sua aquisição e de estratégias em seu uso /
Cecília Vaz Pupo de Mello. - - Campinas, SP :
[s.n.], 1996.

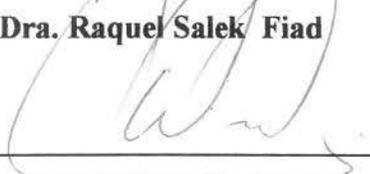
Orientador: Raquel Salek Fiad
Dissertação (mestrado) - Universidade Es-
tadual de Campinas, Instituto de Estudos da
Linguagem.

1. Aquisição de linguagem - escrita. 2.
Interação social. 3.* Tipologia textual. I.
Fiad, Raquel Salek. II. Universidade Esta-
dual de Campinas. Instituto de Estudos da
Linguagem. III. Título.

PÁGINA DE APROVAÇÃO



Profa. Dra. Raquel Salek Fiad



Prof. Dr. João Wanderley Geraldi



Profa. Dra. Ingedore G. Villça Koch

Esta Tese é dedicada

à Claudinha, Rafael, Anderson e demais familiares, pelo incentivo, compreensão e solidariedade no decorrer deste curso;

a meus pais, em especial, cujo exemplo de amor à família, ao próximo e ao país, são motivos de nosso agradecimento e orgulho;

a meu irmão Sérgio e meus sogros Amélia e Otávio, que nos deixaram no transcorrer deste trabalho, mas cujo entusiasmo sempre manifesto, os faz presentes no dia de hoje;

a meus professores, que ensinaram a ler coisas que meus olhos jamais suspeitaram existir;

a meus alunos, pela alegre convivência e oportunidade de crescimento pessoal e profissional;

a meus amigos, que pela constante manifestação de confiança, ajudaram a levar a termo este trabalho.

A Bakhtin:

Banho de Mar

*Meu corpo molhado de sal
Vive a história do mundo*

*Contém agora em si
os segredos do Homem.*

*Se se lava o sal,
a intimidade guarda
a sensação dos múltiplos contatos.
Mãos invisíveis a me envolver
em agressões e carícias.*

*Bocas longínquas
repetem as próximas
em seu discurso de amor e morte.*

*- Vem, convidam as ondas,
O velho-novo
a exercer o seu fascínio*

*Reluta o meu corpo,
Impregnado de sal.*

Agradecimentos

Mais que agradecimento, faço aqui uma homenagem a todos aqueles que tendo tido acesso a mais, se "desencastelam" das Universidades para, com seu conhecimento e energia, contribuírem na transformação da realidade educacional brasileira, visando a uma sociedade mais justa

Neste sentido, minha homenagem às Professoras Raquel Salek Fiad, Lillian L. Martin da Silva e ao Professor João Wanderley Geraldi.

Agradeço agora, à Professora Raquel pelos ensinamentos, compreensão e paciência no decorrer desta longa orientação;

à Professora Ingedore Villaça Koch e ao Professor João Wanderley Geraldi pelas críticas e sugestões, principalmente por ocasião da Qualificação deste trabalho;

à Maria Inês Albuquerque Pupo, pela solidariedade, e esmero na digitação deste trabalho;

a meus colegas de curso, que tornaram estes anos de estudo menos árduos e mais proveitosos;

a minhas ex-alunas Maria Graciléia Capponi e Júlia Marina Bertalasoli pela ajuda na localização e organização do material desta pesquisa;

aos funcionários do IEL: da Biblioteca, do Xerox, das Secretarias, da Manutenção, sempre solícitos e eficientes no cumprimento de suas funções;

à Sueli, cuja dedicação à minha casa garantiu a tranquilidade necessária à realização deste trabalho.

Agradeço ao CNPq que, através de uma bolsa de estudos, tornou possível minha permanência nesse programa de pós-graduação;

e à FAEP que contribuiu para as despesas finais decorrentes da produção desta dissertação.

SUMÁRIO

Introdução	1
Parte I	
Aquisição do Texto Narrativo	13
<i>A produção de textos narrativos na escola de 1º grau</i>	13
Capítulo 1	
Aquisição da Superestrutura Narrativa.....	16
<i>Análise dos textos produzidos na 5ª série</i>	19
<i>Análise dos textos produzidos na 7ª série</i>	26
<i>Análise dos textos produzidos na 8ª série</i>	29
Capítulo 2	
Aquisição de Aspectos Relativos à Coesão.....	34
<i>Análise dos textos produzidos na 5ª série</i>	34
<i>Análise dos textos produzidos na 7ª série</i>	43
<i>Análise dos textos produzidos na 8ª série</i>	56
Capítulo 3	
Aquisição de Aspectos Relativos à Coerência.....	72
Capítulo 4	
Aquisição de Aspectos Microestruturais.....	84
Parte II	
Aquisição do Texto Dissertativo	89
<i>A produção de textos dissertativos na escola de 1º grau</i>	89
Capítulo 5	
Dialogando com Textos.....	92
<i>Análise do Texto-fonte 1 - "Aborto - Uma Indústria à Sombra da Lei"</i>	92
<i>Análise do Texto-fonte 2 - "Aborto: Um tabu? Um direito?"</i>	109
<i>Análise do Texto-fonte 3 - "O meu Pequeno Mundo"</i>	114
Capítulo 6	
O Discurso de que Outro é o Meu Discurso. E até Onde?.....	116
Capítulo 7	
O Texto Dissertativo: Obra Minha.....	130
<i>Superestrutura Dissertativo-Argumentativa</i>	130
<i>Aspectos microestruturais e sua relação com a super e a macroestrutura</i>	133
CONCLUSÃO.....	142
SUMMARY.....	146
BIBLIOGRAFIA.....	147
ANEXOS.....	152

RESUMO

Esta dissertação apresenta resultados de uma pesquisa sobre a aquisição de novas tipologias textuais, pelo aluno de escola pública de 1º grau (5ª a 8ª série), dentro do campo dos problemas de ensino/aprendizagem de língua materna e as implicações dessa aquisição de tipologias na manutenção/alteração do papel social tanto do professor como de seus alunos.

Este trabalho é constituído por um estudo longitudinal (de 5ª à 8ª série) da aquisição do texto narrativo, e pontual da aquisição do texto dissertativo em sua fase inicial (7ª série para o texto dissertativo expositivo e 8ª série, para o texto dissertativo argumentativo); no estudo, procura-se identificar as condições necessárias para a produção do texto dissertativo; a partir da participação em diálogos sobre temas de maior abrangência que aqueles comuns no cotidiano do aluno.

Procurando constatar o conhecimento enciclopédico do aluno, procedeu-se à identificação do tipo de informações, dentre as muitas disponíveis nos textos estudados em sala de aula, que foram incorporadas a seu texto dissertativo, e o modo como se deu esta incorporação. A intenção dessa análise é verificar a possibilidade de interferência desse trabalho desenvolvido na escola na manutenção/alteração do já construído na consciência social/individual do aluno.

As produções de texto oriundas de atividades desenvolvidas na escola, orientadas por uma concepção de linguagem como forma de interação (concepção sócio-interacionista de linguagem) constituem a parte mais significativa do "corpus" desta pesquisa.

INTRODUÇÃO

Havendo terminado o curso de graduação em Letras Anglo-Germânicas pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUCC em 1965, iniciei, em março de 1966, minha vida profissional como professora nas escolas públicas de 1º e 2º graus do Estado de São Paulo.

Das disciplinas que o Registro do MEC me autorizava a lecionar - Inglês, Alemão, Latim e Português, me dediquei mais ao Inglês e ao Português. O diploma e o registro, no entanto, não foram armas suficientes para que eu enfrentasse com tranquilidade as primeiras turmas que me caíram nas mãos, ou seja, classes de 5ª, 6ª, 7ª e 8ª séries de 1º grau, de uma só vez.

As disciplinas estudadas na Universidade - Gramática Histórica, Estilística, Teoria da Literatura, Didática, etc. me pareciam inúteis, absolutamente divorciadas dos conteúdos a serem desenvolvidos em sala de aula, segundo o planejamento da escola, já pronto à minha chegada; aliás, já pronto há muitos e muitos anos atrás. Aumentava ainda mais a minha insegurança o fato de estar substituindo por quatro meses, período de uma licença-gestante, uma professora de muito prestígio daquela pequena cidade próxima a Campinas. Aceitei o desafio, lutando com unhas e dentes, isolada de minha família e de meus amigos. Alugava um apartamento em um pequeno hotel de viajantes, mas literalmente morava na escola, embora ministrasse aulas em um só período.

No entanto, o trabalho cotidiano da preparação das aulas passo a passo, a consulta a antigos livros e cadernos, a colagem fragmentada de conteúdos e procedimentos didáticos que guardava, inclusive na memória, dos meus tempos de escola como aluna de 1º e 2º graus, não garantiram o patamar de qualidade de ensino que eu mesma havia me proposto alcançar.

Cumpridos os quatro meses de substituição para os quais havia sido contratada, corri a pedir socorro à minha ex-professora de Português de 5ª a 8ª séries¹, que, àquela altura (1966) já havia se movido, como era de se esperar, na direção da atualização de sua já excelente prática

¹ Professora Juracy Salzano Fiori de Almeida, catedrática de Língua Portuguesa no Instituto de Educação Carlos Gomes de Campinas - SP, à época de meus estudos de 1º grau - 1955/1958 - e, ainda hoje (1995), em exercício no Magistério de 3º grau, como professora do Curso de Letras da PUCC.

pedagógica. Esta incluía, além do estudo sistemático e exaustivo da Gramática Normativa e de textos de vários gêneros, considerados exemplares, constantes da antologia "Flor do Lácio", a produção semanal de uma ou mais redações, que cobriam os mais variados tipos de textos, que eram corrigidas e devolvidas aos alunos para que fossem reformuladas e passadas a limpo. Estava trabalhando, então, com as chamadas "classes experimentais". Após um dia todo de paciente orientação, levei para casa os Planejamentos das classes experimentais, para estudá-los e, obviamente, copiá-los - à mão, pois não havia xerox naquele tempo.

Além dessa providência, decidi, em companhia de uma amiga, professora também tão perdida quanto eu, resolver todos os exercícios propostos por duas gramáticas bem conhecidas na época, após o que, finalmente me senti preparada para enfrentar de novo a sala de aula.

Passei o resto deste ano desempregada, enquanto dezenas de alunos de graduação ministravam aulas, pois as inscrições de docentes, feitas a nível de unidade escolar, davam margem a todo tipo de irregularidades no que se referia à contratação de professores (protecionismo por influência política, por parentesco, amizade, discriminação das pessoas "de fora", nas cidades pequenas, etc.).

Em 1967 fiz uma entrevista, critério de seleção para ingresso nos Ginásios Vocacionais do Estado de São Paulo, e fui contratada para lecionar Inglês no Ginásio Vocacional de Rio Claro, hoje EEPSG Chanceler Raul Fernandes.

Com uma metodologia de ensino absolutamente revolucionária para a época, os conteúdos das várias disciplinas giravam em torno de uma "plataforma", lançada em assembléia geral da escola, pela área de Estudos Sociais, na unidade de Rio Claro sob a responsabilidade da Professora Elza Nadai.

A praxis pedagógica globalizante em torno de um tema, abria possibilidades riquíssimas às diversas áreas, e garantia a dinamicidade do planejamento, que ia se fazendo no próprio decorrer das atividades dentro e fora da sala de aula.

Embora Inglês, minha disciplina, ficasse a meu ver um tanto marginalizada dentro deste contexto político-pedagógico estribado na realidade brasileira, a vivência dentro deste grupo coeso e a assessoria de especialistas, em atendimentos semanais coletivos e individuais obrigatórios (Orientação Pedagógica e Orientação Educacional), se constituiu em fator decisivo para uma mudança radical em minha visão de educação, e para a aquisição de uma metodologia

de trabalho que tinha como objetivo principal a formação de um cidadão crítico, preparado para o desempenho dos variados papéis exigidos pela sociedade.

Embora lecionasse Inglês, meu grande interesse pelo ensino de Português me levava a ler avidamente as orientações e a discutir o trabalho realizado pela professora desta disciplina, com a qual residia. O ensino era todo baseado na leitura e discussão de textos especialmente selecionados em atendimento ao tema lançado para aquele bimestre, e que deveria ser explorado, analisado, sob múltiplos aspectos.

Segura, confiante, após um ano letivo retornei a Campinas, desta vez para lecionar Língua Portuguesa, Teoria da Literatura, Literatura Brasileira e Portuguesa, Literatura Infantil e Inglês nos cursos de 1º e 2º graus, inclusive no Curso de Magistério. Atendendo ainda à solicitação da Direção do estabelecimento, ministrei aulas de Educação Moral e Cívica, já que em meu currículo de 2º grau (Curso de Formação de Professores Primários) constava esta disciplina e não havia professores com melhor habilitação. Ainda não havia livros didáticos dessa disciplina. O próprio professor selecionava o conteúdo a ser ministrado e o modo de fazê-lo. Oportunidade excitante, embora arriscada, naqueles tempos em que as paredes tinham ouvidos.

Na medida do possível, tentava proceder como havia aprendido no Ginásio Vocacional, mas a realidade absolutamente diversa, o grande número de turmas e alunos acabou determinando o uso de livros didáticos e apostilas e uma limitação dos trabalhos baseados em pesquisa, exposição oral pelo aluno e debate.

Em 1970, efetivada por concurso na rede estadual de ensino, tomei posse em Jundiá - SP, onde lecionei Português durante 5 anos para classes de 1º grau, de 5ª a 8ª séries, onde também, na medida do possível, fazia um trabalho diferenciado quanto à produção de textos, sempre baseada em pesquisa em variadas fontes; e em leitura, com a instituição de uma biblioteca de classe. Havia ainda um esforço quanto à interdisciplinaridade, com algumas atividades programadas em torno de eixos comuns, com Música e Artes Plásticas.

Mas perdurava ainda o trabalho com Gramática Normativa sistematizada desde a 5ª série do 1º grau e o estudo através do livro didático.

Em 1973, sem me afastar das aulas, matriculei-me num Curso de Especialização em

Linguística (Lexicologia), na PUCC,² na esperança de, através da atualização de meus conhecimentos, melhorar minha prática pedagógica; mas, ledô engano. Terminado o curso de 240 horas/aula, de novo não consegui aproveitar uma linha sequer no trabalho de sala de aula, e, pior ainda, constituí uma imagem absolutamente distorcida e negativa da Linguística, talvez pela dificuldade que tive em seguir as intermináveis e intrincadas explicações sobre o signo de Saussure e as árvores chomskianas.

Removida para Campinas em 1975, meu trabalho restringiu-se quase exclusivamente ao cumprimento do Planejamento unificado, já existente na Unidade Escolar, baseado no livro didático, adotado há vários anos pelas professoras efetivas mais antigas da casa, aliás sem qualquer consulta aos colegas (estáveis e precários), e sem qualquer possibilidade de negociação, pois era bom e já "conhecido". Esse fato gerava descontentamento no grupo e se refletia negativamente no relacionamento dos professores, divididos em "castas", e, em consequência, no trabalho docente.

Afastadas essas pessoas por motivo de aposentadoria, como única professora efetiva da unidade escolar, pude mudar esta prática autoritária na escolha dos instrumentos de trabalho, abrindo para todos a análise dos livros recebidos das editoras e a discussão em torno da melhor opção. Feita a escolha, por votação, para meu desapontamento e admiração, fui informada pelo próprio grupo de que haviam gostado mais de outro autor, mas como tiveram a impressão de que eu preferia este, votaram neste. Céus!!!

O livro escolhido era melhor que o anterior, com textos mais atualizados e novos, para alívio dos professores e dos muitos alunos repetentes, mas não saía muito do esquema tradicional de apresentar um texto para leitura, fazer o entendimento raso de seu significado, estudar a gramática normativa analisando palavras e frases retiradas dele e propor uma redação, em geral uma paráfrase do texto original.

Dois ou três anos depois, com o surgimento dos livros didáticos não descartáveis, esse foi substituído por outro mais moderno.

Havia também a vantagem de constar da lista oficial de livros que poderiam ser obtidos

2

A disciplina "Linguística", entrou para o currículo do Curso de Letras em 1965, no último semestre de minha graduação.

gratuitamente, mediante um simples pedido à Secretaria da Educação.

A grande disputa estabelecida entre alguns professores era quanto ao prazo em que cada um era capaz de "cumprir" o livro didático. Os vitoriosos conseguiam terminá-lo em outubro, em um ano letivo que ia até o início de dezembro, e já passavam, num ritmo mais frouxo, aos exercícios de revisão. O aluno estava pronto para a série seguinte!

Para essa façanha é óbvio que as poucas atividades diferenciadas sugeridas pelo livro eram desprezadas, como as dramatizações, pesquisas, entrevistas, debates, etc.

Mesmo os professores mais responsáveis - e havia professores empenhados em propiciar a seus alunos boas aulas, que os levassem a ler e escrever corretamente a língua padrão e a conhecer as obras literárias consagradas - mesmo esses professores tinham dificuldade em diversificar suas atividades de sala de aula, em geral metalingüísticas, metaliterárias e dependentes de treinamento e memorização.

A avaliação se fazia do produto. As menções atribuídas no decorrer da aprendizagem eram tidas como definitivas, somadas às obtidas no final do bimestre para se chegar à média do aproveitamento do aluno.

O diagnóstico da aprendizagem quando muito se dava no momento da correção da tarefa, em geral mera repetição dos tipos de exercícios já realizados em sala de aula.

O desapontamento dos professores quanto ao pouco interesse dos alunos pela etapa da fixação da aprendizagem (tarefa), e até pela verificação do acerto/erro dos exercícios, explodia em lamentações na sala dos professores, no horário do café. E se estudavam meios de controle dessa vadiação, dessa irresponsabilidade, inclusive dos pais, que se traduz em não se fazer as tarefas. Assim, mesmo o conteúdo das tarefas era já avaliado como produto acabado da aprendizagem, ao se atribuírem a elas pontos positivos e negativos que influíam na menção bimestral, muitas vezes sem um diálogo com o aluno para verificação das dificuldades reais que o levaram a não cumprir, ou cumprir de maneira não satisfatória as atividades propostas como tarefas.

Afastada das atividades de sala de aula em 1977, por motivos particulares, só retornei em 1983. A Escola havia piorado: estava mais desorganizada e suja, as classes mais numerosas, os alunos indisciplinados, alguns até desrespeitosos. Os professores estavam mais cansados e um grande desânimo tomava o ambiente. Não havia pagamento de hora-atividade para

preparação de aulas ou correção de provas, assim os professores em regime de jornada integral tinham que cumprir 44 horas/aula dentro de sala de aula. Não havia entrosamento entre os professores, que se fechavam em pequenos grupos, hostis. Não havia coordenação de área ou reuniões pedagógicas que possibilitassem um trabalho de equipe.

A Escola havia crescido muito. Tinha por volta de 2.800 alunos que, em três turnos, ocupavam as muitas salas de aula, (por volta de 27) além de espaços antes destinados a laboratórios, biblioteca infantil e até a vestiários de Educação Física - o salário do Diretor era proporcional ao número de alunos, talvez num incentivo oficial ao preenchimento dos espaços "ociosos" das unidades escolares.

Muita coisa havia mudado, menos o livro didático que lá havia deixado cinco anos antes.

Logo percebi que estava muito difícil ensinar com os mesmos instrumentos. Nem a leitura de texto que antes suscitava disputa entre os alunos, interessava a todos. Em geral, o trabalho era feito a reboque, com má vontade acompanhada de reclamações.

Na época do Planejamento nos limitávamos, ainda, a copiar o Plano do ano anterior e, se a oportunidade de estudo ou debate de assuntos pedagógicos era oferecida, muitos usavam de alguma "falta abonada"³ de que ainda dispunham, para safar-se desta situação "aborrecida", sem prejuízo de vencimentos.

Foi nesse contexto que, em dezembro de 1984, os professores de Português da rede pública estadual foram convidados para uma palestra promovida pelas Monitorias de Língua Portuguesa das duas Delegacias de Ensino de Campinas⁴.

A palestra, proferida pelo professor João Wanderley Geraldi e contando com a presença das professoras Raquel Salek Fiad e Lilian Lopes Martin da Silva, todos da Unicamp, embora soasse como grego aos meus ouvidos de professora de 1º e 2º graus, de algum modo me inquietou. Do pouco que entendi, concluí que o que se propunha era um enfoque novo para o ensino da Língua Portuguesa, e mesmo um conceito novo sobre o significado deste ensino no 1º grau.

³ De acordo com o Estatuto do Funcionário Público do Estado de São Paulo, todo funcionário tem direito a 6 faltas anuais, ocorridas em meses diferentes, sem necessidade de justificativa ou prejuízo de salário.

⁴ Na época eram responsáveis por estas monitorias as professoras Norma Sandra de Almeida Ferreira (1ª DE), Maria do Rosário M. Magnani e Maria Alice C. A. Rodrigues (2ª DE).

Após a palestra veio o convite para um curso intensivo de 40 horas, para aqueles que haviam se interessado pela proposta apresentada.⁵ Rapidamente me inscrevi, pois não via condições de enfrentar nem mais um ano letivo sequer naquela luta de empurrar goela abaixo dos alunos as lições de um livro didático e controlar tempo integral suas reações que iam desde o desinteresse até atos graves de indisciplina.

Terminado o curso onde foi apresentada a base teórica dessa proposta de ensino,⁶ e discutidas detalhadamente as mudanças nos objetivos, na metodologia, no conteúdo, na avaliação e no comportamento do professor em relação ao aluno, voltei à escola e, convicta de que seria melhor para os alunos, de que ia dar certo, passei a trabalhar nos novos moldes com minhas turmas de 5ª série.

Não me sentia suficientemente segura para aplicar a proposta de ensino de Língua Portuguesa, com outra dinâmica em sala de aula, sem livro didático, em todas as séries e turmas ao mesmo tempo,⁷ assim no primeiro ano (1985) apliquei nas 5^{as} séries apenas, no 2º ano (1986) ampliei para 5^{as} e 6^{as} e, só a partir do 3º ano (1987), para as 5^{as}, 6^{as}, 7^{as} e 8^{as} séries.

Até minha aposentadoria, em 1992, trabalhei dentro da proposta mencionada, cujos pressupostos teóricos e metodológicos estavam também presentes na *Proposta Curricular para o Ensino da Língua Portuguesa no 1º grau*, em suas diferentes versões: 1986 (1ª), reimpressa em 1987; 1988 (2ª), e 1991 (4ª), reimpressa em 1992, publicadas e distribuídas pela Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas.⁸

⁵ De acordo com Lilian Lopes Martin da Silva (1994), dos 287 professores de Português da rede pública estadual presentes à palestra, 72 se inscreveram para o Curso, realizado de 25/02 a 1º/03/85 e, destes, 61 aderiram ao trabalho a ser desenvolvido durante o ano, aos quais se juntaram mais 11, do grupo de professores municipais que já haviam trabalhado com esta proposta em 1984, desempenhando agora a função de coordenadores dos grupos de discussão.

⁶ Esta proposta alternativa para a prática de sala de aula, no ensino de Português e os textos fundamentais para sua compreensão, encontram-se na coletânea *O texto na sala de aula - Leitura e Produção* - organizada por João Wanderley Geraldi. Dentre os artigos é essencial, como ponto de partida, a leitura do nº 5 - "Concepções de Linguagem e Ensino do Português", e do nº 6, - "Unidades básicas do ensino de Português", que contém a proposta propriamente dita.

⁷ O professor de Português, em 1985, em jornada parcial de trabalho (25 horas/aula semanais) costumava ter 5, 6 turmas sob sua responsabilidade, dependendo das séries e da carga horária semanal das mesmas em Língua Portuguesa.

⁸ São Paulo (Estado) Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. *Proposta Curricular para o Ensino de Língua Portuguesa: 1º grau*. 4ª ed. São Paulo: SE/CENP, 1992. 80 p.

Como suporte para a nova prática pedagógica tínhamos encontros mensais de 8 horas, dos quais participavam os três professores da UNICAMP já nomeados e outros, convidados para tratarem de algum tema específico e cuja obra já havia sido recomendada para leitura no encontro anterior, o que possibilitava uma participação efetiva dos professores, que discutiam com esses profissionais a validade/não validade do que era proposto em seus livros.

Normalmente a parte da manhã era tomada por discussões teóricas e a parte da tarde por discussões sobre a prática. Neste segundo momento, jorravam tanto a alegria e o entusiasmo pelas experiências gratificantes vividas na escola, como também a angústia, vivenciada nos momentos de avaliação do próprio trabalho e do trabalho do aluno; a revolta e a desesperança ante a falta de apoio de Diretores de Escola, ante a pressão dos colegas que cobravam o cumprimento tradicional do conteúdo listado no planejamento, a insegurança de alguns pais.

A assessoria já citada, leituras, cursos, palestras e oficinas promovidos pelas monitorias de Língua Portuguesa consolidavam nossos conhecimentos.

A concepção sócio-interacionista de linguagem e os desdobramentos da adesão a esse pressuposto teórico nas atividades de sala de aula, revelavam ser este um caminho para se enfrentar a problemática que se colocava à escola, principalmente à pública, naquele momento. Neste sentido trago, para maiores esclarecimentos, a palavra de Lilian L. Martin da Silva:

As contribuições dos autores sócio-históricos no campo da Linguagem e da Psicologia (Vygotsky e Bakhtin) pareciam responder às necessidades de superação do dogmatismo teórico, do formalismo e do tecnicismo característicos da década anterior. (1970 -) Representavam um caminho para o enfrentamento da realidade que se configurava no interior da escola e para a qual os modelos teóricos vigentes não ofereciam resposta.

O interesse dos dois autores citados (dentre outros os que ficaram mais conhecidos entre nós) pela linguagem, a sua compreensão do valor dos aspectos sociais e culturais na produção do conhecimento e na constituição dos processos mentais, a visão do homem enquanto sujeito produtor de história, de cultura, de linguagem, num processo fundamentalmente dialógico e interativo foram algumas das razões que fizeram do sócio-interacionismo um paradigma gerador de novas compreensões, atitudes, buscas, propostas, práticas, no campo educacional em geral e no ensino da língua, em especial. (SILVA, 1994:14-15)

Quanto aos alunos, pareciam felizes. A partir de um determinado momento que não sei precisar, ao final de cada ano eu lhes dava liberdade de "saírem do projeto", de irem para a sala de outro professor que ministrava aulas no estilo "tradicional", porém, em sete anos, raros foram os alunos, entre os prováveis setecentos que freqüentaram minha sala neste período, que optaram por mudar de professor/metodologia, alguns deles pressionados pelas famílias que queriam o ensino sistemático da Gramática Normativa a nível de 6ª série e outros por motivos não explicitados. Obviamente não se está levando em conta os alunos transferidos para outros turnos, os transferidos de sala pelo orientador por motivos disciplinares, e aqueles repetentes que se desgarravam de suas turmas. Assim mesmo, por coincidência ou não, alguns retornaram ao grupo, um ou dois anos após, em séries posteriores.

Mesmo se levando em conta a acomodação, o pouco interesse pelos assuntos pedagógicos por parte de grande número de pais e de alunos, estes declaravam como motivo de sua permanência o fato de as aulas serem mais "gostosas", o fato de funcionar em nossa sala a Biblioteca de Classe, o fato do Português não ser difícil estudado assim.

Uma ex-aluna, hoje estudante do Curso de Letras, ao ler a primeira versão deste texto quis acrescentar "... era a única aula em que o aluno podia falar, aliás ele precisava se manifestar. Tínhamos também muito orgulho de sermos alunos "do Projeto". Todos cuidavam da sala, ninguém fazia um risquinho nas carteiras".

Os alunos, alguns recém-chegados de outras regiões do estado e do país, vendo respeitadas as variedades lingüísticas em que se expressavam, mediante a solicitação de apresentarem passagens de suas histórias pessoais/histórias de suas famílias, logo se punham à vontade, principalmente quando os colegas, com entusiasmo, também relatavam fatos parecidos, que com eles ocorreram em outros lugares. Semelhanças e diferenças bem compreendidas, faziam emergir um sentimento de identidade no grupo, do qual participava inclusive o professor, que viu episódios de sua própria história repetidos em muitas histórias alheias.

Este diálogo facilitava o entrosamento do grupo. Deste fato novo nas aulas de Língua Portuguesa ainda nos dá notícias Lilian L. M. da Silva, que historia e interpreta, sob uma ótica bastante particular, a aplicação desta proposta de ensino, a nível nacional, em sua tese de doutoramento:

Os novos paradigmas irão produzir um importante deslocamento no ensino de Português. A eleição do fenômeno social da interação verbal, como espaço próprio da realidade da língua, lugar de produção da linguagem, centro organizador e formador da atividade mental e da expressão, faz com que adquiram importância na sala de aula as práticas de uso efetivo da língua no dizer-ouvir-escrever-ler, tomadas agora como processos interlocutivos marcados socialmente e os sujeitos que a realizam, enquanto sujeitos situados cultural, social e historicamente. (SILVA, 1994: 15-16)

Após decorridos mais ou menos dois anos do início da aplicação da proposta, começaram a surgir depoimentos de colegas, professores de outras disciplinas (Ciências, História) que declaravam notar diferenças significativas no comportamento dos alunos dessas turmas: mais ativos, perguntadores, cooperativos; se destacavam por sua capacidade de leitura significativa dos livros-texto dessas disciplinas, como dos textos extras usados nas pesquisas; por sua capacidade de produção de texto escrito, quando respondiam as perguntas dos questionários e as questões das provas (avaliações), como também na redação dos relatórios.

Segundo uma professora de História, também alfabetizadora de adultos, foi um espanto para ela o desenvolvimento da linguagem, no decorrer de um ano letivo, de alguns alunos da 5ª série, oriundos da zona rural, que haviam chegado à escola semi-analfabetos.

Alguns pais, durante as reuniões bimestrais começaram a manifestar seu entusiasmo e agradecimento, num caso até por carta, pelo progresso dos filhos e pela nova relação que haviam estabelecido com o estudo da Língua Portuguesa.

Mais tarde, quando esses alunos chegaram ao segundo grau, ouvi de uma colega, professora de Literatura, que dos quarenta e tantos alunos de sua classe, somente os três oriundos do projeto eram capazes de, dado um tema de pesquisa, como por exemplo "Romantismo", consultar várias fontes, sintetizar o assunto e fazer um trabalho de boa qualidade. Gratificante por um lado, entristecedor pelo outro, fica a pergunta: A que fatores, realmente, se deve este quadro desolador sob o ponto de vista linguístico retratado por tal classe? E a que fatores, realmente, se deve a proficiência demonstrada por esses três alunos?

Com o tempo, procedimentos do "projeto" foram sendo adotados por alguns colegas, professores de Português, como a Biblioteca de Classe e as atividades de Análise Linguística.

Para saberem como se desenvolviam estas atividades, assistiam a algumas aulas, ou informações eram trocadas na hora do cafezinho e por ocasião do Planejamento.⁹ No decorrer dos Conselhos de Classe, muitas vezes as menções obtidas pelos alunos do "projeto" em Língua Portuguesa eram discutidas, por serem consideradas muito altas e, portanto, suspeitas; e os critérios de avaliação processual criticados, mesmo porque com a redução do número de retenções em Língua Portuguesa, outras disciplinas "carrascas" eram obrigadas a reprovarem sozinhas.

Problemas? Sim, havia muitos. Além dos já mencionados, a manutenção de um ambiente que possibilitasse a aprendizagem, dando voz ao aluno, tomando-o como interlocutor, exigia do professor uma orientação firme, porém não autoritária, no desenvolvimento das atividades.

O dinamismo deste tipo de aula, a reflexão e planejamento constantes, a procura de informações, a obtenção de material de trabalho para o dia a dia, a diversidade de atividades propostas aos alunos em cada uma das séries e a orientação para a sua realização, o acompanhamento quase individual do trajeto de cada aluno, são tarefas muito cansativas para o professor, e tornam-se extenuantes em regime de jornada integral (44 h/a semanais, sendo 36 em sala de aula), com a conseqüente elevação do número de turmas; jornada em que permaneci nos 5 últimos anos de trabalho (1987- início de 1992).

O trabalho, que sempre partia de textos (orais/escritos), dependia da possibilidade de reprodução dos mesmos, um problema a mais a ser solucionado. De início entrou em cena o mimeógrafo a álcool, que exigia que o professor fosse um datilógrafo e utilizasse seu tempo livre para a produção da matriz; depois, o xerox.

Porém a partir do momento em que se conseguiu o apoio dos pais, nunca faltou a contribuição para estas cópias, e até mesmo a reprodução gratuita de todos os textos utilizados no decorrer de um ano, por uma classe inteira (a do seu filho), por parte de um pai que possuía uma máquina xerox em seu escritório.

Contribuições as mais diversas e inesperadas vieram se somar ao nosso esforço,

9

Aliás, o contexto de discussão metodológica instalado na época, possibilitava trocas muito interessantes, como consultas, sem reservas /constrangimentos, a colegas de outras disciplinas - ou mesmo da própria disciplina a qual tínhamos "obrigação" de conhecer.

Assumir essa troca, também ao extremo, era convidar colegas para desenvolverem, inclusive em "minha" sala, atividades que nunca havia proposto aos alunos por considerá-las "difíceis", como a produção de textos poéticos, por exemplo. Na ocasião essa aula foi ministrada pela professora Ednir Barbosa, recém-chegada "cheia de novidades" - aliás fora de seu horário de trabalho.

possibilitando assim um trabalho que rendeu frutos bem melhores que os anteriores a essa prática de ensino.

Em vias de me aposentar, o que ocorreu em junho de 1992, me submeti, em outubro/novembro de 1991, à seleção para o Curso de Mestrado, na área de Ensino/Aprendizagem de Língua Materna, no Departamento de Linguística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade de Campinas. Aprovada, cursei as disciplinas exigidas pelo programa por três semestres consecutivos e, hoje, faço minha dissertação de Mestrado, na qual procuro responder a algumas questões de ensino, emergentes de minha prática.

Neste trabalho faço uma investigação dos fatores envolvidos na aquisição de um novo tipo de texto, através de um estudo longitudinal da aquisição do texto narrativo e de um estudo pontual da aquisição do texto dissertativo (em seu início), por alunos do primeiro grau, participantes do projeto já descrito anteriormente.

Esta dissertação é constituída de duas partes, organizadas num total de sete capítulos.

Na Parte I trato da Aquisição do Texto Narrativo, e, na Parte II, da Aquisição Inicial do Texto Dissertativo, sendo que nesta examino as condições de produção desse tipo de texto, a posição assumida pelo aluno frente ao tema proposto para a dissertação, a relevância das informações obtidas para o ponto de vista global defendido pelo aluno, e a articulação destas informações à tese, no texto.

Obs.: A divisão deste trabalho em duas partes de modo algum deve ser vista como uma dicotomia no tratamento do tema aquisição de tipologias textuais, mas como uma forma encontrada de melhor organizar os conteúdos, mais desenvolvidos alguns, menos outros.

Essa aquisição, a meu ver, constitui um "continuum", conforme abordado nesta dissertação.

Parte I

Aquisição do Texto Narrativo

A produção de textos narrativos na escola de 1º grau

O novo encaminhamento no ensino de Língua Portuguesa determinou o abandono do livro didático e o centramento do trabalho nos textos produzidos pelos próprios alunos. A partir dessa produção, procedia-se à análise linguística dos mesmos, ao mesmo tempo em que os alunos eram valorizados como autores e eram conhecidos os valores de seu universo cultural.

Todo o trabalho desenvolvia-se em torno de três práticas: de leitura, de produção de textos e de análise linguística, conforme propostas por Geraldi (1985).

O fato de a clientela da escola pública em que trabalhava ser constituída por alunos provenientes da classe média baixa, mesclada a alguns elementos da classe média, me autorizou a considerar adequado este encaminhamento, decorrente da opção sócio-interacionista em questões de linguagem, pois essa clientela apresentava, em relação à linguagem, dificuldades das mais variadas naturezas, pelo uso limitado que fazia da linguagem escrita em seu dia-a-dia e pelo hábito de pouca ou nenhuma leitura (de livros, jornais, revistas, etc.) instalado na sociedade brasileira, principalmente nestas classes de menor poder aquisitivo.

Da adoção desse arcabouço teórico no ensino da Língua Portuguesa decorreram mudanças básicas no trabalho docente, que foram desde a postura do professor em relação ao trato com o aluno, à seleção e enfoque dos conteúdos, às atividades em sala de aula, ao papel da metalinguagem no ensino da língua e aos critérios de avaliação.

Optei por uma relação não autoritária professor-aluno e por um critério de avaliação que fugia a questões de ordem ideológica (correção conteudística) e também a questões meramente formais (correção ortográfica, concordância, etc. e somente isso).

O domínio das habilidades de uso da língua, em situação concreta de interação, entendendo e produzindo enunciados e percebendo as diferenças entre uma forma de expressão e outra era objetivo no 1º grau e ele seria atingido através de atividades em torno do ensino da

língua.

No transcorrer das quatro séries finais do primeiro grau (de 5ª a 8ª), na atividade de produção o aluno trabalhava textos narrativos, descritivos e dissertativos; normativos, de correspondência e jornalísticos. Textos em prosa e verso, de caráter informativo e literário.

De acordo com a série, alguns tipos de textos foram privilegiados, sempre se levando em conta a precedência de algumas aquisições em relação a outras. Assim, na 5ª série foram trabalhados Textos Narrativos produzidos a partir de histórias familiares, principalmente, e de textos curtos ligados aos temas destas histórias. A presença dos elementos constituintes, sua seqüência e estrutura mínima do texto o aluno deveria dominar até o final do ano letivo; na 6ª série permaneceram as histórias familiares em menor número; e partiu-se, na produção escrita, de textos curtos sempre completos, que tinham como temática central a História do Brasil (inclusive os pontos obscuros pouco discutidos dessa História), ou do noticiário de imprensa, inclusive televisivo, que tematizasse fatos contemporâneos. Eram importantes as informações referenciais relativas ao tempo e local onde ocorreram os fatos; ainda o porquê destes fatos deveria ser objeto de debate oral, e constar do texto escrito produzido pelo aluno.

Na 7ª série os textos narrativos ainda partiam da leitura e discussão de textos jornalísticos, porém de reportagens, comentários e editoriais. Os debates provocavam uma reflexão sobre o acontecimento objeto da publicação, e esclareciam o "porquê" de sua ocorrência; e para tanto recorria-se a informações inclusive de outras disciplinas. O texto narrativo sobre a mesma temática, resultante destas atividades, deveria dar mostras de enriquecimento provocado pelo debate. Textos de ficção, lendas, contos e fábulas também serviram de ponto de partida para a produção de textos narrativos orais/escritos. Na 8ª série procedeu-se a uma revisão das várias modalidades de texto narrativo estudadas, com vistas a uma reflexão sobre as características de cada uma delas.

O texto dissertativo, nesta dinâmica de trabalho, começou a ser subsidiado já na 5ª e 6ª séries ao serem discutidos aspectos importantes das histórias familiares contadas pelos alunos, e os episódios da História do Brasil e da História Contemporânea, veiculados pelos órgãos de imprensa falada/escrita.

Na 7ª série houve um encaminhamento mais consistente para sua aquisição quando se discutia oralmente o porquê dos acontecimentos comentados pela imprensa. Não era necessário

que o aluno tomasse uma posição, mas um conjunto de razões coerentes para o acontecido deveria constar de seu texto. Não bastava apenas narrar os fatos. Do aluno da 8ª série, no entanto, já se esperava que argumentasse com coerência e adequação para sustentar sua posição quanto ao problema em pauta.

Os textos assim produzidos constituíam a grande fonte de dados em que o professor, a partir de uma análise atenta, detectava os problemas enfrentados pelos alunos no momento da produção e o modo como tentavam resolvê-los, o que possibilitava minha interferência na superação das inadequações de uma linguagem efetivamente em uso, sem artificialismos.

No contexto desta metodologia de ensino foram trabalhadas as narrativas e no interior destas foram minimizados os problemas de ordem microestrutural lingüística, como concordância nominal e verbal, regência nominal e verbal, ortografia, etc. e uma estrutura básica da narrativa incorporada, revelando-se planos do narrado e do comentado, com articulações adequadas (coesão, coerência, informatividade, progressão, etc.).

Capítulo 1

Aquisição da Superestrutura Narrativa

Neste capítulo vou discutir como, observando esse processo de aquisição do texto narrativo, os problemas de ordem macroestrutural, superestrutural e microestrutural foram vivenciados e trabalhados pelos alunos-autores, rumo à superação/minimização dos mesmos no decorrer do 1º grau.¹⁰

Inicialmente foram analisadas narrativas produzidas por um grupo de quatro alunos - identificados como AC, Lu, Jan e Rob - no decorrer do 1º grau (1988 a 1991), mais especificamente as produzidas na 5ª, 7ª e 8ª séries, para o estudo longitudinal desse processo de aquisição. A análise dos textos de 5ª série apresenta-se mais detalhada, atendo-se a das outras séries (7ª e 8ª) aos aspectos mais relevantes para este trabalho, de uma forma mais sucinta.

Posteriormente, textos de outros alunos - Den, Eric, JU, JC e Ren - foram apresentados, com a finalidade de explicitação de aspectos que não haviam ocorrido nas textos anteriores.

Apresento, a seguir, no Quadro I, a relação dos textos narrativos que constituem o corpus analisado. No decorrer desta dissertação as referências aos textos serão feitas pelos respectivos números após a letra T. Do anexo I constam todos esses textos na íntegra, seguindo a mesma numeração.

¹⁰

A retomada, no próprio texto, de conceitos teóricos subjacentes às análises efetuadas, e o detalhamento das mesmas, principalmente nos Capítulos 1, 2 e 3 se devem ao fato deste trabalho almejar como interlocutores, os professores de língua materna de 1º e 2º graus.

Neste sentido, os especialistas (às vezes interlocutores por dever de ofício), que me desculpem.

QUADRO I			
Nº do Texto	Título do Texto	Aluno	Série
01	A moça ressuscitou?	AC	5ª
02	O pênalti	Lu	5ª
03	A pizza de Camarão	Lu	5ª
04	A Chuteira	Jan	5ª
05	A Pizza	Jan	5ª
06	O sinal da Cruz	Rob	5ª
07	O kichute	Den	5ª
08	A vaca Bordada	Eric	5ª
09	A chuteira voadora	Ju	5ª
10	A origem das estrelas	Ac	7ª
11	A origem das estrelas	Lu	7ª
12	A Lenda das Estrelas	Jan	7ª
13	A origem das Estrelas	Rob	7ª
14	Quem tudo quer, tudo perde	AC	8ª
15	O Aborto	AC	8ª
16	Pegando Fogo:	Lu	8ª
17	A grande surpresa	Jan	8ª
18	O aborto	Jan	8ª
19	A precipitação no Amor	Rob	8ª
20	Um acontecimento inesperado	J.C.	8ª
21	O fim da minha felicidade	Ren.	8ª

Para a análise da aquisição da superestrutura do texto narrativo, utilizei os procedimentos propostos por Machado¹¹ que, a partir dos trabalhos de Labov e Waletzki¹² e Weinrich¹³, detecta no texto partes essencialmente narrativas e partes não essencialmente narrativas, estabelecendo porém, certas modificações sobre os quadros teóricos por eles configurados, em relação a esse tipo de texto. Labov e Weinrich atribuem o traço de Essencialidade, numa narrativa, aos elementos de Complicação (e talvez Resolução), para o primeiro autor; e, para o segundo autor, aos elementos do Primeiro Plano.

Aqui parece residir a grande confluência entre as duas abordagens à narrativa: ao Primeiro Plano postulado por Weinrich é fácil associar-se as funções de Complicação e Resolução de Labov; ao Plano de Fundo, as seções de Avaliação, Orientação e Coda.

Machado, porém, não confere às seções da narrativa nenhum estatuto de 'funções governantes da narrativa' ou de 'partes plenamente da narrativa'. O que Machado fez "foi descrever as diversas seções que compõem o nosso material de trabalho, os textos narrativos, conferindo-lhes valores de essencialmente ou não essencialmente narrativas sobretudo pela sistematicidade e regularidade com que aparecem num texto." (p. 237).

Machado conclue que, independentemente dos nomes dados pelos diversos autores, Avaliação, Orientação e Coda ou Plano de Fundo - "o fato é que há certas partes do texto cumprindo diferentes funções e que distinguem-se em sua pertinência mesmo, daqueles elementos de Complicação e Resolução ou do Primeiro Plano." ¹⁴

O texto narrativo, então, compreende duas grandes seções: "uma que cumpre funções de referência, avaliação e finalização de texto, e uma outra que se ocupa unicamente com a recuperação do acontecimento singular e único narrado - a seqüência narrativa". ¹⁵

"... essas conclusões alcançadas devem ser entendidas sob a perspectiva da

¹¹

Rosa Helena Blanco, MACHADO, *Algumas Questões Sobre A Narrativa (Elementos Essenciais e Elementos Não-Essenciais da Narrativa)*. (1980)

¹²

Labov e Waletzki (1967) e Labov (1972)

¹³

Harald, WEINRICH, *Le Temps*. (1973)

¹⁴

Op.Cit. p. 242

¹⁵

Op. Cit. p. 242

análise do texto, e mais especificamente do texto narrativo, ou do que se chama convencionalmente de Narrativa: todo aquele produto discursivo realizado pelo sujeito falante mediante uma situação de fala na qual se tem solicitado a emergência de um processo narrativo ou aquele de recapitulação de experiências passadas ou de recuperação de um acontecimento configurando-se suas unidades lingüísticas mínimas - enunciados, responsáveis pelos eventos, na ordem em que esses eventos de fato ocorreram." segundo Machado, (1980: 239-40)

Para o rastreamento do processo de aquisição da Superestrutura do Texto Narrativo, entendida conforme já explicitado acima, primeiramente procedi à identificação das seções presentes nos textos de alunos e, posteriormente, à identificação dos Planos dessas narrativas e seu papel na composição do quadro maior de ocorrências desse tipo de texto.

Análise dos textos produzidos na 5ª série

Analizados sob o ponto de vista estrutural os textos narrativos denominados Histórias Familiares, produzidos por alunos da 5ª série¹⁶, verificou-se que todas as narrativas apresentaram as seções de Orientação e de Complicação, sendo que as seções de Avaliação e de Resolução faltaram a algumas delas, a Coda estava ausente de um número ainda maior, e a seção de Resumo não foi encontrada em qualquer delas.

a. Seção de Orientação:

As seções de Orientação desses textos, que têm a função de orientar o ouvinte a respeito de personagem, lugar, tempo e situação, e devem, portanto, conter os elementos

16

As Histórias Familiares consistem de relatos orais, feitos em sala de aula, de episódios de várias naturezas, ocorridos com a família e/ou pessoas da família dos alunos, e dos quais os mesmos tomaram conhecimento através de conversas com os mais velhos, ou seja, avós, pais, tios, etc.

Após sua apresentação, tais relatos são registrados pelos alunos em seus cadernos de produção de textos e, posteriormente, seus temas e subtemas discutidos e aprofundados através da leitura de outros textos curtos, especialmente selecionados para esse fim.

discursivamente considerados necessários à compreensão dos eventos, em geral cumpriram essa função, conforme se pode verificar nas passagens transcritas abaixo:

- (1) *Uma amiga de João Marcos, a Bia, o contou que uma vez, alguns tempos atrás, numa vila morava uma velha, que todo dia passava mal.*
Todo dia ia um médico na sua casa para tratar dela.
Um dia, como estava chovendo forte, ele resolveu não ir.
(T 1)
- (2) *O tio do Renato, João, jogava futebol num time chamado Sereno, lá em Souza.*
O jogo estava indo bem, ...
(T 2 -)
- (3) *Quando o tio de Juliana Alvair, tinha 7 anos, ...*
(T 3)
- (4) *No ano de 1986 o tio do Renato, João, foi ao Distrito de Souza jogar bola. Era a decisão do time Sereno, eles precisariam ganhar o jogo p/ ir a final.*
(T 4)
- (5) *A amiga Valéria da classe, contou para nós uma história.*
A história era que seu avô Primo tinha um caminhão e todos os fins de semana ele leva a família para passear.
Sua avó Isolina e seu avô Primo tiveram onze filhos.
Eles moravam numa pequena cidade chamada Eliorruth.
.....
... e toda vez que eles iam passear sua avó Isolina fazia o sinal da cruz com o pé na frente do caminhão.
(T 6)

Embora nos exemplos 1, 2, 3, 4 e 5 nas referências que constituem a Orientação não haja esclarecimentos sobre "Renato", "Juliana" e "João Marcos", o que à primeira vista poderia sinalizar uma falha na construção da superestrutura narrativa (mesmo se levando em conta que a Orientação nem sempre realiza as quatro funções citadas juntas), o não esclarecimento de quem sejam estas pessoas apresentadas logo na primeira linha das respectivas narrativas, se explica pelo fato de estas histórias terem sido relatadas em sala de aula onde todos se conheciam, sendo, na opinião dos alunos autores, ao que parece, dispensável a apresentação do relator, no texto escrito:

- (6) *O tio do Renato, João, jogava futebol num time chamado Sereno, lá em Souza's.*
(T 2)
- (7) *Quando o tio de Juliana, Alvaír, tinha 7 anos, seu avô Virgílio o levou para um restaurante... (T 3)*
- (8) *No ano de 1986 o tio do Renato, João, foi no Distrito de Souza's jogar bola.*
(T 4)
- (9) *Quando o tio de Juliana, Alvaír, tinha sete anos, ele foi num restaurante no município de Jundiá com o seu pai Virgílio. (T 5)*
- (10) *Uma amiga de João Marcos, a Bia, o contou que uma vez... (T 1)*

Ainda no T 2, não há referência à época (tempo) em que ocorreu o fato, nem à importância do mesmo dentro de um contexto maior, ou seja, o campeonato em andamento, conforme aparece no T 4. (ex. 11)

Sente-se, no T 2, a falta desta explicitação que justificaria o relato desse acontecimento.

- (11) *Era a decisão do time Sereno, eles precisariam ganhar o jogo para ir a final*
(T 4)

b. Seção de Complicação

No que diz respeito à Complicação, que compreende o corpo de enunciados que contém os acontecimentos propriamente ditos, ordenados temporalmente na seqüência em que ocorreram, todas as Histórias Familiares analisadas apresentam essa seção, conforme exemplos abaixo. Algumas narrativas, como o T 3 se reduzem, quase exclusivamente, à Complicação.

- (12) *Certa hora uma moça bateu em sua porta, avisando que a velha estava passando muito mal e que ia morrer. O médico pediu para ela esperá-lo, mas enquanto ele se arrumava, a moça foi embora.*
Quando ele chegou na casa da velha ele cuidou dela, e ela ficou bem de novo.
A velha perguntou ao médico, como ele havia descoberto que ela estava passando mal, e o médico disse que foi uma moça.
Ele viu a foto da moça na mesa da velha, e disse foi ela que o avisou.
(T 1)
- (13) *... o seu avô Virgílio o levou p/ um restaurante p/ comerem pizza de camarão. Alvaír comeu primeiro a pizza, para depois comer o camarão, quando ele foi comer o*

camarão, o garçon pegou o prato e levou p/ lavar, o Alvair ficou chorando que queria comer camarão.

(T 3)

- (14) *... até que houve um pênalti, João quis cobrar o Pênalti mas sua chuteira estava desamarrada*

(T 2)

- (15) *No finalzinho no 2º tempo, João fez uns rolos dentro da área e o juiz marcou um pênalti.*

.....
Na hora de bater o pênalti a chuteira de João saiu do pé bateu no goleiro...

(T 4)

- (16) *... ele foi num restaurante no município de Jundiá com o seu pai Virgílio.*

Chegando lá eles pediram uma pizza de camarão e começaram a jantar.

Alvair juntou os camarões no cantinho do prato e comeu toda pizza.

O garçon veio e levou o seu prato com os camarões...

(T 5)

- (17) *Num certo dia seu avô e sua avó resolveram passear de caminhão com seus onze filhos...*

.....
Horas depois, eles estavam fazendo uma curva quando de repente o caminhão capotou.

(T 6)

c. Seção de Avaliação

A Avaliação que explicita a atitude do narrador em direção à narrativa, enfatizando a importância relativa de algumas unidades em comparação a outras, muitas vezes constitui uma seção bem definida que precede a Resolução, pois enfatiza o ponto em que a Complicação chegou ao máximo.

Em vários dos textos analisados a Avaliação teve sua presença marcada dessa maneira (exs. 18 e 19):

- (18) *O tio do Renato só jogava bola com a chuteira desamarrada. (T 4)*

- (19) *... mas sua chuteira estava desamarrada e ele não percebeu. (T 2)*

Mas também manifestou-se em diferentes pontos dos textos através de estruturas

sintáticas próprias, como a do ex. 20, com a presença de um intensificador - "tão... que"; ou constituindo a Coda, o que caracteriza um acúmulo de função (ex. 21):

(20) ... *Alvair ficou tão bravo que fez o maior berreiro.* (T 5)

(21) ... *e eles pensam que foi por causa da cruz.* (T 6)

A ausência de Avaliação dos eventos notáveis de uma narrativa resulta num texto sem significado, levando o leitor a formular imediatamente questões para esclarecimento de fatos que não foram suficientemente explicados pelo narrador, como por exemplo quando falta a explicitação do porquê os fatos ocorreram como ocorreram.¹⁷

d. Seção de Resolução

A seção de Resolução constitui a parte da narrativa que complementa a Complicação. A ruptura entre essas duas seções ocorre, muitas vezes, através de uma seção de Avaliação, conforme já citado. Dos textos analisados, o T 1, T 2, T 4 e T 6 apresentaram esta seção, conforme os exemplos abaixo:

(22) *A foto era da filha da velha que havia morrido.*

(T 1)

(23) *Quando ele chutou a chuteira saiu voando e bateu na barriga do Goleiro e ele se abaixou, nisso, a bola foi entrando devagarinho no cantinho do gol.*

(T 2)

(24) *Na hora de bater o pênalti a chuteira de João saiu do pé bateu no goleiro e a bola entrou no cantinho da trave.*

(T 4)

17

Estas explicações, no entanto, podem não ocorrer, quando, numa determinada situação de produção de texto, escrito ou oral, os interlocutores partilham (ou o produtor do texto supõe que partilham) certos conhecimentos prévios, subjacentes ao texto.

No T 4 e T 3 (cf. Anexo 1), não se explicita a razão de Alvair ter comido toda a pizza (massa) e deixado os camarões no cantinho do prato. Esta atitude foi interpretada pelo garçom, erradamente, como uma rejeição do garoto à cobertura da pizza, porém ela era sinal de outra coisa: o garoto apreciava tanto camarão - petisco raramente saboreado pelas pessoas de menor poder aquisitivo, pelo seu alto custo - que os deixou para o final da refeição, a fim de saboreá-los melhor.

A coerência deste trecho só se estabelece se este costume bastante freqüente, principalmente entre as crianças, for do conhecimento do ouvinte/leitor.

- (25) *Ninguém se machucou*
(T 6)

Alguns textos, porém, não a apresentaram, como no exemplo 26, onde não constam as conseqüências das ocorrências relatadas e fica sem resposta a pergunta subjacente e o que afinal aconteceu? que, segundo Labov, deveria ser respondida pela Resolução:

- (26) *Quando o tio de Juliana Alvair, tinha 7 anos, o seu avô Virgílio o levou p/ um restaurante p/ comerem pizza de camarão.*
Alvair comeu primeiro a pizza, para depois comer o camarão, quando ele foi comer o camarão, o garçom pegou o prato e levou p/ lavar, o Alvair ficou chorando que queria comer camarão.
(T 3)

Quando só se atualiza a seqüência narrativa (Complicação/Complicação e Resolução), os textos pecam pela ausência de "detalhes" de referência e avaliação, embora se cumpra o processo narrativo somente com a presença daqueles elementos essenciais à constituição desse tipo de texto.

e. Seção de Coda

A Coda, que aparece com menor freqüência nos textos narrativos que os demais elementos, e que tem a função de finalizar o texto assinalando que as questões colocadas (o que aconteceu então? e e daí?) já respondidas pela Complicação e Resolução não são mais relevantes, está fora do acontecimento propriamente.

A Coda tem por função primeira restabelecer o momento da enunciação, trazendo a perspectiva de locução para o momento presente, recuando o ocorrido/narrado no tempo.

Com freqüência ocorre uma superposição de funções e a Coda cumpre também um papel de Avaliação, em que podem ocorrer, inclusive, formas diversas de comentários ou apreciações, mais diretamente ligados àquele acontecimento narrado; ou elementos descritivos misturados a pequenos comentários.

As Codas são, assim, indícios de uma descrição ou de uma dissertação - outras posturas

assumidas pelo falante no momento da construção de seu discurso, ainda que este seja eminentemente narrativo.

Dos textos de 5ª série analisados, apresentaram Coda: o T 4 e T 6.

(27) *E eles conseguiram entrar para a final. (T 4)*

(28) *... e eles pensam que foi por causa da cruz. (T 6)*

e não a apresentaram: o T 2 e T 5, conforme se pode verificar pela leitura dos exemplos 29, e 30 respectivamente, e o T 3, exemplo 26, acima:

(29) *"O pênalti"*

O tio do Renato, João, jogava futebol num time chamado Sereno, lá em Souza.

O jogo estava indo bem, até que houve um pênalti, João quis cobrar o Pênalti mas sua chuteira estava desamarrada e ele não percebeu.

Quando ele chutou a chuteira saiu voando e bateu na barriga do Goleiro e ele se abaixou, nisso, a bola foi entrando devagarinho no cantinho do gol. (T 2)

(30) *A pizza*

Quando o tio da Juliana, Alvaír, tinha sete anos, ele foi num restaurante no município de Jundiá com o seu pai Virgílio.

Chegando lá eles pediram uma pizza de camarão e começaram a jantar.

Alvaír juntou os camarões no cantinho do prato e comeu toda pizza.

O garçom veio e levou o seu prato com os camarões, Alvaír ficou tão bravo que fez o maior berreiro (T 5)

Sob o ponto de vista do estabelecimento dos Planos da Narrativa, marcados pelo uso dos tempos verbais, segundo Weinrich¹⁸, foi observado que os alunos não apresentaram dificuldades,

18

H. Weinrich em sua obra Tempus estabelece os Planos da Narrativa, a partir da ocorrência dos tempos verbais, como marcas utilizadas pelo autor para valorizar alguns eventos que traz para o Primeiro Plano e estabelecer o Plano de Fundo, de que fazem parte as descrições, reflexões e comentários, referências que facilitam a escuta/leitura e interpretação do texto. Para o Primeiro Plano usa-se o Perfeito e para o Plano de Fundo o Imperfeito.

como se pode verificar pelo tratamento dado aos fatos que constituem o Primeiro Plano e, por isso mesmo, vêm expressos no Pretérito Perfeito, nos exemplos: 12, 13, 14, 15, 16, 17, 23, 24 e 25 e àqueles que constituem o 2º Plano e vêm expressos no Imperfeito, nos exemplos: 1, 2, 3, 4, 5, 18 e 19, a não ser no T 1, (ex. 31, abaixo) em que a própria construção do sentido é comprometida pela dificuldade que o aluno encontrou em reproduzir, de acordo com as normas da escrita, os diálogos entre os personagens de sua história, ou seja, de utilizar o tempo verbal adequado, (mais que perfeito composto) em se tratando de discurso indireto e segundo plano da narrativa (antecedente narrativo).

(31) *A velha perguntou ao médico, como ele havia descoberto que ela estava passando mal, e o médico disse que foi uma moça.
Ele viu a foto da moça na mesa da velha, e disse foi ela que o avisou.*
(T 1)

No T 6 (ex. 32) numa seqüência que faz parte da seção de orientação do texto, portanto do Segundo Plano da narrativa, sem qualquer explicação plausível o verbo levar aparece no presente e o verbo ter, (em sua segunda ocorrência) no perfeito. No caso do verbo levar, talvez o engano se deva a uma distração do próprio aluno ao escrever a palavra, já que a sílaba que falta é idêntica à anterior.

(32) *A história era que seu avô Primo, tinha um caminhão e todos os fins de semana ele leva a família para passear.
Sua avó Isolina e seu avô Primo tiveram onze filhos.
Eles moravam numa pequena cidade chamada Eliorruth.*
(T 6)

Análise dos textos narrativos produzidos na 7ª série:

Os textos narrativos de 7ª série tomados para análise, foram produzidos a partir da leitura de um livreto fartamente ilustrado, cujo texto apresentava a lenda "A Origem das

Estrelas", do acervo cultural da tribo Bororo, de Mato Grosso.¹⁹ (Cf Anexo II)

Em relação à Superestrutura do Texto Narrativo, a maioria das produções analisadas apresentaram as seções de Orientação, Complicação, Avaliação e Resolução, sendo que o T 13 e o T 10 apresentaram ainda a seção de Coda, e o T 12 apresentou a de Resumo. Apenas o T 11 diferiu do grupo, pois apresentou um Resumo, a Complicação e a Resolução plenamente desenvolvidos e a Orientação sinalizada apenas em algumas passagens através do léxico, caracterizando o espaço, conforme exemplos. 33 e 34:

(33) ... *pediram para um pássaro que amarrasse um cipô no céu...*

(T 11)

(34) ... *suas mães caíram no chão de quatro... e os curumins ficaram preços no céu.*

(T 11)

A Avaliação também inexistiu como uma seção, aparecendo apenas no início do texto, na parte subordinada de uma das orações que constituíam o Resumo:

(35) ... *por causa do medo que alguns curumins ficaram de suas mães...*

(T 11)

No T 12 não houve fidelidade na reprodução do texto lido, quando na Complicação e Resolução a aluna coloca informações outras que não as originais:

(36) ... *e levam os curumins. A colheita foi boa que quando entraram em suas tabas, os curumins pediram que a avó... (T 12)*

(37) *Então os curumins jogaram o cipô no céu onde lá viraram estrelas e suas mães onças. (T 12)*

Este último fato talvez se explique pelas condições em que o texto foi produzido: como os alunos não tiveram acesso ao texto escrito, mas somente ouviram o mesmo, lido em voz alta pelo professor, enquanto mostrava as ilustrações do livro para a classe, é possível que a aluna tenha "perdido" episódios da história, que teve que suprir, a seu modo, no momento da produção escrita.

¹⁹

A propósito da produção de textos escritos a partir da leitura de textos curtos, na 7ª série, ver pág. 14.

Quanto à utilização dos Tempos Verbais, analisados em sua significação e função dentro da totalidade discursiva, verificou-se o seguinte: os alunos, na 7ª série, se utilizaram adequadamente dos Tempos Verbais na determinação dos dois Planos da Narrativa, na quase totalidade das ocorrências.

Os fatos eleitos como mais importantes (1º Plano) foram expressos no Pretérito Perfeito, como nos exemplos 38 e 39:

(38) *No dia seguinte resolveram levar uma criança... E o curumin realmente, trouxe sorte, pois acharam um milharal enorme. O indiozinho muito guloso, sem que ninguém notasse, catou algumas espigas e saiu correndo para sua oca, onde pediu para sua avó fazer um bolo bem gostoso...*

(T 10)

(39) *Então pediram para um pássaro que amarrasse um cipô no céu e começaram a subir e suas mães nervosas subiram atrás mas um dos curumins cortou os cipôs e quando suas mães caíram no chão de quatro viraramonça e os curumins ficaram preços no céu e viraram estrelas.*

(T 11)

e, os secundários, no Imperfeito, constituindo assim o 2º Plano da Narrativa, conforme exemplos 40 e 41.

(40) *Os índios pescavam, caçavam e guerreavam mas na taba nada faziam, ficavam dormindo em redes.*

Só as mulheres trabalhavam moendo o milho dentro de um pilão.

(T 13)

(41) *Eles acreditavam que as crianças davam sorte nas colheitas de milho.*

(T 12)

No entanto, no T 12, o verbo levar aparece no Presente, embora faça parte da seção de Complicação desse texto narrativo e, portanto, do Primeiro Plano da narrativa, contrariando, essa ocorrência, o uso dos tempos verbais nos Textos Narrativos, e causando, aqui, dificuldades na interpretação desse trecho.:

(42) *Certo dia as índias saíram a procura de milho e levam os curumins*

(T 12)

No T 13, as elipses diante dos gerúndios (subindo e pedindo) dificultam a construção do sentido do enunciado, e o uso do presente do subjuntivo no lugar do imperfeito do subjuntivo causa incoerência local. As elipses devem ser inferidas como verbos no Perfeito, já que participam da seção de Complicação do texto, e, portanto, do Primeiro Plano do mesmo.

- (43) *Os curumins subindo pelo cipó e suas mães lá debaixo pedindo para que eles desçam.*
(T 13)

Análise dos textos narrativos produzidos na 8ª série

Nas produções de 8ª série, relatos de experiência pessoal a partir de um tema dado/estabelecido após realização de leituras e debates,²⁰ todos os textos analisados apresentaram as seções de Orientação, Complicação, Avaliação e de Resolução. Como seção de Orientação temos os exemplos 44 e 45:

- (44) *Samantha era uma menina muito egoísta, que queria tudo para si.*
Ela adorava chocolates, como outros doces também.
(T 14)
- (45) *Era uma vez, uma garota, que se chamava Paula, ela namorava com um garoto que se chamava André.*
Os dois formavam um casal perfeito, mas, eles brigavam muito.
Ele aparentava ser um rapaz responsável cabeça e muito apaixonado.
Mas não era nada do que aparentava ser. Ele era um cafageste, ladrão e não gostava de sua namorada Paula.
Paula era uma garota apaixonada e que se dedicava ao seu namorado, fazendo tudo o que ele queria.
(T 12)

de Complicação, os exemplos 46 e 47:

- (46) *Depois de três meses de namoro eles tiveram uma relação e a menina engravidou.*

20

Os temas desses debates eram escolhidos pelos próprios alunos a partir de motivações específicas da adolescência, ou de interesse mais geral (suscitado por artigos de jornais e revistas, noticiário televisivo, ou ainda textos literários), ambas suficientemente fortes a ponto de movê-los no sentido de obterem informações de várias fontes, que lhes possibilitassem uma visão ampla e um posicionamento a respeito do assunto.

.....
Quando Alessandro soube que Rúbia estava grávida, ele não quis assumir a responsabilidade e a deixou.

A menina, então, optou para o aborto sem seus pais saberem.

(T 19)

(47) *Então o pai da minha amiga pegou uma vela e foi no quartinho pegar as varas de pescar,*

.....
Depois de ter pegado as varas ele trancou o quartinho e nós fomos para o lago do sítio, só que ele esqueceu a vela dentro do quartinho...

(T 16)

de Avaliação, os exemplos 48 e 49:

(48) *..., com medo que visse os chocolates,.....*

.....
não dava para comer.

(T 14)

(49) *A família ficou muito arrasada e tão traumatizada que nunca mais saíram de casa.*

(T 17)

e de Resolução, os exemplos 50 e 51:

(50) *... minha amiga voltou na casa... e viu o quartinho pegando fogo.*

(T 16)

(51) *Ao chegar, bem mais tarde, foi procurar os chocolates, mas quando os viu estavam todos derretidos...*

(T 14)

sendo que o T 19, o T 18 e o T 17 apresentaram ainda a seção de Coda (exs. 52 e 53):

(52) *Os pais da menina tentaram localizar Alessandro e, ninguém nunca mais ouviu falar dele.*

(T 19)

(53) *Tendo um diálogo com seus pais, chegaram a conclusão de que seria melhor para sua filha.*

(T 18)

Obs.: A linha final do T 17, acumula as funções de Coda e Avaliação (ver ex. 49)

Nenhum dos textos apresentou Resumo.

Pela análise feita, todas as seções, em todos os textos, cumpriram satisfatoriamente as funções para elas previstas na superestrutura de um texto narrativo.

Os tempos verbais foram também adequadamente utilizados na quase totalidade das ocorrências, delimitando os Planos das narrativas e sinalizando as diversas seções que compõem seus elementos essenciais e não essenciais.

São fatos essenciais às narrativas de que fazem parte, tendo sido expressos no Perfeito, os citados nos exemplos 46, 47, 50 e 51, e fatos secundários, que auxiliam na constituição do Plano de Fundo das narrativas a que pertencem, expressos no Imperfeito, os dos exemplos 44, 45 e 48.

Fugiu às normas deste emprego, causando incoerência local, a expressão do antecedente narrativo (Plano de Fundo) no Perfeito, conforme o exemplo 54, abaixo:

(54) *Então o pai da minha amiga pegou uma vela e foi no quartinho pegar as varas de pescar, pois dono do sítio do lado nos convidou p/ irmos passar o dia no seu sítio.*
(T 11)

Notei uma maior preocupação com as seções de Orientação e Avaliação, nas narrativas produzidas na 8ª série. Atribuí esta prática ao fato de as histórias escritas pelos alunos constituírem novidade mesmo para os leitores da própria classe, o que exigiu dos autores uma referenciação mais detalhada que viesse a facilitar a leitura e interpretação do fato único e singular que elegeram para divulgar, através de sua produção escrita.

Nas séries iniciais tema e assunto eram dados, na maior parte das atividades de produção, (embora predominantemente sugeridos pelos alunos), ficando o autor somente com o espaço da focalização, já que tinha a liberdade de organizar seu texto conforme o prisma permitido por sua visão de mundo, a qual se refletia no título e desenvolvimento dado por ele a seu texto.

Melhor explicando, na atividade de produção das "Histórias Familiares", o tema e o assunto eram trazidos pelo colega que relatava oralmente a história a ser escrita. (textos de 1

a 9 do Anexo I)

Já nas séries mais adiantadas só o tema era dado, ficando a cargo do aluno-autor "a instauração de uma realidade' na qual deve-se direcionar o acontecimento recuperado... [que] se coloca para o narrador como o de maior importância e digno de ser contado. Por essa razão se dá com ênfase também a sua avaliação/apreciação, de forma a ser 'referendada' e compartilhada pelo interlocutor a importância a ele concedida". (Machado: 206-207), conforme se pode verificar nos textos de 15 a 21 do Anexo I.²¹

Há bastante variação na natureza e frequência dos elementos de Orientação, nas diversas narrativas vistas. Tal variação decorre "não apenas de um 'estilo' do narrador, mas também das 'necessidades' advindas da situação de interlocução existente."²²

Já através da seção de Avaliação e dos elementos avaliativos distribuídos em outros pontos da narrativa, o aluno-autor pôde argumentar no sentido de atingir os objetivos a que se propunha com aquele texto, incentivo que não existia, a não ser por adesão, na produção dos textos narrativos das séries anteriores, produzidos a partir de relatos orais de Histórias Familiares, audição/leitura de contos, lendas, fábulas e noticiário jornalístico.

O procedimento descrito para as séries iniciais tinha por objetivo livrar o aluno da preocupação da criação de uma história a ser narrada, para que pudesse se dedicar exclusivamente à produção do texto escrito enquanto atividade lingüística, de uso dos recursos da língua para registro/recuperação de um texto já dado.

A conscientização no uso desses recursos lingüísticos e a respeito da superestrutura narrativa ia se fazendo através das atividades de leitura, releitura e reestruturação dos textos assim produzidos, com o objetivo de adequá-los às exigências da modalidade escrita e da situação comunicativa, sem trair seu sentido original.

Pela observação dos textos narrativos produzidos da 5ª à 8ª série, foi possível concluir que, no decorrer do primeiro grau, o aluno foi se apropriando das técnicas de estruturação dos diversos tipos de texto narrativo, sendo capaz de quase sempre adequar sua produção às necessidades atuais da situação de interlocução "em que os papéis dos interlocutores, bem como

²¹ Verificar as condições de produção do texto escrito nas páginas 14 e subsequentes

²² Op. Cit. p. 207

os dados da situação e mesmo o "objeto" do qual se fala, têm peso efetivo para a constituição, no sentido de formação do tipo de discurso que surge daí, no caso a Narração."²³

²³ Op. Cit. p. 206

Capítulo 2

Aquisição de aspectos relativos à coesão

Para a análise dos aspectos coesivos dos textos, tomou-se por base os conceitos de Koch, conforme segue:

"A coesão é explicitamente revelada através de marcas lingüísticas, de índices formais na estrutura da seqüência lingüística e superficial do texto, sendo, portanto, de caráter linear, já que se manifesta na organização seqüencial do texto. É nitidamente sintática e gramatical, mas é também semântica, pois como afirmam Halliday e Hasan (1976), a coesão é a relação semântica entre um elemento do texto e um outro elemento que é crucial para sua interpretação. A coesão é, então, a ligação entre os elementos superficiais do texto, o modo como eles se relacionam, o modo como frases ou partes delas se combinam para assegurar um desenvolvimento proposicional". Koch e Travaglia (1993).²⁴

Análise dos textos produzidos na 5ª série

A análise das narrativas produzidas na 5ª série revela que os alunos alcançaram o objetivo de manifestar sua intenção comunicativa na maioria dos textos. A relação entre os elementos superficiais, sua ligação e combinação se fizeram pelos recursos de coesão, que facilitaram a interpretação e o cálculo da coerência dessas narrativas.

Os textos mostram abundância de elementos coesivos, de natureza diversa.

Os elementos destacados nos exemplos 55 a 57 constituem mecanismos de coesão referencial, entendida como "aquela em que um componente da superfície do texto faz remissão a outro(s) elemento(s) do universo textual. Ao primeiro [elemento] denomino de forma referencial ou remissiva e ao segundo, elemento de referência ou referente textual." (Koch, 1989:30)

²⁴

KOCH e TRAVAGLIA. *Texto e Coerência*. pp. 13 - 14.

Nos exemplos 55 e 56, estão destacadas as formas remissivas referenciais, que além de trazerem instruções de conexão (concordância de gênero e número), fornecem indicações no nível da referência (sentido). No exemplo 55, tio de Renato (1) e João (8), remetem a João (2); Sereno (5), remete a time (4); jogo (6) remete a um nome/SN não explicitado (embora inferível via conhecimento - prévio partilhado autor/leitor), em decorrência de salto temático ocorrido nesta passagem do texto. (ver ex. 69), o Pênalti (9), remete a um pênalte (7):

(55) *O tio de Renato, (1) João, (2) jogava futebol num time (3) chamado Sereno, (5) lá em Souzas.*

O jogo (6) estava indo bem, até que houve um pênalte, (7), João (8) quis cobrar o Pênalti (9) mas sua chuteira estava...

(T 2)

e, no exemplo (56), os camarões (3 e 7) e pizza (5), referem-se ao SN pizza de camarão (1); Alvair (8), refere-se a Alvair (2); seu prato (6) retoma o prato (4).

(56) *... Chegando lá eles pediram uma pizza de camarão (1) e começaram a jantar.*

Alvair (2) juntou os camarões (3) no cantinho do prato (4) e comeu toda pizza. (5)

O garçom veio e levou o seu prato (6) com os camarões, (7) Alvair (8) ficou tão bravo que fez o maior berreiro.

(T 5)

Em Português, a elipse possui, com frequência, valor referencial, como no exemplo 57, em que se refere a a velha.²⁵

(57) *Certa hora uma moça bateu em sua porta, avisando que a velha estava passando muito mal e que o ia morrer.*

(T 1)

Nos exemplos 58, 59, 60 e 61, estão destacadas as formas remissivas não-referenciais de coesão, as quais não fornecem ao leitor/ouvinte quaisquer instruções de sentido, mas apenas instruções de conexão (por ex., concordância de gênero e número). Elas podem ser presas ou livres:

Formas remissivas não-referenciais presas são as que acompanham um nome,

²⁵ No decorrer deste trabalho, a elipse de algum termo/expressão será assinalada com ∅.

antecedendo-o e também ao(s) modificador(es) anteposto(s) ao nome dentro do grupo nominal. Exercem, portanto, a função de "artigo", (abrangendo, inclusive, aos determinantes da gramática estrutural e gerativa): artigos, pronomes adjetivos, numerais e pronomes pessoais de 1ª e 2ª pessoas; e formas remissivas não-referenciais livres, que são os pronomes pessoais de 3ª pessoa e pronomes substantivos em geral, bem como advérbios pronominais do tipo lá, aí, ali, acima, etc.

Os exemplos 58 e 59 destacam formas remissivas não-referenciais presas e os exemplos 66 e 67, formas remissivas não-referenciais livres:

Segundo Geraldi (1993: 56/57), com base em Bakhtin, "as consciências se constituem e operam através do material signico que "adquirem" nos espaços das interações que a própria formação social lhes permite...

Não se pode crer, no entanto, que uma vez estabelecidos estes universos eles se "eternizam", estabilizam-se sem possibilidades de novas construções".

(58) *Certa hora, uma moça bateu em sua porta avisando que a velha estava passando muito mal e que ia morrer.*

(T 1 - L 5 e 6)

(59) *Num certo dia seu avô e sua avó resolveram passear de caminhão com seus onze filhos e toda vez que eles iam passear sua avó Isolina fazia o sinal da cruz com o pé na frente do caminhão.*

(T 6 - L 6, 7 e 8)

(60) *Quando ele chegou na casa da velha ele cuidou dela, e ela ficou bem de novo.*

(T 1 - L 8)

(61) *Ninguém se machucou e eles pensam que foi por causa da cruz.*

(T 6 - L 10)

Os alunos-autores demonstraram desenvoltura no uso dos recursos remissivos (referenciais) de coesão, sendo raras as ocorrências de uso indevido desses recursos.

As ocorrências, analisadas mais detalhadamente, parecem originar-se do próprio processo de aquisição da linguagem escrita. No exemplo 68 houve a troca da forma pronominal lhe, (que remete anaforicamente a João Marcos, e que teria a função de objeto indireto do verbo contar), pela forma pronominal o (sempre usada com a função de objeto direto).

O fato de os alunos dessa faixa etária e condição social não se utilizarem de qualquer dessas formas pronominais na linguagem oral, mas normalmente da forma reta do pronome pessoal, antecedida de preposição (contou para ele) pode ter causado essa ocorrência de uso indevido desta forma não-referencial livre de coesão, sem que isso tenha causado ao aluno qualquer estranheza, pois que ambas as formas, o e lhe, não fazem parte de sua linguagem oral.

(62) *Uma amiga de João Marcos, a Bia, o contou que uma vez alguns tempos atrás...*
(T 1 - L 1)

As duas outras ocorrências também se explicam da mesma forma, pois na linguagem oral, a coincidência do som final de toda (ex. 63) torna imperceptível a existência do artigo a antes de pizza, (mesmo quando este a é conscientemente inserido na frase por um falante que conheça a diferença de sentido entre toda pizza (= qualquer pizza) e toda a pizza (= a pizza inteira).²⁶

(63) *Chegando lá eles pediram uma pizza de camarão e começaram a jantar.*
Alvair juntou os camarões no cantinho do prato e comeu a pizza.
(T 5 - L 4)

Também no exemplo 64 o artigo a, elemento coesivo não-referencial preso, é obrigatório por tratar-se de uma referência anafórica extra-textual, porque baseada no conhecimento prévio do autor/leitor, trazido à produção/leitura do texto pelo "frame" futebol, que pressupõe decisão, time, juiz, pênalti, bola, gol, etc e, inclusive uma final".

O artigo definido pode remeter a informações do conhecimento prévio dos interlocutores, conforme Weinrich, em "Teoria do Artigo", (apud Koch, 1989: 34/35).

A presença do artigo nesse caso gera uma crase, não perceptível na pronúncia, daí a dificuldade do aluno em registrá-la, na escrita:

(64) *Era a a decisão do time Sereno, eles precisariam ganhar o jogo para ir a final.* (T 4)

26

Reflito aqui sobre esta explicação constante da maioria das gramáticas - qualquer pizza e a pizza inteira. A mudança de sentido ocorre por conta do uso dos diferentes recursos coesivos, sendo que no caso de toda a pizza trata-se de uma referência anafórica, daí ser obrigatória a presença do artigo definido a para que haja, inclusive, coerência no texto.

"Existem regras para o emprego dos artigos como formas remissivas; por exemplo, um referente introduzido por um artigo "indefinido só pode ser retomado por um SN introduzido por artigo definido." (Weinrich (1971,1973) apud Koch 1989: 35)

"A coesão seqüencial diz respeito aos procedimentos lingüísticos por meio dos quais se estabelecem , entre segmentos do texto (enunciados, partes de enunciados, parágrafos e mesmo seqüências textuais), diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmáticas, à medida que se faz o texto progredir." (Koch, 1989:49) (grifos meus)

A progressão textual pode fazer-se com ou sem elementos recorrentes. Nos textos de 5ª série ocorrem ambos os tipos de coesão seqüencial, conforme apresentado abaixo.

Formas de coesão seqüencial por recorrência (parafrástica):

a) de tempos verbais: ²⁷

No exemplo abaixo, a recorrência do pretérito perfeito indica que se trata de uma seqüência de eventos essenciais da história narrada (1º Plano), na perspectiva zero de elocução.

(65) *Quando ele chutou a chuteira saiu voando bateu na barriga do Goleiro e ele se abaixou...*

(T 2)

E no exemplo 72 a recorrência do Imperfeito indica que se trata do 2º Plano do relato, de eventos que constituem o Plano de Fundo para a ação propriamente dita, na perspectiva zero de elocução, isto é, são eventos que ocorreram paralelamente àqueles que constituem a razão de ser do relato.

(66) *A história era que seu avô Primo, tinha um caminhão e todos os fins de semana...*

.....
Eles moravam numa pequena cidade chamada Eliorruth.

(T 6)

²⁷

A recorrência de tempos verbais tem função coesiva, indicando ao ouvinte/leitor se se trata de uma seqüência de relato ou comentário, de perspectiva retrospectiva, prospectiva ou zero, orientando-o, ainda quanto à maior/menor importância daquela passagem da narrativa: se são fatos essenciais, que constituem o 1º Plano, o da ação propriamente dita; ou se são não-essenciais, do 2º Plano, informações secundárias que apenas facilitam a interpretação da narrativa.

e formas de coesão seqüencial sem procedimentos de recorrência estrita (frástica):²⁸

- a) uso de termos pertencentes a um mesmo campo lexical, como procedimentos de manutenção temática. Através desses termos, um "frame" ou esquema cognitivo é ativado na memória do leitor/ouvinte, de modo que outros elementos do texto serão interpretados dentro deste "frame", o que permite desfazer ambigüidades e avançar perspectivas sobre o que deve vir em seqüência no texto. Notou-se a presença destes termos no T3 (ex. 29), em que aparecem: futebol, time, jogo, pênalti, chuteira, goleiro, bola, gol. (frame: futebol/jogo).

no T5 (ex. 16), em que ocorrem: pizza, restaurante, pizza de camarão, jantar, camarões, prato, garçom. (frame: restaurante/camarão)

- b) progressão temática

Na seqüenciação do texto, assume vital importância o modo como se opera a progressão temática.²⁹ Adotei, para a análise dos textos dos alunos, a concepção de progressão temática de Danes (1970).³⁰

Temos, entre os textos narrativos de 5ª série, vários tipos de progressão temática:

28

Na seqüenciação frástica "a progressão se faz por meio de sucessivos encadeamentos, assinalados por uma série de marcas linguísticas através das quais se estabelecem, entre os enunciados que compõem o texto, determinados tipos de relação. O texto se desenrola sem rodeios ou retornos que provoquem um 'ralentamento' no fluxo informacional".

Os "mecanismos de seqüenciação frástica.... se constituem em fatores de coesão textual na medida em que garantem a manutenção do tema, o estabelecimento de relações semânticas e/ou pragmáticas entre segmentos maiores ou menores do texto, a ordenação e articulação de seqüências textuais." (Koch, 1989, 55, 56 e 57)

29

"A questão da articulação tema/rema foi desenvolvida pelos linguistas da Escola Funcionalista de Praga (Danes, Firbas, Mathesius, Sgall entre outros), preocupados com a organização e hierarquização das unidades semânticas de acordo com seu valor comunicativo.

Do ponto de vista funcional, tal hierarquia se concretiza através de blocos comunicativos, que têm sido denominados tema (foco, tópico, dado) e rema (foco, comentário, novo)." Koch, 1989:57)

30

Segundo Danes, o "esqueleto da estrutura textual pode ser de cinco tipos: 1. Progressão Temática Linear; 2. Progressão Temática Com um Tema Constante; 3. Progressão com Tema Derivado; 4. Progressão Por Desenvolvimento De Um Rema Subdividido e 5. Progressão Com Salto Temático". Op. Cit. p. 58 a 60.

a Progressão Temática Linear, em que o rema de um enunciado passa a tema do enunciado seguinte, o rema deste a tema do seguinte, e assim sucessivamente, conforme o exemplo 74:

(67) A amiga Valéria, da classe, contou para nós uma história.

Tema (A) Rema (B)

A história, era que seu avô Primo, tinha um caminhão

Tema (B) Rema (C)

Sua avó Isolina e seu avô Primo tiveram onze filhos.

Tema (C) Rema (D)

(T 6)

a Progressão Temática com um Tema Constante, em que, a um mesmo tema, são acrescentadas, em cada enunciado, novas informações remáticas, conforme o exemplo 68:

(68) Eles, moravam numa pequena cidade chamada Eliorruth

Tema (A) Rema (B)

Num certo dia seu avô e sua avó resolveram passear de caminhão com seus onze filhos

Tema (A) Rema (C)

e toda vez que eles iam passear sua avó Isolina fazia o sinal da cruz com o

Tema (A) Rema (D) Tema (A) Rema (E)

com o pé na frente do caminhão.

Horas depois eles, estavam fazendo uma curva quando de repente o caminhão, capotou.

Tema (A) Rema (F) Tema (C) Rema (G)

Ninguém se machucou, e eles pensam que foi por causa da cruz

Tema (A) Rema(H) Tema(A) Rema (I)

(T6)

a Progressão Com Salto Temático, em que ocorre a omissão de um segmento intermediário da cadeia de progressão temática, deduzível facilmente do contexto, como no exemplo 69, em que a progressão tema A, rema C não é explicitada:

(69) O tio do Renato, João, jogava futebol num time chamado Sereno, lá em Souza.

Tema (A) Rema(B)

#

#

O jogo estava indo bem, até que houve um pênalti...

Tema (C) Rema (D)

(T 2)

A progressão temática, como se pode verificar, não se mantém dentro de um só tipo no decorrer de todo o texto. Há uma mistura de tipos, como no T6 onde, da linha 1 à 4 a progressão se deu de forma linear, e da linha 5 à 10, com tema constante.

Assim, quando classificamos a progressão temática, estamos falando do tipo que predomina naquele trecho, ou no texto como um todo.

Alguns textos, inclusive, não seguem os padrões classificados por Danes (1970), apresentando outros esquemas de progressão temática, como no exemplo abaixo (ex. 70):

- (70) João quis cobrar o Pênalti mas sua chuteira estava desamarrada e ele
 Tema (A) Rema(B) Tema(C) Rema(D) Tema (A)
não percebeu.
 Rema(E)
Quando ele chutou o (a bola) a chuteira saiu voando e o (a chuteira)
 Tema(A) Rema(F) Tema(C) Rema(G) Tema(A)
bateu na barriga do Goleiro e ele se abaixou, nisso, a bola foi entrando
 Rema(H) Tema(H) Rema(I) Tema F
devagarinho no cantinho do gol.
 Rema(J)
 (T 2)

Ainda dentre os recursos coesivos frásticos os alunos-autores utilizaram o encadeamento por justaposição e por conexão.³¹

São casos de encadeamento por justaposição com partículas os exemplos abaixo. Os elementos assinalados têm a função de demarcadores de episódios na narrativa, são marcadores de situação no tempo e/ou espaço:

- (71) Todo dia ia um médico na sua casa para tratar dela.
Um dia, como estava chovendo forte, ele resolveu não ir.
Certa hora, uma moça bateu em sua porta...
 (T 1)
 (72) Alvaír comeu primeiro a pizza, para depois comer o camarão...
 (T 3)

31

O encadeamento permite estabelecer relações semânticas e/ou discursivas entre orações, enunciados ou seqüências maiores do texto.

São bastante freqüentes nos textos analisados estes tipos de partículas exemplificadas acima, sendo praticamente obrigatória a presença de uma delas, demarcando o tempo, no início da seção de Complicação da narrativa. Ver exemplos 15 e 17.

Outro tipo de encadeamento, a conexão ou junção, através de conectores interfrásticos como as conjunções, os advérbios sentenciais e outras palavras (expressões) de ligação, que estabelecem entre orações, enunciados ou partes do texto, diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmáticas, pode ser observado nos textos narrativos produzidos pelos alunos de 5ª série.

Algumas destas relações são do tipo lógico-semânticas (exs. 73, 74 e 75) em que predominam as relações de **temporalidade, mediação e causalidade**:

(73) *Todo dia ia um médico na sua casa para tratar dela.* (rel. de mediação)

(T 1)

(74) *Horas depois eles estavam fazendo uma curva quando de repente o caminhão capotou.*

(relação de temporalidade - tempo simultâneo)

(T 6)

(75) *Alvair ficou tão bravo que fez o maior berreiro.* (rel. de causalidade)

(T 5)

Nos exemplos abaixo (76 a 78), podem-se observar relações do tipo discursivo. Nos textos analisados predomina, entre as relações discursivas, a de **conjunção**, através do encadeador de discurso e, seqüenciador típico do texto oral.

(76) *Certa hora, uma moça bateu em sua porta, avisando que a velha estava passando muito mal e que ia morrer.* (rel. de conjunção)

(T 1)

(77) *... o Alvair ficou chorando que queria comer camarão.* (rel. de explicação)

(T 3)

(78) *O médico pediu para ela esperá-lo, mas enquanto ele se arrumava, a moça foi embora.*

(rel. de contrajunção)

(T 1)

Encontram-se também várias ocorrências deste operador, em que, a meu ver, a relação estabelecida entre os segmentos textuais não é a de conjunção, porém a de **causalidade** (exs. 79 e 80)

(79) ... *ele cuidou dela, e ela ficou bem de novo.* (rel. de causalidade)

(T 1)

(80) ... *a chuteira de João saiu do pé bateu no goleiro e a bola entrou no cantinho do gol.*

(relação de causalidade)

(T 4)

ou ainda ocorrências em que o e funciona como articulador que sinaliza a sumarização de partes ou seqüências textuais (e = por esse meio, dessa maneira, assim), como no exemplo abaixo:

(81) E *eles conseguiram entrar para a final.* (Justaposição c/ partícula)

(T 4)

Análise dos textos produzidos na 7ª série

Os textos narrativos produzidos pelos alunos na 7ª série revelam a presença de um grande número de elementos coesivos, de natureza variada.

Nos exemplos 82 a 96 abaixo transcritos, apresentamos alguns mecanismos de coesão referencial, dos muitos presentes nos textos.

Nos exemplos de 82 a 87, estão destacadas as formas remissivas referenciais, que além das instruções de conexão, fornecem indicações no nível da referência.

No exemplo 82, a lenda do milho (2) remete anaforicamente a várias lendas (1);

(82) *Os indígenas acreditavam em várias lendas (1)*

É a lenda do milho (2), em que a história diz, ...

(T 10)

e, no exemplo 83, o curumin (3), e o indiozinho (5), remetem a uma criança (1); e sorte (4) remete a sorte (2);

(83) ... *o dia seguinte resolveram levar uma criança (1), pois achavam que isso daria sorte.*

(2) E o curumin (3) realmente trouxe sorte (4), pois acharam um milharal. O indiozinho

(5) muito guloso...

(T 10)

no exemplo 84, alguma coisa (5) remete a Depois de pronto, chamou os outros curumins e repartiu o bolo. (3); o bolo (4) remete a um bolo (2); e a avó (6) remete a sua avó (1).

(84) ... e saiu correndo para sua oca, onde pediu para sua avó (1) fazer um bolo (2) bem gostoso. Depois de pronto, chamou os outros curumins e repartiu o bolo (3) (4). Com medo que suas mães descobrissem alguma coisa (5), esconderam a avó. (6) numa caverna...
(T 10)

No exemplo abaixo, 85, a desgraça (2) remete a ... as mães caíram de quatro no chão se transformando em onças. (1).

(85) ... e as mães caíram de quatro no chão se transformando em onças (1).
Os curumins lá no céu, vendo a desgraça de suas mães (2), e agora sem poder...
(T 10)

no exemplo 86, a expressão as índias, (2), elíptica, remete a as índias (1); e as expressões o bolo (5) e o indiozinho (6), também elípticas, remetem a um bolo (4) e a o indiozinho (3), respectivamente:

(86) ... e as índias (1) tinham que procurar milho para outros tipos de alimentos. Então uma tarde depois de ter procurado muito e achado apenas 3 espigas de milho, no dia seguinte o (2) resolveram...
.....
O indiozinho (3) ... pediu para sua avó fazer um bolo(4) bem gostoso. Depois de pronto o (5), o (6), chamou os outros curumins e repartiu o bolo.
(T 10)

Em poucos casos ocorreram problemas na coesão referencial, em relação às instruções de congruência (indequações na concordância de número), conforme exemplo abaixo.

No exemplo 87, os cipôs (2) remete a um cipô (1), provocando incoerência local que, no entanto, não chega a dificultar a interpretação desta passagem.

(87) Então pediram para um pássaro que amarrasse um cipô (1) no céu e começaram a subir e suas mães nervosas subiram atrás, mas um dos curumins cortou os cipôs (2) e quando...
(T 11)

A coesão referencial, nestes textos de 7ª série, é marcada com mais frequência pelas formas referenciais com lexema idêntico ao núcleo do SN antecedente, com ou sem mudança de determinante, conforme exemplos (82) e (87); e parte dos exemplos (83) e (84); ou pela elipse, principalmente do sujeito, facilmente deduzível pela relação de referência estabelecida entre os contextos que envolvem a forma remissiva (elíptica) e seu referente textual, como no exemplo (86).

No entanto, embora "o lexema seja idêntico ao núcleo do SN antecedente", conforme comentário acima, o referente representado por um nome ou sintagma nominal (SN) vai incorporando traços que lhe vão sendo agregados à medida que o texto se desenvolve; ou seja, o referente se constrói no desenrolar do texto, modificando-se a cada novo "nome" que se lhe dê ou a cada nova ocorrência do mesmo "nome". Isto é, o referente é algo que se (re) constrói textualmente, conforme Blanche - Benveniste (1984), apud Koch (1989: 30/31).

Com menor frequência ocorreram mecanismos outros de coesão referencial, como através das remissivas constituídas por Nominalizações (ex. 85), Expressões Sinônimas ou Quase-Sinônimas (ex. 83), e Nomes Genéricos (ex. 84).

Ainda nos textos narrativos produzidos na 7ª série, observamos o emprego seguro das formas remissivas não-referenciais de coesão.

Os exemplos 88 e 89 destacam formas remissivas não-referenciais presas:

- (88) *Q indiozinho muito guloso, sem que ninguém notasse, catou algumas espigas e saiu correndo para sua oca, onde pediu para sua avó fazer um bolo bem gostoso.*
(T 10)
- (89) *Só as mulheres trabalhavam moendo o milho dentro de um pilão.*
(T 13)

e os exemplos 90, 91 e 92, formas remissivas não-referenciais livres:

- (90) *Quando já estavam todos subindo na corda, ...*
(T 10)
- (91) *Quando ele viu sua avó disse para ela fazer um bolo bem gostoso.*
(T 13)
- (92) *Então os curumins jogavam o cipó no céu e subiram para as nuvens onde lá, viraram estrelas e suas mães onças.*
(T 12)

Os alunos utilizaram com eficiência os recursos remissivos não-referenciais de coesão, sendo que das poucas ocorrências registradas de uso indevido desses recursos, os exemplos 93, 94, 95 e 96, prendem-se à violação da regra de emprego dos artigos, pois de modo geral, o artigo indefinido funciona como catafórico (i.e., remete à informação subsequente), e o artigo definido como anafórico (ou seja, faz remissão à informação que o precede no texto).³²

(93) ... esconderam a avó na caverna para que não falasse nada e pegaram uma corda e mandaram o pássaro amarrar no céu para fugirem.

(T 10)

(94) Então os curumins jogaram o cipó no céu e subiram para as nuvens ...

(T 12)

(95) Fugiram e obrigaram um colibri a amarrar o cipó no céu.

(T 13)

No exemplo que se segue, (96), o demonstrativo (d)essa, exercendo a "função artigo" - e que funciona geralmente como anafórico - não tem aqui um referente explícito, e nem facilmente inferível, pelo contexto antecedente. Ocorre aqui um salto temático que causa incoerência local, dificultando a interpretação desta passagem do texto.

(96) O nome dessa tribo chama-se bororó.

(T 12)

Nas próximas páginas os textos narrativos de 7ª série serão analisados sob o ponto de vista da coesão sequencial, entendida conforme explicitado às páginas 38 e 39.

Primeiramente serão apresentados exemplos de sequenciação parafrástica, ou seja, com procedimentos de recorrência:

a) recorrência de tempos verbais

No exemplo 97 a recorrência do pretérito perfeito indica que se trata de uma seqüência de eventos essenciais da história narrada (1º Plano), na perspectiva zero de elocução:

32

A não ser que o referente remeta a elementos da situação comunicativa e ao conhecimento prévio-culturalmente partilhado - dos interlocutores, como em o sol, o cristianismo, o presidente; a classes, gêneros ou tipos, (O homem é animal ...; O lobo encontrou o cordeiro...); a "frames" ou esquemas cognitivos em que o referente pode não se encontrar explícito no próprio enunciado, mas é deduzível do contexto através de inferência. (Weinrich [1971, 1973], apud Koch (1984))

- (97) *Então os curumins jogaram o cipó no céu e subiram para as nuvens onde lá, viraram estrelas e suas mães onças.*
(T 12)

Em 98, a recorrência do presente do indicativo indica que esta passagem do texto, constituída por uma espécie de dissertação, nada mais é que uma referência para a narrativa que iniciar-se-á logo a seguir. Estes comentários no presente constituem parte do 2º Plano desta narrativa:

- (98) *Os costumes indígenas são bem diferentes dos nossos costumes.*
Os índios são responsáveis pela pesca, caça e guerra, enquanto a índia tem o dever de colher os alimentos e fazer os serviços domésticos.
(T 12)

No exemplo 99, a recorrência do Pretérito Imperfeito indica que se trata também do 2º Plano do relato, de eventos que constituem o Plano de Fundo para a ação propriamente dita, na perspectiva zero de elocução, i.e., são eventos que ocorrem paralelamente àqueles que motivaram esse relato.

- (99) *Os índios pescavam, caçavam e guerreavam mas na taba nada faziam, ficavam dormindo em redes.*
Só as mulheres trabalhavam moendo o milho dentro de um pilão.
(T 13)

b) recorrência de estrutura

- (100) *Há uma delas, em que diz sobre a desobediência de alguns curumins. É a lenda do milho em que a história diz que ...*
(T 10)
- (101) *... viraram onça ... viraram estrelas.*
(T 11)

c) recorrência de conteúdos semânticos (paráfrase)

- (102) *Há uma delas, [lenda] em que diz sobre a desobediência de alguns curumins.*
É a lenda do milho em que a história diz ... hoje.
(T 10)

Em segundo lugar, serão apresentadas formas de coesão seqüencial, sem procedimentos de recorrência estrita (frástica), usadas pelos alunos na progressão de seus textos:

a) uso de termos do mesmo campo lexical, como procedimentos de manutenção temática. A ativação dos "frames": **lenda, indígena, família**, permitiu uma correta interpretação, como se pôde observar nos textos 10, 11, 12 e 13 em que ocorrem os termos: indígenas, índios, caça, pesca, guerra, mata, índias, curumins, colheita de milho, milho, tribo, bororo, tabas, espigas, milharal, cesta de milho, pilão, bolo de milho, papagaio, onça, cipó, do "frame" **indígena**; índios, índias, mulheres, curumins, indiozinho, avó, colegas, oca, do "frame" **família**; e sorte, pássaro, colibri, céu, nuvens, onças, estrelas, do "frame" **lenda**.³³

b) procedimentos de progressão temática

Entre os textos narrativos produzidos na 7ª série, encontramos diversos tipos de progressão temática.

Por tratar-se da reprodução de uma lenda, alguns alunos fizeram uma introdução, com o objetivo de situar o leitor no texto que apresentaram logo a seguir. A partir daí, o texto progrediu pelo desenvolvimento de um rema subdividido, como no exemplo 113, em que partes do rema: alguns curumins ... ampliado a seguir para: em que a história diz que os índios trabalhavam na caça e na pesca e as índias tinham que procurar milho para outros tipos de alimentos,³⁴ retomadas como temas (aos quais foram sendo atribuídos novos remas), garantiram a progressão do texto.

(103) "A origem das estrelas"

Os indígenas acreditavam em várias lendas.

Há uma delas em que diz sobre a desobediência de alguns curumins. É a lenda do

³³

A palavra corda, no T10 substituiu indevidamente o termo cipó, inadequação vocabular que gerou uma incoerência semântica, a qual, no entanto, não afetou significativamente a interpretação do texto. Também no T12, o termo tabas foi inadequadamente empregado, fato que se pode atribuir ao desconhecimento, por parte da aluna, do sentido desse termo, i.e., agrupamento de ocas (coletivo) Tal incoerência semântica afetou mais severamente a compreensão da passagem em que se encontra, que a incoerência citada acima, exigindo uma releitura para a compreensão correta interpretação do trecho.

³⁴

Este rema tem "Há uma delas [lenda] ... É a lenda do milho", como tema.

milho, em que a história diz que os índios trabalhavam na caça e na pesca e as índias tinham que procurar milho para outros tipos de alimentos. Então uma tarde depois de ter procurado muito e achado apenas 3 espigas de milho, no dia seguinte e revolveram levar uma criança, pois e achavam que isso daria sorte. E o curumim realmente trouxe sorte, pois e acharam um milharal enorme. O indiozinho muito guloso, sem que ninguém notasse, catou algumas espigas e e saiu correndo para sua oca, onde e pediu para sua avó fazer um bolo bem gostoso. Depois de pronto, e chamou os outros curumins e e repartiu o bolo. Com medo que suas mães descobrissem alguma coisa e esconderam a avó numa caverna, para que e não falasse nada e e pegaram uma corda e e mandaram o pássaro amarrar no céu para e fugirem. Quando já estavam todos subindo na corda, as mães viram e e começaram subir também. Quando eles viram que suas mães estavam subindo na corda e a cortaram e as mães caíram de quatro no chão se transformando em onças.

Os curumins lá no céu, vendo a desgraça de suas mães, e e agora sem poder decer por causa das onças, e se transformaram em estrelas, que brilham no céu até hoje.

(T 10)

e no exemplo 104 onde ocorre o mesmo com o rema: as estrelas apareceram por causa do medo que alguns curumins ficaram de suas mães depois de terem comido um bolo de milho todinho."³⁵

(104) "A origem das estrelas"

Segundo os indígenas as estrelas apareceram por causa do medo que alguns curumins ficaram de suas mães depois de terem comido um bolo de milho todinho.

Então e (= os curumins) pediram para um pássaro que amarasse um cipô no céu e e (eles) começaram a subir. e suas mães nervosas subiram atrás mas um dos curumins cortou os cipôs e quando suas mães caíram no chão de quatro viraram onça e os curumins ficaram preços no céu e viraram estrelas.

(T 11)

No caso do exemplo 105 o texto progrediu pela derivação de um "hipertema",

35

Este rema tem "Segundo os indígenas" como tema.

explicitado logo na introdução (Progressão Com Tema Derivado, segundo Danes).

Hipertema " Os costumes indígenas s"ao bem diferentes dos nossos costumes." Deste hipertema se derivaram vários temas (os índios, a índia, essa tribo, os curumins) aos quais se atribuíram novos remas, garantindo a progressão do texto narrativo em pauta.

Obs.: Ocorreu na progressão deste texto um salto temático no local assinalado no exemplo com os sinais # #, onde não foram explicitados um tema (provável) e seu respectivo rema, fato que ocasionou incoerência local de certa relevância, pois dificultou a interpretação dessa passagem do texto.

(105) *Os costumes indígenas são bem diferentes dos nossos costumes.*

Os índios são responsáveis pela pesca, caça e guerra, enquanto a índia tem o dever de colher os alimentos e fazer os serviços domésticos.

O nome dessa tribo chama-se bororo. Eles acreditavam que as crianças davam sorte nas colheitas de milho.

Certo dia as índias saíram à procura de milho e levam os curumins. A colheita foi boa que quando ∅ (=eles) entraram em suas tabas, os curumins pediram que a avó prepara-se um bolo de milho.

Os curumins tão gulosos comeram o bolo todo. e para que suas mães não ficassem bravas, ∅ (= eles) resolveram esconder a avó e o papagaio que era fofoqueiro.

Então os curumins jogaram o cipó no céu e ∅ (=eles) subiram para as nuvens onde lá, ∅ (= eles) viram estrelas e suas mães onças.

(T 12)

Já no exemplo 106, o texto constituiu-se em seqüências de enunciados cujos temas são constantes. A cada enunciado dessas seqüências foram acrescentadas novas informações remáticas, caracterizando, assim, no interior delas, uma Progressão Temática com Um Tema Constante e entre uma seqüência e outra, uma Progressão Temática de Forma Linear, já que cada nova seqüência recupera como tema, um rema da seqüência anterior, na maior parte do texto.

(106) "A origem das estrelas"

Os índios pescavam, ∅ (= os índios) caçavam e ∅ (=os índios) guerreavam mas na

taba ∅ (=eles) *nada faziam,* ∅ (=eles) *ficavam dormindo em redes. Só as mulheres trabalhavam moendo o milho dentro de um pilão.*

Numa tarde ensolarada, após ter acabado as cestas de milho as mulheres foram para a mata à procura de boa colheita, mas a noite caiu rápido e elas conseguiram mirradas espigas de milho.

No outro dia elas levaram um curumim para ∅ (= ele) dar sorte, o curumim achou um bonito milharal ∅ (= ele) pegou uma cesta de milhos ∅ (= ele) saiu correndo para a taba

Quando ele viu sua avó ∅ (= ele) disse para ela fazer um bolo bem gostoso.

A avó esmagou o milho e ∅ (= ela) fez a massa, quando o bolo ficou pronto o curumim chamou alguns colegas para ∅ (= eles) comer o bolo junto com ele.

De repente um curumim olha assustado e ∅ (= ele) fala que as mães não iam gostar de suas gulodisses.

Eles disseram que a avó e o papagaio falante poderiam contar para as mães e por isso eles esconderam a avó e o papagaio. ∅ (= eles) fugiram e ∅ (= eles) obrigaram um colibri a amarrar o cipó no céu.

Os curumins subindo pelo cipó e suas mães lá debaixo pedindo para que eles desçam.

Ai as mães começaram a subir só que os curumins cortaram o cipó e as mães caíram

Depois que as mães caíram elas viraram onças e os curumins não puderam mais descer e ∅ (= eles) viraram estrelas.

Eles foram castigados por desobedecerem e porque ∅ (= eles) foram gulosos.

(T 13)

Obs.: A seqüência de enunciados com Tema Constante ultrapassa algumas vezes o limite dos parágrafos, sugerindo uma análise mais atenta da organização do texto.

Em relação à progressão temática, notamos uma maior complexidade em seus esquemas nos textos produzidos na 7ª série, ao serem comparados com os produzidos na 5ª série, em que a Progressão com Tema Constante e a Progressão Linear predominavam.

Além dos recursos coesivos frásticos já descritos, os alunos se utilizaram em seus textos do encadeamento por justaposição e por conexão.

Dentre os encadeamentos por justaposição com partículas, observamos os apresentados

nos exemplos 107, 108 e 109, em que os elementos assinalados são marcadores de situação no tempo e/ou espaço:

(107) *Então uma tarde depois de ter procurado muito e achado apenas 3 espigas de milho, no dia seguinte resolveram levar...*

.....
... e agora sem poder decer por causa das onças, ...

(T 10)

(108) *Certo dia as índias saíram a procura de milho ...*

(T 12)

(109) *Numa tarde ensolarada, após ter acabado as cestas de milho ...*

.....
No outro dia elas levaram um curumim para dar sorte, ...

(T 13)

Nos exemplos 110, 111 e 112 estão grifadas partículas de articulação no nível dos enunciados meta-comunicativos, i.e., que funcionam como sinais sumarizadores de partes ou seqüências textuais:

(110) *Os indígenas acreditavam em várias lendas. Há uma delas, em que diz sobre a desobediência de alguns curumins. É a lenda do milho, em que a história diz, que os índios trabalhavam na caça e na pesca e as índias tinham que procurar milho para outros tipos de alimentos. Então uma tarde depois de ter procurado muito e achado apenas 3 espigas de milho, no dia seguinte resolveram... (Então = Assim)*

(T 10)

(111) *Segundo os indígenas as estrelas apareceram por causa do medo que alguns curumins ficaram de suas mães depois de terem comido um bolo de milho todinho.*

Então pediram para um pássaro que amarrasse... (Então = Desse modo)

(T 11)

(112) *Eles [os curumins] disseram que a avó e o papagaio falante poderiam contar para as mães, e por isso eles esconderam a avó e o papagaio.*

Fugiram e obrigaram um colibri a amarrar o cipó no céu.

Os curumins subindo pelo cipó e suas mães lá debaixo pedindo para que eles descçam.

Aí as mães começaram a subir só que os que os curumins cortaram...

(= Assim, por conseqüência)

(T 11)

Outro tipo de encadeamento, agora através de conectores interfrásticos foi utilizado pelos alunos em seus textos, (conexão ou junção).

Algumas das relações estabelecidas por estes conectores são do tipo lógico-semânticas, como as dos exemplos 113 a 117:

- (113) ... as estrelas apareceram por causa do medo que... (relação de causalidade)
(T 11)
- (114) Depois que as mães caíram elas... (relação de temporalidade-tempo posterior)
(T 13)
- (115) ... pegaram uma corda e mandaram o pássaro amarrar no céu para fugirem.
(relação de mediação)
(T 10)
- (116) Segundo os indígenas as estrelas apareceram por causa do medo... (relação de conformidade)
(T 11)
- (117) O indiozinho muito guloso, sem que ninguém notasse, catou algumas espigas... (relação de modo)
(T 10)

Nos textos de 7ª série analisados predominaram as relações lógico-semânticas de temporalidade, causalidade e mediação entre os conteúdos oracionais.

Os exemplos 118 a 122 apresentam encadeadores que estabelecem relações pragmáticas, retóricas ou argumentativas entre os enunciados. (encadeadores de discurso/operadores argumentativos)

- (118) Os índios pescavam, caçavam e guerreavam mas na taba nada faziam... (relação de conjunção/relação de contrajunção)
(T 13)
- (119) ... suas mães nervosas subiram atrás mas um dos curumins cortou... (relação de contrajunção)
(T 11)
- (120) Os índios são responsáveis pela pesca caça e guerra, enquanto a índia tem o dever de...
(relação de contraste)
(T 12)

(121) ... resolveram levar uma criança, pois achavam que isso daria sorte. (relação de explicação)

(T 10)

(122) Eles foram castigados por desobedecerem e porque foram gulosos. (relação de justificativa)

(T 13)

A relação de conjunção, através do operador argumentativo e, predomina entre as relações discursivas estabelecidas nos textos analisados.

Em algumas ocorrências, o uso deste operador parece inadequado, pois a relação a ser estabelecida não é propriamente a de conjunção, mas a de contrajunção, conforme exemplo 135;

(123) ... depois de ter procurado muito e achado apenas 3 espigas de milho, no dia seguinte resolveram...

(T 10)

a de causalidade (relação lógico- semântica) nos exemplos 124 e 125

(124) e [os curumins] começaram a subir e suas mães nervosas subiram atrás...

.....
... ficaram preços no céu e viraram estrelas.

(T 11)

(125) ... mas a noite caiu rápido e elas conseguiram mirradas espigas de milho.

(T 13)

Encontram-se ainda ocorrências em que o e funciona como articulador que sinaliza a sumarização de partes ou seqüências textuais. (e = nessa maneira, assim), como no exemplo 126.

(126) ... vendo a desgraça de suas mães, e agora sem poder decer por causa das onças, se transformaram em estrelas...

(T 10)

A coesão seqüencial estabelecida através de procedimentos de recorrência (parafrástica) ou sem estes procedimentos (frástica), observada nos textos produzidos na 7ª série, mostra o

domínio cada vez maior que os alunos-autores adquiriram na utilização de recursos essenciais à produção de um texto narrativo.

A progressão temática, com esquemas mais complexos, levou esses autores à construção de períodos mais longos, no interior dos quais as relações semânticas e/ou discursivas estabelecidas exigiram mecanismos de justaposição ou conexão de tipos mais variados que os utilizados em nível de 5ª série.

Assim, nos encadeamentos por justaposição, houve algumas ocorrências de partículas que operaram no nível dos enunciados metacomunicativos, funcionando como sinais demarcatórios e/ou sumarizadores de partes ou seqüências textuais, conforme os exemplos 110, 111 e 112, encadeamento este que não ocorreu nos textos de 5ª série, a não ser uma única vez, conforme ex. 81.

Os marcadores de situação no tempo e/ou espaço tiveram uma redução significativa na 7ª série, pois a cada nova situação introduzida correspondiam longos períodos/parágrafos.

Quanto ao uso dos conectores interfrásticos, além das relações de **causalidade**, **temporalidade**, **mediação** e **modo**, comuns aos textos de ambas as séries (5ª e 7ª), ocorreu nas produções da 7ª a relação de **conformidade**.

Quanto às relações discursivas, houve na 7ª um aumento significativo no uso do operador e, tanto em seu papel próprio de estabelecer a relação de conjunção, como em outros papéis, substituindo, adequada ou inadequadamente, outros operadores que o aluno-autor deixou de utilizar, talvez por acreditar que o e pudesse realmente explicitar aquela relação ou por desconhecer o operador adequado, muitas vezes ausente da linguagem oral que ele domina com mais facilidade. Esses usos aparecem nos exemplos 123, 124, 125 e 126.

Ainda foram mais freqüentes as ocorrências da relação de contrajunção na 7ª série, quase ausente das produções de 5ª, além das relações de contraste, explicação e justificativa, nova aquisição, por certo decorrente da exigência, a partir da 6ª série, da expressão do porquê da ocorrência dos fatos -objeto de reflexão em sala de aula, a partir da leitura de textos históricos e jornalísticos - tanto nas discussões como no texto escrito produzido a partir dessa leitura e atividade oral.

Análise dos textos produzidos na 8ª série

Quanto à coesão referencial dos textos produzidos na 8ª série, pude observar que os alunos se valeram de recursos variados, como: de hiperônimos ou indicadores de classe: (doces, no ex. 139); de formas referenciais cujo lexema fornece instruções de sentido que representam uma "categorização" das instruções de sentido de partes antecedentes do texto (menina, garota, garoto e casal, nos exs. 127, 128, 129 e 130), e de nominalizações (namoro, no ex. 130).

No exemplo 127, doces (2) remete a chocolates (1);

(127) *Samantha era uma menina muito egoísta, que queria tudo para si.
Ela adorava chocolates (1), como outros doces (2) também.
(T 14)*

Em 128, garota (2) remete a Marly (1).

(128) *Certa vez, Marly (1) ficou grávida e resolveu contar ao namorado, que não a rejeitou, mas pediu pra ela "dar um jeito"...
Então a garota (2) começou a tomar umas injeções...
(T 15)*

No exemplo 129, um casal perfeito (5) remete a André (4) e Paula (2), que remetem, por sua vez, a um garoto (3) e a uma garota (1)

(129) *Era uma vez, uma garota (1), que se chamava Paula (2), ela namorava com um garoto (3) que se chamava André (4)
Os dois formavam um casal perfeito (5)...
(T18)*

Em 130, o casal (5) remete a Rúbia (4) e Alessandro (3); e namoro (2), remete a namorar (1)

(130) *Ela tinha 15 anos e ele tinha 16 anos, quando começaram a namorar (1).
Depois de três meses de namoro (2) eles tiveram uma relação e a menina engravidou. Alessandro (3) não trabalhava e Rúbia (4) também não, por isso, o casal (5) não ia poder manter o filho.
(T 19)*

Em alguns dos textos ocorreram elipses com valor referencial, conforme exemplos 131 e 132, sendo que no primeiro o elemento elíptico (2) remete a rapaz (1):

(131) *Ele [André] aparentava ser um rapaz (1) responsável cabeça e muito apaixonado.
Mas o (2) não era nada do aparentava ser.
(T 18)*

e, no segundo, o (3 e 2) remetem a chocolates (1):

(132) *Ao chegar, bem mais tarde, foi procurar os chocolates (1), mas quando os viu o (2) estavam todos derretidos e não dava para comer o (3).
(T 14)*

O uso dos recursos coesivos referenciais mostrou-se adequado para a construção textual na maior parte das produções escritas, a despeito de alguns deslizes, como o apontado no próximo exemplo 133, em que a forma remissiva minha amiga não tem, no texto, um elemento de referência, já que a pessoa citada logo no início do texto é "uma amiga da prima", e não uma amiga da autora do texto.

Não se pode remeter a uma amiga da prima, pois não se sabe se a autora se referiu à dona da chácara ou à filha da mesma, como amiga da prima, no início do texto.

(133) *Nas férias de dezembro de, 1989, eu fui passa uma semana na chácara de uma amiga da prima ...
.....
... então o pai da minha amiga ...
(T 16)*

Formas remissivas não-referenciais presas e livres foram adequadamente utilizadas pelos alunos em seus textos. Nos exemplos 134 a 136 encontram-se destacadas formas não referenciais presas:

(134) *Um dia, seus irmãos e sua mãe foram fazer compras e compraram dois chocolates para cada um.
Mais tarde, Sam, muito gulosa e egoista, foi na cozinha e pegou todos os chocolates que estavam no armário e...
(T 14)*

(135) *Ela tinha uma filha, Mônica de 5 anos, cujo o pai a largou ainda grávida.*
(T 15)

(136) *Nos primeiros cinco dias tudo bem...*
.....
Depois de ter pegado as varas ele trancou o quartinho e nós fomos para o lago...
(T 16)

As formas não-referenciais presas embora não sendo (a priori e sempre) artigos, exercem, nessas condições, a "função artigo", devendo, assim, funcionar conforme as regras estabelecidas para o paradigma articular.

De modo geral, o artigo indefinido funciona como catafórico e o artigo definido como anafórico, porém, no exemplo que se segue, as formas grifadas remetem a informações do contexto, a elementos da situação comunicativa, ao conhecimento prévio culturalmente partilhado pelos interlocutores e a "frames" ou esquemas cognitivos. O "frame" ativado, no caso, pela ocorrência do termo **casa**, justifica o uso do artigo definido diante de portões, luzes, camas e bugigangas (anáfora semântica/implicação semântica); o "frame" **roubo**, inferido pelo contexto, e conhecimento prévio, justifica o artigo definido diante de polícia, ocorrência e ladrões:

(137) *A família Giorgetto, era uma família muito unida, até que certo dia resolveram passar o final de semana num sítio.*
.....
Quando saíram de casa, deixaram os portões trancados às luzes da casa apagadas e ...
.....
e chamaram a polícia, fizeram a ocorrência e os ladrões tinham levado tudo, só deixaram as camas e as bugigangas...
(T 17)

Nos exemplos seguintes estão grifadas as formas não-referenciais livres, que fazem remissão, anafórica ou cataforicamente, a um ou mais constituintes do universo textual.

Como estas formas não oferecem instruções de sentido, mas apenas de conexão, a respeito do elemento de referência com o qual tal conexão deve ser estabelecida, as relações referenciais das predicções sobre a forma remissiva devem ser colocadas em relação com as

indicações referenciais de um determinado grupo nominal do contexto precedente (ou subsequente)³⁶.

No exemplo 138, ela remete a Marly.

(138) Marly era uma empregada doméstica. Ela tinha uma filha, Mônica...
(T 15)

E, no exemplo abaixo, ela remete a Rúbia; ele a Alessandro e eles a Rúbia e Alessandro, do contexto precedente.

(139) Ela [Rúbia] tinha 15 anos e ele [Alessandro] tinha 16 anos, quando começaram a namorar.
Depois de três meses de namoro eles tiveram uma relação e...
(T 19)

Formas remissivas que não oferecem instruções de conexão não remetem, geralmente, a nenhum elemento particular do texto, mas ao contexto (ou parte do contexto) precedente (ou subsequente) como um todo.

No exemplo 140, que remete a menina e tudo remete ao contexto como um todo.

(140) Samantha era uma menina muito egoísta, que queria tudo para si.
(T 14)

Em 141, cada um além de remeter a seus irmãos e sua mãe, do contexto antecedente, ainda remete a outra parte do contexto, pois a irmã/filha, estava incluída na compra/consumo dos chocolates.

(141) Um dia, seus irmãos e sua mãe foram fazer compras e compraram dois chocolates para cada um.
(T 14)

Em 142, aquilo remete a uma bola de sangue:

(142) Então Marly... foi a banheiro, quando sentiu sair algo e, viu uma bola de sangue. Nem

36

Se mais de um referente textual preencher as condições de concordância da forma remissiva, as indicações referenciais das predicções feitas sobre cada elemento desempenham papel decisivo na decisão do leitor/ouvinte sobre qual dos elementos de referência ele deve identificar efetivamente como tal, conforme Koch, 1984:37.

quis ficar olhando então deu descarga, pois nem queria pensar que aquilo era seu filho.
(T 15)

e em 143, tudo remete a elementos ligados ao "frame" ativado pelo termo casa:

(143) ... e os ladrões tinham levado tudo, só deixaram as camas e as bugigangas espalhadas pelo chão.

(T 17)

Em 144, dois últimos remete a dias:

(144) Nos primeiros cinco dias tudo bem mas nos dois últimos faltou força elétrica...

(T 16)

Em 145, onde remete a dentro da estante, do contexto antecedente.

(145) ... com medo que visse os chocolates, escondeu-os dentro da estante, onde batia muito sol.

(T 14)

Passarei agora à análise da segunda modalidade de coesão textual, a coesão sequencial, nos textos produzidos na 8ª série.

Casos de progressão textual com elementos de recorrência (seqüenciação parafrástica):

a) recorrência de tempos verbais, dentre as quais selecionei os dois exemplos abaixo:

No 146, a autora do texto utilizou-se adequadamente deste recurso, organizando os fatos essenciais de seu relato (1º Plano) numa seqüência de enunciados cujos verbos estão no Pretérito Perfeito:

(146) Então o pai da minha amiga pegou uma vela e foi no quarto...

Depois de ter pegado as varas ele trancou o quarto e nós fomos para o lago... só que ele esqueceu a vela... sorte que minha amiga voltou na casa porque o pai dela tinha esquecido os anzóis e viu o quarto pegando fogo.

(T 16)

e os fatos não-essenciais, (2º Plano do relato), no Pretérito Imperfeito:

(147) A chácara ficava em Mogi-Mirim, num lugar bem afastado...

.....

e casa era muito descuro principalmente em um quartinho que ficava nos fundos...
(T 16)

Nos demais textos desta série - T 19, T 14 e T 15, e T 18 E T 17 - a quase totalidade das recorrências verbais cumpriram seu papel de indicar ao leitor se se tratava de um relato ou comentário (atitude comunicativa), se os fatos constituíam o 1º ou 2º Plano do texto narrativo (relevo), e ainda a relação entre o tempo da ação e o tempo do texto (perspectiva de locução).

Os raros problemas ocorreram na expressão do antecedente narrativo (2º Plano do relato, perspectiva retrospectiva), como nos exs. 148 a 150.

Curiosamente, os alunos tiveram procedimentos diversos em relação aos antecedentes narrativos que ocorreram em seus relatos, usando ora o Pretérito Perfeito, o que causou incoerência local, ora o Pretérito-mais-que-Perfeito Composto, que possibilitou ao leitor entendimento correto da seqüência dos fatos/progressão temática:

(148) *Então o pai da minha amiga... foi no quartinho para pegar as varas de pescar, pois dono do sítio do lado nos convidou para irmos passar o dia ...*

.....
... minha amiga voltou na casa porque o pai dela tinha esquecido os anzóis...

(T 16)

(149) *Quando saíram de casa, deixaram os portões trancados ... e quando voltaram encontraram os portões escancarados...*

.....
chamaram a polícia, fizeram a ocorrência e os ladrões tinham levado tudo, só deixaram as camas...

(T 18)

(150) *Ela tinha uma filha... cujo o pai a largou ainda grávida.*

.....
A patroa logo desconfiou e perguntou o que havia acontecido.

(T 15)

Formas de coesão seqüencial sem procedimentos de recorrência estrita (frástica):

a) uso de termos de um mesmo campo lexical como procedimento de manutenção temática.

Vários "frames" foram ativados pela presença desses termos, orientando assim a leitura do texto, como se pode observar no T 14: cozinha, armário, quarto, estante ("frame": casa) e quer, tudo, gulosa, egoísta, escondeu ("frame": egoísmo); no T 15: aborto, namorado, grávida, injeções, dores, banheiro, bola de sangue, algo, aquilo, filho ("frame": aborto); no T 16: férias, dezembro, chácara, lugar afastado, lago, sítio, varas de pescar, anzois ("frame": férias); no T 18: garota, garoto, casal, namorada, namorado, grávida, aborto, diálogo, pais, filha ("frame": aborto); no T 17: família, final de semana, sítio, sexta-feira, domingo ("frame": família); casa, portões, luzes, camas, bugigangas ("frame": casa) e polícia, ocorrência, ladrões ("frame": roubo); no T 19: menina, menino, namoro, relação, engravidou, filho, grávida, aborto ("frame": aborto)

b) modo como se operou a progressão temática na seqüenciação do texto.

Na análise dos textos da 8ª série verificou-se que a progressão temática se deu muitas vezes pela manutenção de um tema constante.

A diferença, porém, em relação à 5ª série, é que os períodos/parágrafos são bem mais longos, com a atribuição de muitos remas ao tema predominante no texto, conforme se pode verificar nos exemplos abaixo:

no T 14 (ex. 151) predomina o tema Samantha, retomado por ela, Sam e o (=ela) no decorrer da Narrativa.

(151) "Quem tudo quer, tudo perde"

Samantha era uma menina muito egoísta, que queria tudo para si.

Ela adorava chocolates como o = ela o (adorava) doces também.

Um dia, seus irmãos e sua mãe foram fazer compras e o compraram dois chocolates p/ cada um.

Mais tarde, Sam, muito gulosa e egoísta, foi na cozinha e o pegou todos os chocolates que estavam no armário e o levou-os para seu quarto.

Pouco depois quando sua mãe entrou no quarto para convidá-la para sair, o com medo que visse os chocolates, o escondeu-os dentro da estante, onde batia muito sol.

Animada, o saiu com sua mãe e o esqueceu dos chocolates.

Ao chegar, bem mais tarde, o foi procurar os chocolates, mas quando o os viu

estavam todos derretidos e não dava para comer.

(T 14)

no T 15 (ex. 152) predomina o tema Marly, retomado por ela, garota e o (=ela) no desenvolver da narrativa.

(152) "O Aborto)

Marly era uma empregada doméstica. Ela tinha uma filha, Mônica, de 5 anos, cujo o pai a largou ainda grávida.

Ela era nova pois o tinha apenas 23 anos e o o um namorado que dava de tudo para ela e sua filha Mônica.

Certa vez Marly ficou grávida e o resolveu contar ao namorado, que não a rejeitou,

mas o pediu para ela "dar um jeito" porque não era fácil sustentar as duas e mais um, não seria legal.

Então, a garota começou a tomar umas injeções, que logo fizeram efeito.

Num dia, em seu trabalho, ela começou a passar mal e suar frio. Sua patroa mandou-a deitar e descansar.

Logo mais tarde, Marly, apareceu alegre, sorridente e com cara de aliviada.

A patroa logo desconfiou e perguntou o que havia acontecido.

Então Marly lhe contou que sentiu dores e o foi a banheiro quando o sentiu sair algo e, o viu uma bola de sangue. o Nem quis ficar olhando então o deu descarga, pois o nem queira pensar que aquilo era seu filho.

Marly se sentiu aliviada e o procurou não pensar mais nisso, pois o gostaria de ter a criança, se tivesse condições para cuidar.

(T 15)

no T 17 (ex. 153) o tema A família Giorgetto, retomado por eles e o (=eles) predomina.

(153) A grande surpresa!

A família Giorgetto, era uma família muito unida, até que certo dia o resolveram passar o final de semana num sítio.

Eles foram numa sexta-feira e o voltaram num domingo, e quando o chegaram em casa, o encontraram uma surpresa!

Quando o saíram de casa, o deixaram os portões trancados às luzes da casa apagadas e quando o voltaram o encontraram os portões escancarados e as luzes

todas acesas.

Eles chegaram muito cansados que e nem perceberam o estado da casa e quando e entraram e encontraram tudo revirado.

e Chamaram a policia, e fizeram a ocorrência e os ladrões tinham levado tudo, e só deixaram as camas e as bugigangas espalhadas pelo chão.

A familia ficou muito arrasada e tão traumatizada que e nunca mais saíram de casa.
(T 17)

No texto abaixo, T 19, (ex. 154) predominam os temas menina e menino, retomados respectivamente por ela, Rúbia, ele e Alessandro e por o casal e eles.

(154) "A precipitação no Amor."

Era uma vez uma menina chamada Rúbia e um menino chamado Alessandro.

Ela tinha 15 anos e ele tinha 16 anos, quando e começaram à namorar.

Depois de três meses de namoro eles tiveram uma relação e a menina engravidou Alessandro não trabalhava e Rúbia também não e, por isso, o casal não ia poder manter o filho.

Quando Alessandro soube que que Rúbia estava grávida, ele não quis assumir a responsabilidade e e a deixou.

A menina, então, optou para o aborto sem seus pais saberem.

Como Rúbia era muito ingênua e não sabia, que não podia ter o filho morreu na sala de operação.

Os pais da menina tentaram localizar Alessandro e, ninguém nunca mais ouviu falar nele.

(T 19)

Os demais textos, porém, apresentam esquemas diferentes.

No exemplo abaixo, em alguns trechos a progressão é linear, em outros ela se faz com um tema constante, mas a maior parte do texto foge a qualquer padrão.

(155) "Pegando Fogo"

Nas férias de dezembro de, 1989, eu fui passa uma semana na chácara de uma amiga da prima.

A chácara ficava em Mogi-mirim, num lugar bem afastado, sem muitos vizinhos, e com um lago bem grande no sitio do lado da chácara.

Nos primeiros cinco dias e tudo bem mas nos dois últimos e faltou força elétrica das 8:00 hrs da manha as 16:00 hrs da tarde, e casa era muito escura principalmente em um quartinho que ficava nos fundos da casa.

Então o pai da minha amiga pegou uma vela e foi no quartinho pegar as varas de pescar, pois dono do sitio do lado nos convidou p/irmos passar o dia no seu sitio.

Depois de ter pegado as varas ele trancou o quartinho e nós fomos para o lago do sitio, só que ele esqueceu a vela dentro do quartinho, sorte que mina amiga voltou na casa porque o pai dela tinha esquecido os anzóis e e viu o quartinho pegando fogo.

(T 16)

No texto abaixo, a rigor a progressão temática não segue qualquer dos esquemas apresentados por Danes, a menos que se considere os três primeiros parágrafos como um hipertema (o casal), que se deriva em seqüências de enunciados com temas constantes, que se alternam: ora André, ora Paula.

Nos três primeiros parágrafos, a progressão se faz de forma linear, assim como é de forma linear a progressão entre as seqüências já citadas.

(156) "O aborto"

Era uma vez, uma garota, que se chamava Paula, ela namorava com um garoto que se chamava André.

Os dois formavam um casal perfeito, mas eles brigavam muito.

Ele aparentava ser um rapaz responsável cabeça e muito apaixonado.

Mas e não era nada do aparentava ser. Ele era cafajeste, ladrão e e não gostava de sua namorada Paula.

Paula era uma garota apaixonada e que se dedicava ao seu namorado fazendo tudo o que ele queria

Mas certo dia aconteceu um inesperado, ela ficou grávida e quando ele soube não quis mais saber dela

Ela ficou louca. Então e resolveu fazer um aborto.

e Tendo um diálogo com seus pais, e chegaram a conclusão de que seria melhor para usa filha

(T 18)

Os alunos da 8ª série também se utilizaram em seus textos dos encadeamentos por

justaposição e por conexão, como recursos coesivos frásticos.

Dentre os encadeamentos por justaposição com partículas, ocorreram os marcadores de situação no tempo e/ou espaço:

(157) Nas férias de dezembro de 1989, eu fui passa uma semana...

.....
Nos primeiros cinco dias tudo bem... mas nos dois últimos faltou froça elétrica...

(T 16)

(158) Era uma vez, uma garota, que se chamava Paula...

.....
Mas certo dia, aconteceu um inesperado, ela ficou grávida e...

(T 18)

(159) Depois de três meses de namoro eles tiveram uma relação e a menina engravidou.

(T 19)

(160) Um dia, seus irmãos e sua mãe foram fazer compras e compraram dois chocolates para cada um. Mais tarde, Sam, muito gulosa e egoísta, foi na cozinha e...

.....
Pouco depois quando sua mãe entrou no quarto para convidá-la para sair...

(T 14)

(161) Certa vez, Marly ficou grávida e resolveu contar ao namorado...

.....
Num dia, em seu trabalho, ela começou a passar mal e suar frio...

Logo mais tarde, Marly apareceu alegre, sorridente e com cara de aliviada.

A patroa logo desconfiou e perguntou o que havia acontecido.

Então Marly lhe contou que sentiu dores e...

(T 15)

Ocorreu ainda a justaposição com partículas que operaram no nível dos enunciados metacomunicativos, funcionando como sinais demarcatórios e/ou sumarizadores de partes ou seqüências textuais (exs. 162 a 164)

(162) Então, a garota começou a tomar umas injeções, que logo fizeram efeito. (então = assim, dessa maneira)

(T 15)

(163) Então o pai da minha amiga pegou uma vela e foi no quartinho para pegar as varas de

pescar... (então = assim, dessa maneira, por conseqüências)

(T 16)

(164) ... então optou para o aborto sem seus pais saberem. (então = assim, por conseqüência)

(T 19)

Entre os encadeamentos por Conexão, estabelecendo relações lógico-semânticas encontramos um grande número de ocorrências de vários tipos de relações, que estão ilustradas em alguns poucos exemplos abaixo:

(165) ... quando sua mãe entrou no quarto para convidá-la para sair, com medo que visse os chocolates, escondeu-os ... (= porque tinha medo - relação de causalidade)

(T 14)

(166) ... eles tiveram uma relação e a menina engravidou. Alessandro não trabalhava e Rúbia também não, por isso, o casal não ia poder manter o filho.

.....
Como Rúbia era muito ingênua não sabia que não poderia ter o filho e morreu na sala de operação.

(relação de causalidade)

(T 19)

(167) ... quando sua mãe entrou no quarto para convidá-la para sair... escondeu-os dentro da estante, onde batia muito sol.

.....
Ao chegar ... foi procurar os chocolates, mas... estavam todos derretidos e não dava para comer. (relação de mediação)

(T 14)

(168) ... ao chegar, bem mais tarde, foi procurar os chocolates, mas quando os viu... (relação de temporalidade - tempo simultâneo)

(T 14)

(169) ... procurou não pensar mais nisso, pois gostaria de ter a criança. se tivesse condições para cuidar. (relação de condicionalidade)

(T 15)

(170) Paula era uma garota apaixonada e que se dedicava ao seu namorado, fazendo tudo o que ele queria. (relação de modo)

(T 18)

Como se pôde observar pela análise dos textos 14, 15, 16, 17, 18 e 19, ocorreu nos textos da 8^a série um aumento significativo no uso dos marcadores de tempo e espaço (exs.

p. 157 a 161), em relação aos textos da 7ª série, e houve a manutenção da pouca frequência das partículas que sinalizam a sumarização de partes anteriores do texto. (exs. 162 a 164)

Quanto ao encadeamento por conexão, houve uma maior diversificação no uso dos relativos lógico-semânticos (**modo e condicionalidade**), sem, no entanto, se alterar a predominância das relações de **temporalidade e causalidade**, já observadas nas série anteriores.

Foram ainda analisadas as ocorrências dos relatores discursivos ou argumentativos, nos sucessivos encadeamentos responsáveis pela estruturação dos textos. Foram encontrados muitas ocorrências da relação de conjunção, das quais foram selecionados os seguintes exemplos:

(171) *Num dia, em seu trabalho, ela começou a passar mal e suar frio. Sua patroa mandou-a deitar e descansar.*

.....

A patroa logo desconfiou e perguntou o que havia acontecido.

Então Marly lhe contou que sentiu dores e foi a banheiro, quando sentiu sair algo e viu uma bola de sangue...

.....

Marly se sentiu aliviada e procurou não pensar mais nisso, ... (relação de conjunção).

(T 15)

(172) *Então o pai da minha amiga pegou uma vela e foi no quartinho para pegar as varas de pescar...*

.....

Depois de ter pegado as varas ele trancou o quartinho e nós fomos para o lago... sorte que minha amiga voltou na casa... e viu o quartinho pegando fogo. (relação de conjunção)

(T 16)

No exemplo abaixo, no entanto, a relação de conjunção estabelecida não parece própria, sendo mais adequada a de explicação. (ex. 173)

(173) *Chamaram a policia, fizeram a ocorrência e os ladrões tinham levado tudo...*

(T 17)

Nos exemplos estão assinalados os encadeadores responsáveis pela relação de contrajunção:

- (174) *Os dois formavam um casal perfeito, mas eles brigavam muito.
Ele aparentava ser um rapaz responsável, cabeça e muito apaixonado. Mas não era nada do aparentava ser.*
-
- Paula era uma garota apaixonada e que se dedicava ao seu namorado, fazendo tudo o que ele queria.
Mas certo dia, aconteceu um mesperado, ela ficou grávida, e quando ele soube não quis mais*
- (T 18)
- (175) *Nos primeiros cinco dias tudo bem mas nos dois últimos faltou força elétrica...*
- (T 16)
- (176) *Ao chegar, bem mais tarde, foi procurar os chocolates, mas quando os viu estavam todos derretidos e não dava para comer.*
- (T 14)
- (177) *Certa vez, Marly ficou grávida e resolveu contar ao namorado, que não a rejeitou, mas pediu pra ela "dar um jeito"...*
- (T 15)

Embora o encadeador explicitado seja o que estabelece a conjunção (e), nos exemplos 178 e 179, a relação que realmente ocorre entre os enunciados é a de contrajunção.

- (178) *Quando saíram da casa, deixaram os portões trancados, às luzes da casa apagadas e quando voltaram encontraram os portões escancarados e as luzes todas acesas.
Eles chegaram muito cansados que nem perceberam o estado da casa e quando entraram, encontraram tudo revirado.*
- (T 17)
- (179) *Os pais da menina tentaram localizar Alessandro e, ninguém nunca mais ouviu falar dele.*
- (T 19)

Nos exemplos 180 e 181 foram destacados os encadeadores responsáveis pela relação de justificativa/explicação.

- (180) *Ela era nova pois tinha apenas 23 anos...*
-

... [o namorado] não a rejeitou, mas pediu pra ela "dar um jeito" porque não era fácil sustentar as duas [Marly e a filha de 5 anos] e mais um, não seria legal.

.....
Nem quis ficar olhando [a bola de sangue] então deu descarga, pois nem queria pensar que aquilo era seu filho...

Marly... procurou não pensar mais nisso, pois gostaria de ter a criança, se tivesse condições para cuidar.

(T 15)

(181) Então o pai da minha amiga... foi no quartinho para pegar as varas de pescar, pois dono do sítio do lado nos convidou...

.....
... sorte que minha amiga voltou na casa porque o pai dela tinha esquecido os anzóis e viu o quartinho pegando fogo.

(T 16)

No exemplo 182 ocorreu a relação de comparação:

(182) Tendo um diálogo com seus pasi, chegaram a conclusão de que seria melhor para sua filha. (= seria melhor abortar que ter a criança)

No exemplo 183 foi estabelecida a relação de contraste:

(183) ... nós fomos para o lago do sítio só que ele esqueceu a vela dentro do quartinho, ...
(T 16)

E a relação de conclusão, no exemplo 184, embora explicitada pelo conector e, próprio da conjunção.

(184) Ao chegar, ... foi procurar os chocolates, mas, quando os viu estavam todos derretidos e não dava para comer.
(T 14)

As relações de conjunção, justificativa/explicação, e contração, esta com menor incidência, predominam nos textos de 8ª série analisados.

O encadeador discursivo e foi o que apresentou maior diversidade, tendo sido utilizado para estabelecer, além da relação de conjunção, a de contração, a de conclusão e a de **explicação**.

Em algumas destas oportunidades, pareceu-me equivocado o uso deste encadeador, pois a relação a ser estabelecida era claramente outra.

A explicação desse uso pode passar, a meu ver, pela influência da oralidade, em que os fatos são seqüenciados, tendo entre eles apenas uma pausa ou um e, sem a necessidade da explicitação da maioria das outras relações, que têm nas interjeições, trejeitos, gestos, modulações da voz e outros recursos, seus veículos.

Quanto ao uso dos elementos de coesão, em geral, verificou-se uma evolução nos textos, no sentido de que nas produções da 5ª série as orações/periodos apresentavam-se muitas vezes mal articulados, fato que já não ocorreu com frequência nos textos de 8ª série.

Em relação aos demais elementos microestruturais, não houve problemas de concordância nominal e regência nominal neste primeiro grupo de textos analisados. Quanto à concordância verbal, os alunos apresentam maiores dificuldades na expressão do antecedente narrativo e, quanto à regência verbal, a maioria das inadequações se prendeu ao uso da preposição a, causando, por consequência, problemas de acentuação (crase).

Capítulo 3

Aquisição de aspectos relativos à coerência

A coerência diz respeito ao modo como os elementos expressos na superfície textual e aqueles que se encontram implicitados vêm permitir aos usuários do texto a construção de um sentido, devido à atuação de uma série de fatores de ordem cognitiva, sociocultural, situacional, interacional, para citar os mais importantes. (cf. Koch, 1989 b, 1990)

Após analisar a superestrutura e a microestrutura dos textos, me proponho a estudar sua macroestrutura, sua coerência, enquanto mais um elemento a ser observado nesse processo de aquisição do texto narrativo pelos alunos-autores, pois "a coerência tem a ver também com a produção do texto, à medida que quem o faz quer que seja entendido por seu interlocutor, conforme se supõe pelo princípio de cooperação". (Koch e Travaglia, 1993:13).

A coerência assim posta é vista como um princípio de interpretabilidade do texto, num processo cooperativo entre produtor e receptor.

Tudo o que afeta (auxilia, possibilita ou dificulta, impede) a interpretação do texto tem a ver com o estabelecimento da coerência, que depende do conhecimento e uso de elementos lingüísticos, e de sua organização em uma cadeia lingüística, isto é, da constituição de um contexto lingüístico; do conhecimento de mundo e do grau em que esse conhecimento é partilhado pelo(s) produtor(es) e receptor(es) do texto; da estrutura informacional do texto, e de fatores pragmáticos e interacionais (contexto situacional, interlocutores em si, suas crenças e intenções comunicativas, função comunicativa do texto).

Pode-se falar, assim, em diversos tipos (parciais) de coerência, que concorrem todos para o estabelecimento da coerência global: coerência semântica, coerência sintática, coerência temática, coerência superestrutural, coerência temporal.

Na interpretação dos textos narrativos denominados "Histórias Familiares", produzidos na 5ª série, predominantemente, levou-se em conta as condições de produção do texto escrito, explicitadas na nota de rodapé à página 16.

A coerência destes textos, produzidos a partir de um relato oral, é marcada por esta e

outras condições de sua produção. Assim, a intenção comunicativa do falante - relatar uma história familiar para seu colegas - pode ter-se algumas vezes manifestado com o uso o mais restrito possível de recursos linguísticos e tendo, inclusive, sua continuidade comprometida por idas e vindas na seqüência narrativa, já que a timidez decorrente da novidade da situação (ocupar o lugar de destaque à frente da classe, normalmente destinado ao professor) perturbava o desempenho verbal dos alunos.

A coerência desses textos orais era, nessas ocasiões, construída a partir da solicitação de esclarecimentos (por parte dos ouvintes), sobre elementos omitidos/mal compreendidos da história, e, no relato escrito, sua obtenção ficava por conta de cada aluno. Ocorriam variações na qualidade do produto final desse registro, a nível individual, conforme se depreende da leitura dos textos. Em T 2 e 3, T 4 e 5 e 1, comentados à p. 20, detalhes passíveis de inferência pelo conhecimento de mundo e /ou conhecimento partilhado, não foram explicitados (exs. de 6 a 10).

Muitas vezes os alunos praticamente suspendiam o relato logo após o clímax, substituindo a Resolução e a Coda por recursos paralingüísticos próprios da oralidade, e ridicularizavam os colegas que porventura solicitassem o término da história, como se ele tivesse ficado tão óbvio que não necessitasse de explicitação verbal.

Neste sentido temos a recuperação do pensamento de Bakhtin, em recente texto de Beth Brait (1994:20): "ele [Bakhtin] faz um estudo minucioso da entoação, considerada como elemento que estabelece um firme elo entre o discurso verbal e o contexto extraverbal. Para tanto, centraliza a reflexão na natureza social do fenômeno entoacional.

Colocado na fronteira entre o verbal e o não-verbal, Bakhtin considera que a entoação é um dos elementos que servem para demonstrar que toda a estrutura formal da fala depende, em grau bastante significativo, da relação do enunciado com o conjunto de valores pressupostos no meio social onde ocorre o discurso³⁷."

Porém, o comentário que precede o ex. 11, já aponta, a meu ver, um certo tipo de incoerência (superestrutural) causada pela ausência de elementos referenciais importantes - falha na seleção das informações essenciais, por parte da autora do texto. Estas informações constam dos textos T 4 (ex. 11) e T 7, exemplo 185, não se devendo essa falha, portanto às condições

37

BRAIT, Beth. "As vozes Bakhtinianas e o Diálogo Inconcluso" in BARRROS, Diana Luz Pessoa de e FIORIN, José Luiz (orgs.) Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade. São Paulo: Edusp, 1994.

de produção, ou seja, ao texto-fonte oral.

(185)

O Kichute.

Em 1986, quando o tio de Renato, o João tinha vinte e dois anos, ele foi jogar em um time, que se chamava Sereno.

No último jogo, o tio de Renato tinha que vencer, para ir para a final.

Quando faltava alguns minutos para terminar o jogo, aconteceu uma falta. O tio de Renato foi chutar, mas na hora de chutar, ele não percebeu que o seu kichute estava desamarrado, e foi chutar a bola.

O kichute de João, foi parar na barriga do goleiro, e a bola dentro do gol.

E eles foram para a final.

Isso aconteceu no Distrito de Souzas.

(T 7)

Ainda a desatenção, ou a restrição dos conhecimentos ativados pelo "frame" futebol, ocasionou outra incoerência: a asserção implícita de que o pênalti seria um acontecimento ruim para o time de João, quando foi exatamente o contrário, i.e., a chance de alcançarem a vitória:

(186) *O jogo estava indo bem, até que houve um pênalti, João quis cobrar O Pênalti mas sua chuteira estava desamarrada e ele não percebeu.*

(T 2)

Talvez por não ter captado o sentido do relato do colega, a sua intenção comunicativa, a autora tenha apresentado estes problemas em seu próprio texto, pois o discurso coerente (macroestrutura) preexiste ao texto que o atualiza.³⁸

O tipo de incoerência comentada acima tem mais chances de ocorrer nos casos em que o texto narrativo for o registro (reprodução/paráfrase) de um texto alheio ouvido/lido/visto pelo seu produtor.

Identifiquei como relevantes estes fatos, também a partir da leitura de registros de uma

38

Orgulhosamente havia grifado esta afirmação, pensando ser a mesma produto de minha reflexão, porém eis que numa leitura mais atenta, lá estava ela, com todas as letras, em Bakhtin:

" Quando construímos nosso discurso, sempre conservamos na mente o todo do nosso enunciado, tanto em forma de um esquema correspondente a um gênero definido como em forma de uma intenção discursiva individual." Bakhtin (1992:310)

história familiar relatada por mim, professora - em modalidade oral mais próxima da modalidade escrita padrão, e sem os empecilhos da insegurança acima descrita - em que os alunos -autores, apesar da complexidade da história, não apresentaram problemas mais graves de coerência, pois tive o cuidado de facilitar em minha exposição, a compreensão global do texto pelos alunos.³⁹

No exemplo 187 um desses textos é reproduzido.

(187) *Título: "A vaca Bordada"*

A professora contou que, quando ela era criança, ela ia passar suas férias no sítio, do seu tio em, Mogi-Guaçu.

D. Cecília tinha muitos primos e brincava muito com eles. Para brincar, D. Cecília e seus primos iam em uma mangueira, para mecher com as vacas. A mangueira ficava no trilho dos gados por isso quando os gados passavam, eles mexiam com eles de cima das mangueiras.

Tinha uma vaca muito brava, chamada Bordada, ela ficava muito zangada quando as pessoas mexiam com ela.

Uma certa vez D. Cecília e seus primos estavam indo para a mangueira, quando eles estavam no meio do pasto eles viram os gados chegando, foi uma correria sem fim e quando chegaram perto de um correço eles pularam e atravessaram correndo. O único jeito de se salvar era atravessar uma cerca de arame farpado. Todo mundo se machucou para passar a cerca e na vez da professora ela passou e rasgou as costas.

Depois todos foram embora, para se curarem dos cortes que o arame farpado causou.

(T 8)

Em última instância é a coerência que determina que elementos vão constituir a estrutura superficial lingüística do texto e como eles vão estar encadeados na sequência lingüística superficial, assim a recuperação desta coerência passa pelas marcas lingüísticas. Existe também uma relação entre o lingüístico e o conceitual-cognitivo (conhecimento de mundo) e o pragmático.

Na análise dos textos narrativos produzidos da 5ª à 8ª série, os problemas de coesão

39

Embora identificado este reflexo da fala do professor no texto escrito dos alunos, as Histórias Familiares continuaram a ser apresentadas por seus próprios colegas, pois dar voz aos alunos, fazê-los refletir sobre sua própria linguagem oral/escrita e reestruturar seus textos, para que chegassem ao domínio da variedade padrão (e de outras variedades correntes na sociedade) era o objetivo de nosso ensino.

apontados, causadores de vários tipos de incoerência, parecem originar-se da insuficiência de informações sobre os elementos lingüísticos, seus valores e funções, na atualização do sentido do texto, principalmente na modalidade escrita.

Incoerências por ambigüidades decorrentes do mau uso ou não - uso de elementos lingüísticos (elipse), quase sempre envolvendo formas referenciais que não trazem informações de sentido, foram transcritas nos exemplos 188 e 189. O sentido (coerência) destas passagens só pôde ser recuperado pelo co-texto.

(188) *Ela ficou louca! Então resolveram fazer um aborto.*
Tendo um diálogo com seus pais, chegaram a conclusão de que seria melhor para sua
filha.
(T 18)

(189) *A foto era da filha da velha que havia morrido.*
(T 1)

Às vezes dificuldades individuais específicas geram incoerência, como a da construção de frases consecutivas, no exemplo 190, retiradas todas de textos de uma mesma aluna. Interessante é notar que há uma alternância de formulações corretas e incorretas. Mais curioso ainda é o fato de uma construção correta ter sido utilizada na 5ª série, (T 5) e depois no final do texto da 8ª série, (T17) tendo predominado, neste intervalo, formulações da relação consecutiva cruzadas com as do superlativo analítico do adjetivo que predica o sujeito. (T 7 e T 17 - início do texto)

(190) *Alvair ficou tão bravo que fez o maior berreiro.*
(T 5)
A colheita foi boa que quando entraram em suas tabas, os curumins pediram...

.....
Os curumins tão gulosos comeram o bolo todo...

(T 12)

Eles chegaram muito cansados que nem perceberam o estado da casa e...

.....
(T 17)

A família ficou muito arrasada e tão traumatizada que nunca mais saíram de casa.
(T 17)

Ocorrência já bem mais grave, pois envolve a introdução de elementos semânticos que contradizem um conteúdo posto imediatamente antes, gerando uma contradição,⁴⁰ é a transcrita no exemplo 191.

(191) *Os dois formavam um casal perfeito, mas, eles brigavam muito.*
(T 18)

Ainda neste mesmo texto, a predicação "ladrão", atribuída a André, não se relaciona com qualquer outra informação do texto⁴¹

(192) *Mas não era nada do aparentava ser. Ele era cafajeste, ladrão e não gostava de sua namorada Paula.*
(T 18)

Visto que cada um dos fatores citados como necessários ao estabelecimento da coerência se relaciona com outros fatores, também o conhecimento de mundo terá a ver, na interpretação, com a construção de um mundo textual e sua adequação aos modelos de mundo do produtor e receptor do texto.

A produção de textos na 7ª série, a partir da leitura de lendas, conforme páginas 29/30, exigiu do aluno ouvinte/produtor um esforço extra no sentido de aceitar a imprevisibilidade da informação dentro de um mundo textual tão exótico a ponto de inviabilizar praticamente qualquer inferência/projeção de expectativa a respeito da continuidade/idade de seu sentido. Para uma melhor compreensão deste fato retomo comentários anteriores.

Às hipóteses levantadas sobre a ausência de fidelidade na reprodução do texto lido (a

⁴⁰

Segundo a meta-regra de não-contradição, proposta por Charolles (1978), para o texto ser coerente, é preciso que no seu desenvolvimento não se introduza nenhum elemento semântico que contradiga um conteúdo posto ou pressuposto por uma ocorrência anterior, ou deduzível desta por inferência." (apud Koch 1993:51)

⁴¹

Pela meta-regra de relação (ainda segundo Charolles (1978), o texto será coerente se "os fatos que se denotam no mundo representado estejam relacionados". (apud Koch 1993: 51)

aluna "perdeu" episódios da história lida e supriu à sua maneira) (ex. 37), se junta agora a impossibilidade da inferência/projeção de expectativas a respeito de sua unidade semântica por tratar-se de uma lenda indígena, o que resultou na perda do sentido essencial do texto, (macroestrutura) não captado pela aluna. Isto se deduz do último parágrafo escrito por ela (ex. 193), se descaracteriza a natureza do castigo imposto aos curumins (sentimento de culpa e isolamento), natureza esta bem explicitada, por exemplo no final do T 10. (cf. Anexo 1)

(193) *Então os curumins jogaram o cipó no céu e subiram para as nuvens onde lá, viraram estrelas e suas mães onças.*

(T 12)

Ainda na produção escrita a partir da lenda, ocorreu neste mesmo texto (T 12) um salto temático causador de incoerência, a meu ver ocasionado pela tentativa de a aluna inserir no texto informações não constantes no texto-fonte original propriamente dito, mas que foram obtidas pela leitura da capa do livreto. Essa inserção tinha como objetivo particularizar os fatos que a autora viria a relatar, depois de uma introdução genérica no início do texto, quanto aos costumes indígenas.

Também nos textos produzidos na 8ª série, a partir da leitura de um conjunto de fábulas, a inserção dos leitores neste mundo textual foi dificultada pela forma também simbólica de se apresentar o macroato de fala atualizado por sua "moral".

Tanto no caso das lendas como no das fábulas, o interesse maior foi o de, através de seus conteúdos informacionais, propiciar aos alunos um mais amplo conhecimento de mundo. O trabalho concentrou-se na macroestrutura destes textos, no estabelecimento de seus sentidos, enquanto legítimos representantes dos valores vigentes em nossa sociedade, ainda hoje.⁴²

O estudo de suas superestruturas foi uma atividade secundária, fato que determinou a produção de um texto, na 8ª série, a partir de moral de fábula, sem exigências outras com relação a personagens, uso de discurso direto, etc. O T 14 (cf. Anexo 1) é um exemplo de uma dessas produções.

42

Com este objetivo foram selecionadas para leitura várias versões da mesma fábula de modo a possibilitar ao aluno a compreensão do fato de que textos diferentes podem atualizar um discurso de sentido igual.

Problemas de coerência ligados à estrutura de cada subtipo de texto ocorreram no T 12 já comentado, no T 18 e T 19 que apresentaram início de contos de fadas, quando estes textos não o comportavam.

(194) *Era uma vez, uma garota, que se chamava Paula, ela namorava com um garoto que se chamava André.*

(T 18)

(195) *Era uma vez uma menina chamada Rúbia e um menino chamado Alessandro.*

(T 19)

Nos textos narrativos analisados não se notou problemas de relevância, de desvios do tema/assunto proposto. Os enunciados (ou conjuntos de enunciados) sempre se relacionaram com o tópico discursivo explicitado ou subjacente, inclusive estabelecido pelo título que o aluno atribuiu a seu texto.

De acordo com Giora (1985), (apud Koch e Travaglia, 1993), um texto é coerente quando o conjunto de enunciados que o compõem pode ser interpretado como tratando de um mesmo tópico discursivo. Um conjunto de enunciados será relevante (para um tópico discursivo subjacente) se eles forem interpretáveis como predicando algo sobre um mesmo tema. Assim, a relevância não se dá linearmente entre pares de enunciados, mas entre conjuntos de enunciados e um tópico discursivo. No caso de ocorrerem vários segmentos textuais com diferentes tópicos discursivos, eles devem ser relacionados por um hipertópico discursivo subjacente em termos de "aboutness" (ser sobre algo), para que possam preencher o requisito de relevância.

Outro aspecto importante na produção e compreensão de um texto é a focalização, que embora proposta por Grosz (1981) e por ela comentada apenas no diálogo oral, é válida para qualquer tipo de texto, escrito ou oral, na opinião de Koch (op. cit: 81).

A focalização está diretamente relacionada com o conhecimento de mundo e o conhecimento partilhado, já que falante e ouvinte focalizam sua atenção em apenas pequena parte do que sabem e acreditam, dando-lhe ênfase.

As pistas que o autor fornece ao interlocutor sobre o que está focalizando podem ser lingüísticas ou de conhecimento partilhado lingüístico e não-lingüístico. Os interlocutores, pelo

princípio da cooperação, agem como se estivessem focalizados semelhantemente. Caso as diferenças de focalização sejam muito grandes, se não houver compatibilidade, compartilhamento de crenças sobre o que está sendo focalizado, haverá problemas de compreensão do texto.

Conforme já citado, ao registrar as Histórias Familiares o aluno ficava "somente com o espaço da focalização..." Com isso quero chamar a atenção para as diferenças notadas no "clima" estabelecido pelo aluno em seu texto, a partir do título, e as influências deste "clima" na seleção lexical, inclusive. Este é o caso de T 9, que apresenta um "tom" humorístico já em seu título: "A chuteira voadora", e sustenta este tom no decorrer do texto, pelo uso das expressões "esperniou no meio do campo", "o time resolveu deixar ", "enquanto o golero se doloria⁴³ todo a bola foi devagarinho e entrou no canto do gol". (Cf. Anexo 1 - T 9)

Ainda entre os textos produzidos na 8ª série, um aluno nos leva a construir uma idéia equivocada a respeito do personagem envolvido nos acontecimentos que se desenrolam em sua narrativa. Somente no final o autor nos dá, a nós leitores, condições de identificar o referente, o que altera a focalização que vínhamos fazendo até então, levando-nos a encarar de um modo novo tudo o que foi lido anteriormente.

O desvio de focalização foi usado pelo aluno-autor como estratégia para produzir um texto com quebra de expectativa, a qual dá ao mesmo uma conotação humorística:

(196) *"Um acontecimento inesperado"*

Há muito tempo atrás, uma família saiu para dar um passeio. Eles, pai mãe e filho, foram ao parque de diversões, a um lanchonete, sorveteria, restaurante, etc. Foi um dia tão bom que eles só voltaram quando era noite.

No caminho de volta para casa, começou uma tempestade.

Quando eles chegaram em casa, a luz do bairro tinha acabado. A mãe cansada, resolveu ir tomar um banho frio. Ele foi lá na cozinha pegar uma vela e, quando chegou na porta do banheiro, deu um grito. Logo, pai e filho foram ver o que havia acontecido. A mãe, toda assustada, apontou o dedo para o chão e mostrou-lhes os pingos vermelhos

43

Note-se a interessante estrutura do neologismo "doloria", que segue as regras estabelecidas para a formação de verbos, aqui pelo acréscimo de um sufixo verbal (-ir) a uma raiz latina, presente em dolorido, doloroso, indolor, que por certo orientaram o raciocínio lógico-lingüístico da aluna.

A respeito das ações da linguagem na constituição dos sujeitos (pelo trabalho lingüístico, participando de processos interacionais) ver Geraldi, (1991: 51 a 54)

lá existentes. O pai pegou um revólver e foi seguindo os rastros vermelhos no chão, seguido da mãe e do filho.

O rastro vermelho acabou em frente de um arbusto que ficava no quintal.

O arbusto estava fazendo uns barulhos esquisitos, como o de uma pessoa com muita dor se mexendo atrás dele.

Os três estavam morrendo de medo, mas quando criaram coragem, chegaram bem pertinho e colocaram a cabeça atrás do arbusto para ver o que era.

Eles se entreolharam e, deram uma risada tão alta, que assustou o pobre gato que brincava com um frasco de mercúrio.

(T 20)

Quanto ao papel desempenhado pela intertextualidade⁴⁴ na aquisição de novos tipos/subtipos de textos, Koch e Travaglia (1993: 92) consideram que "embora de natureza cognitiva, cremos que as superestruturas têm muito a ver com intertextualidade tipológica, sendo apreendidas na prática dos indivíduos como receptores de textos."

Assim, fatores relativos a conteúdo, fatores formais e fatores ligados a tipos textuais se incluem nas maneiras pelas quais o acesso a um grande número de textos poderá levar ao domínio das várias tipologias (e seus subtipos) correntes na sociedade em que está inserida a escola.

Na análise dos textos narrativos produzidos da 5ª à 8ª série é possível verificar o domínio crescente dos alunos-autores sobre a macroestrutura, a superestrutura narrativa e seus aspectos formais de caráter lingüístico.

A intertextualidade, sobretudo no que diz respeito ao conteúdo, obrigava o professor a se informar sobre textos (inclusive de H.Q., vídeo e cinema) correntes entre os alunos, para que conseguisse compreender algumas produções, já que em várias ocasiões o tema dava margem a relatos de experiência pessoal (reais ou fictícios). Exemplo disso é o tema que se segue, proposto para os alunos da 8ª série: "ao retornar a casa, a família teve uma surpresa."

Desta sugestão originou-se o texto abaixo transcrito (ex. 197) cuja compreensão depende do conhecimento de H.Q. (personagem Jason), e dos procedimentos comuns à Polícia

44

Conforme Beaugrande e Dressler (op. cit. pág. 88), "A intertextualidade compreende as diversas maneiras pelas quais a produção e recepção de dado texto depende do conhecimento de outros textos por parte dos interlocutores".

Federal em locais de crimes.

O aluno conseguiu criar um clima de suspense e medo, para o que contribuíram os ingredientes próprios deste tipo de história e uma seleção lexical e sintaxe adequadas: a hora e o dia (23:57 minutos de uma sexta-feira, 13 de agosto), a "cena vômitante", a "família ... esquartejada", os "restos mortais", o sangue na piscina, o cão decapitado, Jason, o machado, e o uso de sentenças curtas.

O clima de inquietação/medo permanece com o leitor, pois o maníaco-assassino continua solto, à espera da próxima vítima!

A expressão "dei de cara" entre aspas, nos diz do conhecimento do aluno sobre variedades lingüísticas e da sua opção de usá-la neste contexto, certamente por seu valor expressivo junto aos destinatários, i.e, seus colegas de classe/escola.

O ponto de vista sob o qual se dá a narrativa (narrador/personagem - 1ª pessoa) determinou ainda o uso de elementos lingüísticos, construções sintáticas e elementos contextualizadores, compatíveis com o que era possível dizer/ver a partir de quem contava a história. Este ponto de vista determinou ainda que interpretações e inferências pôde o leitor fazer para as seqüências do texto, a partir dos elementos explicitados.

Assim, coerentemente com sua opção de narrador em 1ª pessoa, foram usados os pronomes e formas verbais da 1ª pessoa: eu, minha, meu, mim, me, meus; cheguei, entrei, deparei, etc. em contraposição com seus, ele, sua, seu estava, era (relativos à 3ª pessoa):

(197) *O fim da minha felicidade*

Eram, 23:57 minutos. Numa sexta feira do dia 13 de agosto.

Eu estava chegando de uma viagem longa.

Cheguei em casa e "dei de cara" com o lacre a Polícia Federal na porta.

Entrei rapidamente para ver o que havia acontecido. Deparei com uma cena vômitante.

Minha família estava esquartejada e com seus restos mortais pinturados pela casa inteira. A água da piscina estava vermelha de sangue; eu vi meu cachorro decapitado boiando na piscina.

Levei um grande susto ao ver de frente para mim Jason. Ele estava com um machado na mão querendo me capturar pois ele era um maníaco sexual.

Lembrando das cenas horríveis de minha família morta fui em sua direção com o

objetivo de vingança.

Foi me declarar suicidio. Senti seu machado arrancando meus testiculos depois penetrando em meu peito.

Foi meu fim, o da minha familia e os sonhos de uma vida feliz e duradoura.

(T 21)

Capítulo 4

Aquisição de aspectos microestruturais

No estudo longitudinal realizado, a aquisição da macro e superestrutura da narrativa mereceu maior atenção, conforme pôde ser observado nos capítulos anteriores. O aspecto microestrutural, cujas inadequações no texto narrativo já eram menos frequentes no final da 6ª série, pode ser melhor avaliado quando, na 7ª e 8ª séries, foram introduzidos os textos dissertativos escritos (expositivos e argumentativo), ocasião em que se constatou algo inesperado, conforme segue: para minha surpresa, os trabalhos apresentados me deram a impressão de que os alunos haviam "regredido" na utilização dos recursos já dominados na produção de textos narrativos, ou seja, composição textual coerente, coesão, concordância, regência, pontuação, etc.

Na série seguinte, oitava, fui novamente surpreendida por ocorrências semelhantes, quando da produção de textos dissertativos argumentativos pelos alunos, embora julgasse cumpridas as condições de produção, a saber: acesso a informações (conteúdo), às regras básicas que governam a língua e às características estruturais do novo tipo de texto.

A meu ver, o único elemento novo seria a superestrutura do texto dissertativo, e esperava que os alunos fossem capazes de produzi-lo sem maiores dificuldades, o que não ocorreu.

Analisando um conjunto de textos narrativos e dissertativos produzidos pelos mesmos alunos, observei que aqueles que produziam textos narrativos que cumpriam a intenção de relatar um acontecimento e que eram satisfatórios sob o ponto de vista estrutural, como também de utilização dos recursos lingüísticos, apresentavam textos dissertativos insatisfatórios, que não cumpriam total ou parcialmente a intenção de informar/sensibilizar seus interlocutores, além de mostrarem incoerências locais/globais que dificultam/inviabilizam a interpretação dos mesmos por parte do leitor.

No texto "O Conselho de Escola", abaixo, (ex. 198) houve grave inadequação quanto ao uso da vírgula, e a não-flexão em número do verbo *melhorar*, problemas esses de **pontuação**

e **concordância verbal** que já se haviam minimizado (pontuação) ou não ocorriam mais (concordância verbal) a partir da 7ª série, nos textos narrativos da aluna.⁴⁵

(198) *O Conselho de Escola*

Para se fazer um, Conselho de Escola se precisa, de muita organização.

O mínimo, de pessoas a participar, é 20 (vinte) e o máximo é 40 (quarenta).

Sabe-se, o quanto de pessoas vai participar, de acordo, com o número de alunos e de classes, que há na escola.

As pessoas que participam, do, Conselho de Escola, são escolhidas, através de eleição, e por pessoas de seu meio, isto é, alunos escolhem alunos, professores, escolhem professores, e assim por diante.

Só que, só podem ser escolhidos, aqueles que se candidatam.

O conselho discute sobre, algumas leis, que melhore a Escola, os objetivos a serem cumpridos na Escola, um melhor ensino, penalidades, para alunos e funcionários que descumprirem regras, e etc.

(AC)

No texto "Skate", exemplo 199, ocorrem dificuldades com o uso da vírgula, do travessão e do ponto final; a flexão de número indevida de patins e tempos; a ausência do sujeito da oração *e toda uma criou uma prancha de solo*; a substituição indevida de com por a na expressão *Ao passar dos tempos*; a inversão dos termos da frase, sem a devida pontuação *e tentaram sentir as mesmas emoções que sentiam no mar no asfalto*, causadora de incoerência; problemas ortográficos: *70, aperveisuando, norte-americanos*; sendo que em seu texto narrativo de 7ª série não ocorreram problemas de **concordância nominal**, de **incoerências graves devido à má construção de frases**, ou à **pontuação inadequada**.⁴⁶

(199) *Skate*

O Skate originou-se na década de 70 quando o mar estava "flat", e toda uma criou uma prancha de solo ou seja o skate tudo foi mais ou menos assim:

- Como o mar estava "flat" e não era possível surfar os surfistas quebraram um patins

⁴⁵ Cf. T 10: "A origem das estrelas".

⁴⁶ Cf. T 11: "A origem das estrelas".

e colocaram as rodas em uma prancha e tentaram sentir as mesmas emoções que sentiam no mar no asfalto.

Ao passar dos tempos o skate foi se aperfeiçoando e conquistando as pessoas, principalmente os norte americanos.

(Lu)

Em "A Eleição do Conselho da Escola", exemplo 200 ocorreram problemas graves de coerência como em *está havendo inscrições para se candidatarem ao Conselho de Escola*, em que não aparece o sujeito de se candidatarem; e o do segundo parágrafo, em que não se esclarece que os percentuais se referem à constituição final do conselho, e não à inscrição dos candidatos; o do terceiro parágrafo causado pela ausência do termo *segmento* antes de *representado* e pelo uso indevido de *elegerá* em lugar de *contará... com...*. Com o pronome (-los) ocorrem dois problemas: o de concordância nominal (-los por o) e o de colocação (ênclise pela próclise).

Nos dois últimos parágrafos ocorrem problemas de **concordância verbal** (*pode fazer* por *podem fazer*); de **concordância nominal** (*permitido* por *permitidos*) e de **escolha lexical** (*eleito* por *candidato* e *aluno* por *eleitor*)

Embora esta aluna tenha enfrentado algumas dificuldades específicas de sintaxe no decorrer da aquisição do texto narrativo, elas não chegaram a criar problemas de coerência tão graves quanto os deste seu texto dissertativo; inclusive, nenhum problema de concordância nominal ocorreu em seus textos narrativos.⁴⁷

(200) *A Eleição do Conselho da Escola*

Hoje dia vinte de março de mil novecentos e noventa, está havendo inscrições para se candidatarem ao Conselho de Escola.

Poderão se inscrever para o Conselho da Escola, os alunos, os pais de alunos, professores e funcionários, sendo que 25% de alunos, 25% de pais, 40% de professores e 5% de funcionários.

Cada representado no Conselho da Escola elegerá também dois suplentes, que substituirá-los em sua ausência e impedimento.

Os alunos, os pais, professores e funcionários, pode fazer campanhas, discursos, ir de

⁴⁷ Cf. T 12 · "A Lenda das Estrelas"

classe em classe, para que cada aluno escolha o melhor eleito para o Conselho de Escola.

Nenhum dos membros poderá acumular votos não sendo também permitido os votos por procuração.

(Jan)

Em "Pais: prazer sexual; filhos: morte fatal", exemplo 201, apresentado em atendimento à proposta de produção de um texto dissertativo argumentativo, na 8ª série, ocorrem incoerências locais por problemas de coesão referencial, principalmente envolvendo o termo "pais". Não há articulação entre os parágrafos, assim as informações trazidas com a função de argumentos encontram-se desconectadas entre si. Ocorrem ainda problemas de concordância verbal (*existe* por *existem* e *deixa* por *deixam*) e do uso do pronome reto como complemento verbal (*deixa ela* por *deixam-na*). O texto, portanto, como produção dissertativo-argumentativa deixa muito a desejar, tanto no aspecto da superestrutura como da microestrutura, principalmente se comparado ao texto narrativo produzido pelo aluno nesta mesma série (8ª).⁴⁸

(201) "Pais: prazer sexual; filhos: morte fatal".

Para mim, ter filhos na fase dos 12 aos 18 anos é um desrespeito à vida da criança. Existe milhões de crianças soltas nas ruas, abandonadas pelos pais, passando fome, frio, etc.

No Brasil são milhares de pais que não aceitam a criança e deixa ela para a mulher cuidar. Em muitos casos, as mulheres que engravidam aos doze anos são abandonadas pelos pais, e assim caem no mundo da prostituição.

As crianças que são abandonadas pelos pais, o governo tem o direito de tirá-las das ruas.

A gravidez ocorre na maioria das vezes por falta de informação. Isto não pode acontecer porque quem sofre as consequências são as crianças.

(J.C.)

A análise dos exemplos 198 a 201 me autorizou a supor que a consciência e o domínio da macroestrutura (incluída aqui *a intenção, o objetivo, o porquê* da produção do texto) são

⁴⁸

Cf. T 20: " Um acontecimento inesperado."

fundamentais para o desempenho no nível superestrutural e microestrutural,⁴⁹ sendo portanto necessário resolver o problema no nível macro, para resolver os dos níveis super e microestruturais.

Assim, para a aquisição do texto dissertativo é necessário responder às seguintes questões:

Quais seriam as características macro da dissertação e quais as condições de produção necessárias para sua atualização plena?

⁴⁹

Macroestrutura aqui entendida como conteúdo semântico global do texto (sentido); e superestrutura como esquema textual, conforme Koch 1993, "Aquisição da Escrita e Textualidade, texto apresentado no "Seminário de Aquisição da Linguagem, UNICAMP-IEL, a ser publicado em Caderno de Estudos Linguísticos, IEL-Unicamp.

Parte II

Aquisição do Texto Dissertativo.

A produção de textos dissertativos na escola de 1º grau.

Uma das características essenciais da dissertação é a mobilização de informações, articuladas textualmente em função de um projeto de dizer em que se faz um apanhado - genérico ou pontual - sobre um determinado tema (macroestrutura da dissertação expositiva), ou se defende um ponto de vista (macroestrutura da dissertação argumentativa).

Como solucionar em sala de aula esta questão essencial das condições de produção?

Já que não é possível dissertar sem a mobilização de informações, o acesso a informações foi o primeiro passo dado em direção a um melhor desempenho do aluno na produção do texto dissertativo.

E que informações seriam essas?

Na tentativa de minimizar o direcionamento ideológico - já que discurso neutro não há, o problema foi colocado para os alunos, que sugeriram vários temas para pesquisa, tendo sido escolhidos, na 8ª série, por turmas diferentes: "aborto", "gravidez na adolescência" e "pena de morte".⁵⁰

Para esta parte da dissertação tomarei como dados os textos - fonte e as produções dos alunos da classe que escolheu "aborto", como tema de pesquisa.

A leitura desses textos e a produção dos alunos ocorreram em situação normal de aula, no decorrer do ano letivo de 1991, com o objetivo da aprendizagem da estrutura do texto dissertativo argumentativo e da argumentação em si, porém através de um tema significativo

⁵⁰

Na 7ª série, organizados em equipes, os alunos pesquisaram em fontes diversas e apresentaram palestras sobre temas variados, como "energia nuclear", "a vida submarina", "o trabalho", "aids nos presídios", "o skate", "problemas da menopausa", "gravidez na adolescência", "drogas", "os egípcios", "a segurança - na escola, em edifícios, shopping centers e hospitais", "o Conselho de Escola", "video-games", "turbinas a vapor", "o Corpo de Bombeiros", "treinamento de recrutas da Polícia Militar do Estado", "animais", "lutas marciais", e outros.

para os mais diretamente envolvidos nessa interlocução: autores dos textos-fonte, alunos e professor; portanto, considero os dados menos viciados que aqueles obtidos exclusivamente para atender às necessidades de uma pesquisa.

Para o estudo do tema "aborto" foram selecionados quatro textos para leitura - aqui denominados, de agora em diante, textos-fonte (Tf) - dois deles trazidos pelos alunos (textos-fonte 1 e 3), um estudado pelos alunos após sugestão do professor (Tf 4) e um trazido pelo professor (Tf2), oriundos de revistas, de campanha de formação de instituição educacional de orientação religiosa e de obras de Direito Penal.⁵¹

Após a leitura e estudo dos textos citados, e de outros levantados em pesquisa individual do aluno, inclusive entrevistas com profissionais liberais (médicos e advogados) e pessoas comuns, na rua, foi realizado um debate em sala de aula. Os alunos se posicionaram e defenderam o ponto de vista assumido, utilizando-se para isso, além das informações obtidas através da leitura, de seu conhecimento de mundo.

Foi feita, então, uma síntese dessas informações no quadro-negro, a partir de um esquema montado pelos alunos e professor e, a seguir, explicitado um tipo, entre os vários existentes, de estrutura dissertativo-argumentativa. Só então foi solicitada aos alunos a produção de um texto dissertativo-argumentativo e de um texto narrativo, de estrutura já deles conhecida, versando ambas sobre o tema debatido. Transcrevo aqui os esquemas feitos em classe:

Esquema para síntese das informações sobre "aborto":

1. Conceituação de aborto
Tipos
2. Histórico
 - a) Antiguidade
 - b) Século vinte

⁵¹

Os textos de Direito Penal (Tf. 4) foram estudados somente por alguns alunos, em casa. Estes alunos anotaram as informações básicas, as quais utilizaram no debate e para completar o esquema da síntese (conceito de aborto e tipos). Assim, o Texto-fonte 4, não será analisado nesta dissertação.

Os demais Tsf encontram-se no Anexo 3.

- c) Atualidade (1991)
- 3. Legislação
 - a) Brasil
 - b) Outros países
- 4. Ciência
 - a) Século vinte
 - b) Atual (1991)
- 5. Incidência
- 6. Causas
- 7. Conseqüências
- 8. Soluções

Esquema simplificado de uma estrutura dissertativo-argumentativa:

- sua posição
- argumentação que defenda sua posição
- contra-argumentação
- conclusão

Solicitação de produção escrita:

1. Produzir um texto narrativo, contando a história de um aborto (ou não-aborto)
2. Produzir um texto argumentativo, em que você defenda seu ponto-de-vista em relação ao aborto.

Capítulo 5

Dialogando com Textos

Passarei agora à análise dos textos-fonte, com o objetivo de determinar os trajetos de seus subtemas principais, suas subteses e o modo como estas se articularam à tese global do autor, para posteriormente verificar quais subtemas os alunos incorporam a seus textos e como o fizeram.

As informações dos textos-fonte mostram os variados aspectos envolvidos com o fenômeno "aborto", no Brasil e no mundo, hoje e em outros tempos.

No texto-fonte 1: "Aborto - Uma Indústria à Sombra da Lei", predominam os aspectos legais, secundados por descrições da situação atual e propostas de solução para os problemas;

No texto-fonte 2: "Aborto: Um tabu? Um direito?", predomina a denúncia da situação atual, informações sobre a história do aborto e propostas de solução;

Já no texto 3: "O Meu Pequeno Mundo", as informações, que envolvem aspectos médicos e morais, ajudam a construir um emocionado discurso de fundo religioso.

O texto 4: Texto legal constituído de informações normativas sobre o aborto. Conforme já explicado, não será analisado neste trabalho.

Análise do texto - fonte 1: "Aborto - Uma Indústria à Sombra da Lei"⁵²

Publicado em 1990, este texto se situa no âmbito da polêmica sobre o aborto, ainda no rastro das discussões ocorridas durante a formulação da Nova Constituição Brasileira (1988), ao mesmo tempo que se adianta em relação às futuras revisões legais dela decorrentes.

"Aborto - Uma Indústria à Sombra da Lei" é um texto jornalístico escrito por uma só

⁵²

NABUCO, C. R. "Aborto: Uma Indústria à Sombra da Lei" . in Revista Cláudia, n° 346 (julho 90), págs. 136 - 142.

pessoa, baseado em reportagens feitas por sete repórteres colaboradoras, sendo duas de S.Paulo, e as demais do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Pernambuco, Rio Grande do Sul e Nova Iorque (EUA). Essas reportagens foram feitas a partir de entrevistas, pesquisas em material publicado e estatísticas oficiais. Nelas há depoimentos de especialistas, relatos de experiências pessoais, e denúncias da situação atual.

Quadros paralelos, também baseados em entrevistas, enquetes, pesquisas em material publicado, estatísticas oficiais e informação científica formal de diversas áreas, como medicina, sociologia, direito, história e informação religiosa, complementam o texto, através do qual a autora veicula um discurso sobre o tema “aborto”, e subtemas dele decorrentes.

É um discurso polifônico (polifonia aqui entendida segundo os conceitos de Bakhtin (1979) e Ducrot (1987)), para a constituição do qual concorrem inúmeras vozes.

Os recursos utilizados para a incorporação dessas vozes passam pela citação, pelo relato e comentário de asserções alheias.

Após a introdução, em que se afirma a existência da lei que regulamenta o aborto e o não-cumprimento desta mesma lei, (premissas) são arrolados assuntos e eventos que ilustram o fato denunciado, que provam que ele realmente ocorre e que seus desdobramentos são danosos à sociedade.

Como elementos dessa argumentação são apresentados dados objetivos como estatísticas, leis e, com bastante frequência, depoimentos de especialistas e relatos de experiência pessoal (argumentos de autoridade).

A jornalista, se bem observarmos, apenas amplia a discussão provocada pela enquete feita meses antes por sua revista (Cláudia); e apóia a opinião da maioria das leitoras (73%), quando defende a discussão do problema seguida de um plebiscito, como solução para a questão do aborto no país - " O freguês sempre tem razão".

Apresento, a seguir, os subtemas do tema " aborto" utilizados pela jornalista, e suas funções na argumentação.

Em relação à tese da jornalista, funcionam como **premissas**:

- * aspecto legal
- * mercantilização dos serviços médicos

- * corrupção (de policiais e comerciantes)
- * incidência do aborto no país

A favor da tese da descriminalização do aborto e/ou ampliação da lei, funcionam, como **argumentos** :

- * corrupção (de policiais ligados ao aborto clandestino)
- * riscos (punições legais)
- * motivos de caráter individual/social que levam ao aborto
- * livre-arbítrio da mulher em relação ao aborto
- * risco de vida/seqüelas do aborto
- * aspecto legal
- * aspecto científico (aborto é um procedimento simples)

como **contra-argumentos**:

- * aspecto científico (em relação à conversão do feto em pessoa)
(ser viável-condições de vida fora do organismo materno)
(quando a vida se inicia?)
- * livre-arbítrio
- * aspecto histórico (moral/religioso) da própria Igreja
- * incidência
- * risco à vida da mulher

aos **argumentos contrários**:

- * existência de vida (=alma) desde o momento da concepção.
- * aspecto científico

Os inimigos da "legalização" utilizam, a favor de sua tese de **restrição total ao aborto**, como **argumentos**:

- * mercantilização da morte
- * aspecto ético, moral (maternidade irresponsável, prostituição)

* a existência de vida desde o momento da concepção (aspecto religioso)

* aspecto legal

Instalada a polémica, a jornalista apresenta um ponto de vista que contradiz ambas as teses anteriores, ou seja: "**A simples alteração da lei não é o bastante...**", em que funciona como **contra argumento**:

* aspecto legal (dificuldades postas ao cumprimento da lei)

Aos **argumentos contrários**:

* aspecto legal (alteração da lei/descriminalização)

A seguir, este ponto de vista é ampliado para: "**De qualquer modo a simples aplicação da lei e a descriminalização do aborto só vão amenizar o problema**", em que funciona como **argumentos**:

* acesso a informações

* prevenção ao aborto

E por fim apresenta sua tese global, ou seja, **a discussão do problema aborto em nível nacional, como subsídio à então futura revisão constitucional e reforma do Código Penal**, para cuja defesa utiliza,

como **contra argumentos**:

* aspecto legal (descumprimento da lei:)

aos **argumentos contrários**:

* aspecto legal (descriminalização/alteração da lei)

como **argumentos**:

* circunstâncias: acesso a informações

* prevenção à gravidez

* mercantilização dos serviços médicos

* corrupção (de policiais e comerciantes envolvidos com o aborto clandestino)

* risco de vida da mulher que aborta

e, a meu ver, no sentido de um encaminhamento do leitor para uma opção contra a descriminalização e/ou ampliação da lei, à época das futuras reformas, apresenta,

como **argumentos**:

- * aspecto relegioso
- * aspecto legal

A seguir, apresento **como** esses subtemas se manifestaram, no trajeto que percorreram no interior dentro do texto:

Obs.: As citações foram selecionadas de modo a exemplificar pelo menos uma ocorrência de cada função exercida pelo subtema, em relação à tese em pauta/tese global.

O **aspecto legal do aborto** é o principal subtema deste texto, tendo se constituído como forte argumento tanto por aqueles que defendem a descriminalização do aborto, como para aqueles que a condenam.

Aliás, a tese global do texto: "**É necessário que não se adie indefinidamente a discussão sobre o aborto no país**"; está por ele orientada.

O subtema da **legalidade**, focalizado logo na abertura da reportagem, através do subtítulo: - uma indústria à sombra da lei -; da legenda: A proibição legal não impede que cerca de 1,5 milhão de mulheres o pratiquem anualmente no país e dá margem a uma poderosa indústria clandestina e da ilustração clássica que simboliza a justiça, emerge sistematicamente do texto (págs. 136, 137, 139, 140 e 142), inclusive destacado em quadros paralelos (págs. 137, 139 e 142).

A este subtema se subordinam todos os outros, quando tomados como constitutivos da argumentação da jornalista.

Manifestações do subtema **Alteração da lei**, como, **argumento** para a descriminalização do aborto e/ou ampliação da lei:

"O delegado só faz o flagrante da mulher pobre", explica a advogada criminal Zulaiê Cobra Ribeiro. "A rica escapa porque tem acesso às grandes clínicas encobertas pela polícia.

Então só a mulher pobre é processada criminalmente. Nos últimos tempos, não tem

havido condenação da gestante. Então por que o Código prevê penas tão altas? Por que não fazer uma lei mais justa?" questiona a jurista.

(Anexo 3 - p. 137, L 1/7 col. 1)

A médica sanitária Simone Grilo Diniz, uma das responsáveis pela pesquisa, observou que as entrevistadas achavam correto para seus valores ter feito o aborto. "O que se percebe é uma ética nova. Não há mais tanto medo do castigo divino como antigamente, mas vergonha pela irresponsabilidade contraceptiva. E o medo é em relação às seqüelas, ao risco de vida, à polícia. É o medo real, concreto, não mais da punição de Deus.

(Anexo 3- p.137 Q.Par." A Mulher Que Faz Aborto" - L 27, col.2 e L 1/12, col.3)

Mesmo quem pode pagar uma clínica de qualidade teria maior segurança, se tudo fosse feito às claras, argumenta o dr. Antonio Celso Ayub, chefe do Departamento de Obstetícia da Faculdade Federal de Ciências Médicas de Porto Alegre. Com a legalização do aborto, as brasileiras se livrariam do stress emocional de decidir ou não pela interrupção da gravidez indesejável e evitariam riscos de vida totalmente desnecessários.

(Anexo 3 - p.139 L 54 col.1/ p.140 L 1/4 col.1)

O aborto não é um problema de polícia ou apenas um assunto do campo da ética, da moral ou da religião,diz categórica a vereadora (Neusinha Santos, do PT de B.Horizonte). É um problema de saúde pública que envolve uma discussão sobre a defesa da vida, da saúde e dos direitos da mulher.

(Anexo 3 - p. 140 L 12/20 col3)

A jornalista utiliza-se da técnica descrita por Garcia (1978) para a "defesa de uma tese, quando se deve apresentar primeiro todos os argumentos contrários à tese, sem dar a conhecer a própria posição, e depois invalidá-los pela introdução, através do mas, de argumentos mais fortes (decisivos).Koch" (1984:159):

Assim, no texto iniciado com o subtítulo "Pelo Direito À Vida", faz um comentário sobre o Código Penal de 1940, ainda em vigor, e, afirmando que o mesmo descontenta a todos, contrapõe a opinião dos defensores da legalização à dos inimigos da legalização; "**mas** os inimigos da legalização, grupos liderados pela Igreja Católica e outras instituições, argumentam

de forma diferente" (grifo meu):

"A liberação pode favorecer a mercantilização da morte e abortos em massa", diz o deputado Germano Bonow, do PFL do estado do Rio Grande do Sul.

(Anexo 3, p. 140, L 31/34 col 3 e L 1 col 4)

Esses grupos alegam também que seria o mesmo que legalizar assaltos e estupros só porque seu número não pára de crescer. " A liberação levaria à maternidade sem responsabilidade e aumentaria a prostituição", acrescenta a deputada estadual Lúcia Heráclio (PMDB), única mulher na Assembléia Legislativa de Pernambuco.

(Anexo 3- p.140, 2/12, col.4)

" Nenhuma lei pode regulamentar a perda do direito à vida. Sou radicalmente contra o aborto e inteiramente favorável ao direito à vida ", afirma a deputada federal Sandra Cavalcanti (PFL-RJ)...

(Anexo 3- p. 140 L 43/49 col.4)

Conforme já dito, a jornalista, então, emite seu ponto de vista o qual se contrapõe à tese daqueles que são favoráveis à legalização, ou seja: "Porém, a simples alteração da lei não é o bastante. Afinal, nos dois casos em que o aborto é autorizado, ele não tem sido feito nos hospitais públicos." (Anexo 1- p. 141, L 52/56 col.3) e passa a justificá-lo, inclusive com argumentos de autoridade, conforme citações abaixo:

Um estudo da pesquisadora Ana Volochko, do Instituto de Saúde,... na região leste da capital paulista, demonstrou que, para muitas mulheres que morrem na gravidez em função de patologias graves, a oportunidade de fazer um aborto nem sequer é oferecida.

(Anexo 3-p.141 L 56/57 col.3 e L 38/45 col.4)

... em Recife, o obstetra Edmar Mouri Fernandes não sabe de qualquer caso permitido por lei, realizado nos hospitais da rede pública, desde que assumiu a direção da Maternidade Bandeira Filho, na periferia, há três anos.

(Anexo 3- p.141 L 54/57 col.4 e L 1/4 col.1,p.142.)

O Hospital Femina, de Porto Alegre, efetuou apenas três abortos em gestantes que

corriam risco de vida. A decisão coube sempre a uma junta médica, segundo o dr. Rolnei Correa Pinto. Casos de aborto por estupro ele desconhece e até admite que a questão do ponto de vista jurídico é confusa e demorada.

(Anexo 3, p. 142, L 5/14 col 1)

Parlamentares de várias partes do país têm se movimentado para assegurar que a lei, nos dois casos (risco de vida para a mãe e gravidez resultante de estupro), seja cumprida.

(Anexo 3, p. 142, L 27/30 col 1)

E ampliando a abrangência de seu ponto de vista: "**De qualquer modo a simples aplicação da lei e a descriminalização do aborto só vão amenizar o problema.**" (Anexo 1 - p. 142, L 6/9 col 3), a jornalista deixa implícito que algo mais é necessário para resolver o problema em pauta. Esse " algo mais " a seguir se explicita em **argumentos por autoridade**, nos quais a autora apóia sua argumentação, já que não são contraditórios a sua posição:

Sandra Lima, presidente do Conselho Estadual das Mulheres de Minas Gerais, acredita que é fundamental garantir o acesso a informações sobre anticoncepcionais.

"Aborto, assim como esterilização, não é método contraceptivo ". Deve haver uma política séria de Planejamento Familiar, acrescenta a pesquisadora Carmen Barroso...

" Nenhum método é 100% eficaz para 100% das mulheres", enfatiza Carmen.

(Anexo 3, p. 142, L 9/24 col 3)

Ainda presente, o subtema da legalidade subjaz à tese da jornalista, que adere à sugestão de uma deputada: "...a deputada Cristina Tavares propõe que haja uma ampla discussão sobre o assunto, envolvendo os meios de comunicação, seguida de um plebiscito nacional," ao mesmo tempo que minimiza, classificando-as como divergências secundárias, opiniões contrárias à realização de um plebiscito que se limite a sim e não, e opiniões que restringem esta decisão aos votos femininos:

Na verdade essas divergências são secundárias. O mais importante é que a discussão não seja adiada indefinidamente, enquanto a corrupção aumenta os lucros da indústria clandestina e mulheres morrem nos porões das cidades.

(Anexo 3-p. 142, L 19/24, col.4)

Posta sua conclusão final "**O mais importante é que a discussão não seja adiada indefinidamente, enquanto a corrupção aumenta os lucros da indústria clandestina e mulheres morrem nos porões das cidades**", com o Quadro Paralelo "A Situação No Mundo" (Anexo 1- p. 142), a jornalista introduz a legislação dos diversos países, com a afirmação de que mais de 30 deles alteraram suas leis nas últimas décadas para permitir o aborto, tanto por questões sociais, como médicas.

Mais que os conteúdos informacionais desses quadros, o modo como foram apresentados os constitui, a meu ver, como argumentos favoráveis à conclusão que interessa à autora do texto. A função do quadro paralelo final, que reforça a linha argumentativa do discurso da jornalista como um todo, é a de levar o leitor a inferir que tipo de participação poderá ter na discussão que antecederá a votação da lei, e que posição tomar a respeito do aborto, ou seja: "a sociedade brasileira pode/deve, de forma organizada, influir na votação do Novo Código Penal, exigindo, de deputados e senadores, no que se refere ao aborto, o respeito à vida, que existe desde o momento da concepção."

Justificando minha opinião sobre o posicionamento da jornalista, há um comentário seu, em que assinala a ocorrência de verdadeiros "lobbies", inclusive da indústria clandestina, que teria interesse em deixar " tudo como está", avaliação esta que orienta a argumentação no sentido da necessidade de uma alteração da lei, que, como está, atende aos interesses de uma indústria clandestina do aborto existente no país. Logo após, no entanto, a jornalista desautoriza a avaliação de uma jurista, - a respeito de pequena vitória (no novo texto constitucional) daqueles que defendem a legalização do aborto, ou/ a ampliação dos casos reconhecidos como legais - alegando que a palavra aborto nem chegou a aparecer na nova Constituição.

Com o operador mesmo assim, encaminha o leitor para a conclusão de que, assim sendo, não pode ter havido a vitória afirmada pela jurista:

A palavra aborto nem chegou a aparecer na nova Constituição. Mesmo assim a jurista Zulaiê Cobra Ribeiro acha que houve uma pequena vitória: o artigo 227 diz que é dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer. Antes, lia-se " o direito à vida desde a concepção ".

(Anexo 3- p. 140, L 19/31, col.4)

Ainda, voltando ao Q.P. final, ao citar o Japão, a autora procede a uma delimitação do domínio dentro do qual o enunciado deve ser entendido, com uma ressalva feita através de uma oração adjetiva.

Tal ressalva tem a finalidade de alertar o interlocutor para o fato de que, se a religião xintoísta não coloca empecilhos à realização do aborto, este não é o caso da religião predominante, no Brasil. Há, deste modo, um encaminhamento para a não identificação do leitor com os fatos ocorridos nesse país asiático.

*Um dos pioneiros foi o Japão, onde a religião xintoísta prega que a vida humana só se inicia no nascimento da criança. Lá, em 1948, o aborto foi liberado em caso de risco de vida para a mãe, estupro, anomalias fetais ou por razões econômicas.
(Anexo 3- p.142, Q.Par. "A Situação No Mundo", L 10/18 col.1)*

Outras marcas lingüísticas denunciam o envolvimento pessoal da autora, inclusive no quadro menor "Polêmica nos EUA" -, inserido neste que ora se analisa, que mostra a atual situação nos Estados Unidos da América do Norte, após restrições do direito ao aborto, decorrentes de mudanças ocorridas nas legislações federal e estaduais.

O operador argumentativo agora traz o conteúdo pressuposto de que anteriormente a competência dos estados era menor, quanto às exigências relativas à prática do aborto:

*Agora, cada estado pode exigir exame de viabilidade do feto antes de autorizar o aborto. Na Pensilvânia, ele foi proibido após a 24ª semana de gestação e em Michigan uma nova lei obriga as adolescentes a pedirem antes o consentimento dos pais. Em Nova York, crescem as pressões nas portas das clínicas que o oferecem gratuitamente.
(Anexo 3- p. 142, Q.Par. "Polêmica Nos EUA", L 5/12)*

Após comentar sobre as novas restrições, a autora apresenta um fato introduzido pelo operador argumentativo mas, que marca a oposição entre as "conquistas" dos conservadores, representadas pelas novas restrições, e sua "derrota", representada pelo fato novo que é a obrigação do governo de custear o aborto de mulheres pobres, vítimas de estupro.

Mas os conservadores tiveram uma derrota: agora cabe ao governo custear o aborto

de mulheres pobres, vítimas de estupro.

(Anexo 3- p. 142, Q.Par. "Polêmica Nos EUA", L 12/14)

Novamente o operador agora traz a pressuposição de que antes não cabia ao governo custear esses gastos.

A meu ver, ao identificar este dever do estado como uma derrota, a autora adere àqueles que ela classifica como conservadores.

Assim, principalmente com o último quadro paralelo, a jornalista parece, finalmente, ter traído seu propósito de neutralidade, se é que tinha esse propósito.

Passando ao próximo subtema, dentre os efeitos mais danosos da proibição legal do aborto estão **a corrupção e a mercantilização dos serviços médicos**. Esses subtemas foram utilizados, ora como **argumentos** à tese da descriminalização do aborto ou ampliação da lei, - já que a corrupção/mercantilização dos serviços médicos decorrem do fato de ser o aborto, na maioria dos casos, ilegal - conforme exemplos abaixo:

Enquanto a discriminação não acontece, alguns policiais exigem um pagamento (o chamado " pedágio ") para deixar as clínicas em paz.

.....
Todos sabem a localização dessas clínicas, quem são seus responsáveis e principalmente quanto rendem. Mas, afinal, pode ser conveniente não ver, se isso complementa salários de alguns membros da corporação policial.

(Anexo 3- p.136, L 37/42 col.1 e L 6/13- col.2)

"Mais desesperada do que nunca, procurei outro médico, que cobrava quatro vezes mais que o anterior. Tomei dinheiro emprestado e fui até lá..."

Ana Lúcia teve que assinar um termo de responsabilidade declarando que chegou lá com hemorragia.

(Anexo 3 -p. 138, L 16/20 col. 3 e L 10/13 col. 4)

ora foram utilizados como **premissas**, e também **justificativas** para o caráter de urgência que a jornalista propõe para a discussão do aborto em nível nacional, ou seja, como **argumento**

à sua tese, conforme segue:

O brinde de mau gosto oferecido às clientes mostra que, embora considerado crime pelo Código Penal (salvo em duas exceções: risco de vida para a mãe e gravidez resultante de estupro), o aborto no Brasil é hoje um negócio altamente lucrativo. (Anexo 3 - p.136, L 7/15 col.1)

A exemplo deles, também envolve uma poderosa rede, que começa na farmácia... e termina nas delegacias. " (Anexo 3- p.136, L 30/37 col.1)

Em Recife, apenas as mulheres de maior poder aquisitivo podem arcar com os custos do "tratamento" numa pequena clínica da periferia da cidade ou na casa de uma aborteira. As restantes... optam por medidas drásticas e perigosas:... Anexo 3 - p. 137 - L 34/43, col. 1)

Em Pernambuco, um famoso médico que faz abortos até o sétimo mês de gravidez mantém uma verdadeira rede de ajudantes na maternidade pública onde trabalha. Eles encaminham pacientes para sua clínica clandestina em Olinda e atendem as vítimas de complicações. (Anexo 3- p.138, Q.Par."As Clínicas Na Intimidade", L 40/41 col.1 ; L 7/14 col.2 e 8/19 col.3)

O risco de vida e as seqüelas graves decorrentes de abortos clandestinos mal-sucedidos é um subtema que transita por boa parte do texto, com a função de **argumento** à tese da legalização/ampliação da lei, conforme segue:

No Brasil, um décimo dos óbitos na gravidez decorre de abortos infectados, que constituem a quarta causa de mortalidade materna, revela a dra. Albertina Duarte Takiuti; membro da Comissão dos Direitos Reprodutivos do Ministério da Saúde. "Quanto mais precárias forem as condições em que o aborto é realizado, maiores as chances de infecções ou de seqüelas, como perfuração ou aderência das paredes do útero", acrescenta a médica. (Anexo 3 - p. 136, L 48/52 col.1 e p. 138, L 1/10, col.1)

... a pesquisadora Hildete Pereira de Melo chegou a uma trágica conclusão: de cada quatro mulheres que se submetem ao aborto clandestino, uma tem complicações.

.....
em cada 1.000 mulheres em idade fértil (14 a 45 anos), 18 apresentam seqüelas de abortos provocados.

(Anexo 3 - p. 138, L 15/19, col. 1 e L 3/6 col.2)

Acordei uma hora depois e saí de lá meio tonta. Tomei injeções e todos os antibióticos que o médico prescreveu. No retorno, descobri que a parede do meu útero havia ficado muito fina devido às curetagens seguidas. Nunca mais poderei ter um filho. A história de Ana Lúcia se repete, de norte a sul do país.

(Anexo 3- p.138,L 22/32- col.4).

ou argumento à tese da jornalista, conforme citações abaixo:

O aborto sempre envolve riscos, que equivalem aos de uma cirurgia pequena, se realizado por médicos experientes, em ambientes devidamente esterilizados.

(Anexo 3- p.139 Q.Par."Mé todos Usados" L 1/7 col.1)

Mesmo feito em boas condições, o aborto pode deixar sequelas como sinequias... que em certos casos acarretam esterilidade, perfuração do útero ou dilatação do seu colo, o que no futuro pode favorecer abortos espontâneos.

(Anexo 3- p. 139, Q.Par." Métodos Usados " L 18/28, col.2)

Mais arriscadas,porém, são as medidas empregadas por gestantes e curiosas para iniciar o processo abortivo, que geralmente é concluído num hospital.

.....
Nessas circunstâncias o risco de infecção é altíssimo.

(Anexo 3- p.139, Q.Par." Métodos Usados " L 30/31 col.2 e L 1/4 e 14/16, col.3)

Do ponto de vista psicológico , mesmo que a opção pelo aborto seja consciente, pode surgir anos depois a " síndrome do arrependimento tardio ".

(Anexo 3- p. 139, Q.Par." Métodos Usados " L 30/35 col.3)

O subtema de caráter religioso, a **existência de vida (= alma) desde o momento da concepção** serviu como forte **argumento** àqueles que defendem a restrição total à prática do aborto. Este **argumento** é trazido ao texto pela voz de representantes da Igreja Católica e de parlamentares conservadores, em discursos como os que seguem:

"Nenhuma lei pode regulamentar a perda do direito à vida. Sou radicalmente contra o aborto e inteiramente favorável ao direito à vida", afirma a deputada federal Sandra Cavalcanti (PFL-RJ)...

(Anexo 3- p. 140 L 43/49 col.4)

mas até agora não existe um critério universalmente aceito, que determine com exatidão quando o feto se converte em pessoa.

(Anexo 3- p.140, Q.Par. "Quando Começa a Vida?" L13/18, col.1)

O presidente da Associação Brasileira de Juristas Democratas, Adauto Suannes, lembra que alguns consideram fascista a idéia de que só um ser humano perfeito fisicamente deve nascer.

(Anexo 3- p.141, L 53/57 col.1 e L 38/39 col.2)

O **aspecto histórico** (da própria filosofia da Igreja) é usado como **contra-argumento** ao **argumento contrário** da existência de vida (= alma) desde a concepção, com vistas à tese contra a descriminalização.:

Em 1952, o próprio papa João XXIII, durante o Concílio Vaticano II, reconheceu que a hierarquia da Igreja não detém todas as verdades e deu ao católico o direito de discordar de alguns de seus posicionamentos, desde que não sejam dogmas de fé.

(Anexo 3- p.141, Q.Par. "Católicos A Favor" L 16/26 col.1)

No caso do aborto, a atual postura da Igreja de condená-lo em qualquer circunstância nem sempre existiu. Até meados do século XIX, predominava a teoria de São Tomás de Aquino de que o feto só adquiria alma a partir dos 40 dias de gestação, no caso do homem, ou 80 dias no caso da mulher. Antes desse momento, o aborto não era considerado um atentado à vida.

(Anexo 3 - p. 141, Q.Par. "Católicos A Favor", L 27/34 col. 1 e L 1/7 col.2)

Para que o aborto envolvesse um dogma de fé, deveria haver uma história sem contradição e uma segurança absoluta da ciência do momento em que a vida se inicia. Até hoje ninguém sabe quando o feto é uma pessoa, nem há referência na Bíblia a respeito.

(Anexo 3-p.141, Q.Par. "Católicos A Favor", L 20/31 col.2)

Se o feto é um ser humano desde a concepção, por que não batizá-lo quando há um aborto espontâneo?

(Anexo 3- p.141, Q.Par. "Católicos A Favor", L 31/34 col.2 e L 1 col.3)

o aspecto científico é utilizado como argumento à descriminalização do aborto, conforme segue:

Se essas mulheres tivessem a opção de fazer um aborto na rede pública, sofreriam menos e os gastos seriam menores, pondera a dra. Angela Bacha, docente da Universidade de Campinas, SP, e ex-coordenadora do Programa Saúde de Mulher da Secretaria da Saúde do Estado de São Paulo... o aborto feito em boas condições é um procedimento simples.

(Anexo 3- p.139, L 31/47 col 1)

como contra-argumento (ao argumento contrário da existência de vida desde o momento da concepção, em defesa da restrição total ao aborto):

A medicina hoje tende a considera-lo (o feto) um ser viável a partir do momento em que ele passa a ter condições de vida fora do organismo materno.

Esse argumento de defesa da vida, no entanto, é contestado pelo deputado federal José Genoíno (PT-SP), porque até agora não se chegou a uma conclusão definitiva sobre o momento em que a vida se inicia

(Anexo 1-p.

(Anexo 3- p.141, L 8/14 col 1)

Motivos de várias naturezas, muitos deles não incluídos na legislação, mas que levam a mulher ao aborto, são apontados.

Assim, à tese que defende a descriminalização/ a ampliação da lei como solução dos

problemas, eles são apresentados como **argumentos** favoráveis.

Abaixo, algumas passagens do texto ilustram este fato:

... 54% das leitoras admitiram a possibilidade de fazer um aborto hoje, mesmo que seu motivo não estivesse previsto em lei. As situações que as levariam a tomar essa atitude são: anomalias fetais (75%), doenças capazes de prejudicar o feto (74%), gravidez decorrente de estupro (72%), risco de vida para a mãe (61%), falta de condições psicológicas (49%), e falta de condições financeiras (45%).

(Anexo 3 - p. 136, Q.Par. A Legalização Na Opinião das Leitoras, L 12/22, col 2)

O que se percebe é uma ética nova. Não há mais tanto medo do castigo divino como antigamente, mas vergonha pela irresponsabilidade contraceptiva. E o medo é em relação às seqüelas, ao risco de vida, à polícia. É o medo real, concreto, não mais da punição de Deus.

(Anexo3- p.137 Q.Par." A Mulher Que Faz Aborto" - L 27, col.2 e L 1/12, col.3)

O que mais pesou na decisão de interromper a gravidez... foi o fato de o filho não fazer parte do projeto de vida ou o momento da relação afetiva não ser o mais adequado.

(Anexo3- p.137 Q.Par." A Mulher Que Faz Aborto" - L 9/19 col.2)

o subtema do **livre-arbítrio**, presente em vários pontos do texto, funciona como **argumentos** à tese da descriminalização, em:

"Um dos principais defensores do aborto por anomalias feitas (aborto eugênico), o dr. Thomaz Gollop,... insiste, no entanto, que a família, sobre a qual recai o ônus de criar uma criança com proplemas, deveria ter o direito à escolha"

(Anexo3- p.141, L 40/50 col.2)

e como **contra-argumento** ao **argumento-contrário**: existência de vida (= alma) desde a concepção nas seguintes passagens:

Além disso sobrepõe à vida efetiva e presente da mulher a possibilidade abstrata de vida futura do feto, afirma o parlamentar, que elaborou um projeto garantindo à mulher a livre opção de ter ou não ter filhos, junto com a deputada federal Cristina Tavares (PDT-PE)... O novo projeto ... estabelece o direito de interromper a gravidez

em até 90 dias da concepção, obrigando os hospitais públicos a atender nesses casos (Anexo3- p.141, L 14/34 col. 1)

Achamos que da mesma maneira que o anjo perguntou a Maria se ela queria ser mãe de Jesus e ela abaixou a cabeça e pensou antes de responder, as outras mulheres também deveriam ter esse direito.

(Anexo 3 -p. 141, Q.Par. "Católicos A Favor", L 13/21 col.3)

A gravidez deve ser, em primeiro lugar, um processo pessoal de aceitação, de se comprometer a criar uma pessoa dentro e fora de si. É nesse momento que, para nós, o feto é um ser humano.

(Anexo 3-p. 141, Q.Par. "Católicos A Favor", L22/30 col.3)

Alguns teólogos admitem que em certas situações o aborto pode ter justificativa moral e crêem que a consciência de cada um deve orientar essa decisão.

(Anexo 3-p. 141, Q.Par. "Católicos A Favor" , L 3/9 col.3)

Os **aspectos ético e moral** funcionam como **argumentos** contra a descriminação do aborto, nas passagens:

Esses grupos alegam também que seria o mesmo que legalizar assaltos e estupros só porque seu número não para de crescer. "A liberação levaria à maternidade sem responsabilidade e aumentaria a prostituição" acrescenta a deputada estadual Lúcia Herácio (PMDB), única mulher na Assembléia Legislativa de Pernambuco.

(Anexo 3 - p. 140, L 2/12, col.4)

O presidente da Associação Brasileira de Juristas Democratas, Aduino Suannes, lembra que alguns consideram fascista a idéia de que só um ser humano perfeito fisicamente deve nascer.

(Anexo 3 - p.141, L 53/57 col.1 e L 38/39 col.2)

e o subtema da **prevenção** à gravidez indesejada, funciona como **contra-argumento** a à descriminalização do aborto, em:

"Aborto, assim como esterilização, não é método contraceptivo".

Deve haver um política séria de Planejamento Familiar, acrescenta a pesquisadora Carmen Barroso... "Nenhum método é 100% eficaz para 100% das mulheres", enfatiza Carmen.

(Anexo 3, p. 142, L 9/24 col3)

Análise do texto - fonte 2: "Aborto: Um tabu? Um direito?"⁵³

Este texto igualmente se insere no universo das discussões a respeito da legislação sobre o aborto e das possíveis alterações que pudessem vir a ocorrer, por ocasião da promulgação da Nova Constituição Brasileira, no ano seguinte (1988).

"Aborto: Um tabu? Um direito?" é um texto jornalístico feito a partir de depoimentos pessoais, relatórios de organizações internacionais, (estatísticas oficiais) e outros dados obtidos em material publicado em livros e jornais.

O ponto de vista da autora, sua tese global: **"a atual defesa da descriminalização do aborto é passo inicial importante... no sentido de assegurar na legislação os direitos e garantias para que os indivíduos possam decidir livremente questões que lhe dizem respeito, cabendo à mulher, o direito de conceber, evitar ou interromper uma gravidez não almejada, com assistência médica assegurada pelos serviços públicos de saúde"** - é alicerçada por argumentos de várias naturezas.

Após um **levantamento histórico** do aborto no mundo, é colocado o fato de ele sempre ter sido uma questão polêmica, dependendo da sociedade em que se verificasse.

A questão é então enfocada em nosso país, onde o aborto assume dimensões dramáticas.

A autora apresenta dados sobre o aborto no Brasil e procura justificativas para os empecilhos colocados ao esclarecimento desta questão que envolve um grande número de mulheres, de diferentes setores sociais. Esses empecilhos, necessários à manutenção do tabu,

⁵³

MORAES, Jô. "Aborto: Um tabu? Um direito?" In Revista *Presença da Mulher*. (Abril/Junho de 1987), págs. 28 e 29

têm por objetivo o controle do comportamento da mulher, chocando-se frontalmente com seus direitos individuais, como seu **livre-arbítrio em relação ao ato da procriação/do aborto**, subtese esta defendida pela autora do texto com vistas à sua tese global. Assim, os subtemas da **incidência** do aborto, do **livre-arbítrio** e da **filosofia da Igreja**, foram utilizados como **argumentos** a esta subtese, conforme segue:

" ... um estudo recente da ONU mostrou que, no Brasil, para cada 100 partos se realizam 50 abortos. Um cálculo conservador aponta a realização de 4 milhões de abortos clandestinos anualmente no Brasil que provocam a morte de cerca de 400 mil mulheres.

Sem dúvida, as decisões que dizem respeito ao ato da procriação são de forum íntimo da mulher. Ela pode decidir sozinha ter ou não ter filhos... Esta é uma questão de seu livre arbítrio. Mas o fato de gerar filhos... se relaciona com a reprodução da espécie, com os destinos da humanidade... por isso os setores dominantes da sociedade tudo fazem para interferir nessa decisão ... criam normas, geram costumes, estabelecem leis que possam condicionar a mulher a esse respeito.

E no caso do aborto a atuação da sociedade é sempre mais rígida porque ele é a expressão mais radical do poder da mulher sobre sua maternidade. Sobre ele pesam não apenas as pressões machistas de uma sociedade conservadora que destina à mulher o papel fundamental de mãe. Há aqui uma forte intervenção da Igreja Católica que procura impor ao conjunto da sociedade as opções filosóficas de seus seguidores."
(Anexo 3 - p. 28, L 27/33 col.1; L 8/22 col 2; L 31/36 col 2 e 1/6 col 3)

As barreiras interpostas pela Igreja às **transformações legais**, decorrentes de uma nova realidade social, emergem em outro ponto do texto, seguidas, porém, desta vez, de informações que são usadas como **contra-argumentos** à tese atual da Igreja, de que **existe vida (=alma) desde a concepção**:

"A campanha pela preservação da vida dessas mulheres, que na maioria das vezes já têm filhos, encontra uma poderosa barreira na ação da Igreja. Mas é bom que se tenha

conhecimento que nem sempre essa instituição teve a mesma posição de considerar a existência da "alma" desde o momento da concepção. Do Concílio de Trento (1545-63) até 1869 a posição oficial da Igreja era inspirada na chamada teoria da animação tardia. Essa teoria do teólogo São Tomás de Aquino sustentava que não existe um ser humano no ventre durante as primeiras etapas da gravidez. Para ele e outros teólogos, antes do feto começar a tomar forma humana e possuir os órgãos básicos o "embrião" está vivo, mas da maneira como uma planta e um animal."
(Anexo 3 - p. 29, L 55/67 col 2 e 1/6 col 3)

Em reforço a esse contra-argumento obtido no próprio interior da instituição Igreja, a autora traz um **argumento** de autoridade incontestável, com base no subtema do **aspecto científico** na discussão do aborto:

"É equivocado, no entanto, colocar a questão sobre (sic) essa ótica (a existência de "alma" desde o momento da concepção), já que a própria ciência diverge sobre o assunto. Para o Prêmio Nobel de Medicina e Fisiologia, o francês François Jacob, em depoimento de 1972: "... é bem evidente agora que a vida jamais começa, ela continua... Um espermatozóide isolado ou um óvulo não está menos "vivo" que um ovo fecundado. Entre o ovo e o recém-nascido que dele surgirá, não há um momento privilegiado nem etapas decisivas conferindo de repente a dignidade de pessoa humana."
(Anexo 3 - p. 29, L 7/20 col 3)

Com base nesse depoimento tira conclusões que, "ad infinitum", caracterizariam como crimes (na visão atual da Igreja) procedimentos por ela já aceitos como éticos:

"Nessa compreensão seria infanticídio também, a ligadura de trompa que interrompe a gravidez não uma vez, como o aborto, mas em caráter permanente, "matando" mensalmente óvulos que são vida também."
(Anexo 3 - p. 29, L 20/25 col 3).

A **justificativa** para o aborto é trazida para o texto na voz de pessoas comuns (depoimento de experiência pessoal) e pelas citações de obras especializadas, confirmando a tese da autora de que **"Nenhuma mulher defende o aborto em si, por ser esse, na maioria**

das vezes, um processo doloroso física e psicologicamente. " : "(aborto) é muito ruim, porque é tudo muito escondido e a gente fica morrendo de medo... Está cheio de gente que faz isso por aí... Acho que toda mulher que tira filho é porque não pode mesmo ter mais... Se ficar grávida de novo, vou tirar novamente porque não posso criar." (Depoimento de Celina, empregada doméstica, 29, S.P.)

No entanto, seu apoio à prática do aborto não é irrestrito, conforme suas próprias palavras: "*Nunca é demais afirmar que o aborto como método contraceptivo, isto é, como forma rotineira de impedir uma gravidez, é inadequado e prejudicial.*" (Anexo 3 - p. 28, L 24/27 col 3)⁵⁴

Porém seu convencimento quanto ao caráter emergencial desse procedimento, diante da realidade da mulher brasileira, leva-a à **defesa da descriminalização**.

As **circunstâncias** que propiciam uma gravidez indesejada (problemas fisiológicos da mulher, de assistência médica, de informação) e os **motivos** que levam ao aborto (problemas sociais: miséria, sobrevivência dos filhos já nascidos e da própria gestante, falta de condições para orientação e educação dos filhos), são fortes **argumentos** em favor dessa tese:

"O corpo humano não é uma máquina sem falhas. Mesmo quando a mulher vive os períodos "não férteis", certos fatores psicológicos podem antecipar a ovulação e provocar uma gravidez indesejada. Num país onde as condições de atendimento médico são extremamente precárias e onde a educação sexual é inexistente e até mesmo tratada com preconceito, vamos encontrar inúmeras mulheres que engravidam por ignorância, apesar de suas condições econômicas e sociais não o indicarem e elas mesmas não o quererem".

(Anexo 3 - p. 28, L 30/36 col 3 e p. 29, L 1/7 col 1)

"São muitos e variados os motivos que levam uma mulher a não querer ter um filho

54

Com esta explicitação a autora desarma aqueles que, sendo contrários à liberação do aborto, apresentam exatamente esse fato (a utilização do aborto como método contraceptivo) como contra-argumento à sua descriminalização.

num determinado momento de sua vida."

.....
 muitas mulheres não querem ter mais filhos para que estes não passem privações e sofram toda sorte de misérias pelas quais estão passando seus filhos já nascidos;" algumas "não querem engravidar para poder garantir o seu sustento e o dos que dependem de seu salário; e outras "não querem ter filhos para que estes não fiquem abandonados, sejam levados à delinqüência e ao crime."

(Anexo 3 - p. 29, L 8/25 col 1)

O risco de vida e as seqüelas graves decorrentes de abortos clandestinos mal-sucedidos é um subtema que transita por quase todo o texto, com a função de **argumento** à tese da descriminalização, conforme seqüência abaixo:

"Um cálculo conservador aponta a realização de 4 milhões de abortos clandestinos anualmente no Brasil que provocam a morte de cerca de 400 mil mulheres."

(Anexo 3 - p. 28 L 29/33 col 1)

"A pesquisadora Hildete Pereira de Melo, do Rio de Janeiro, analisando os dados do INAMPS, do censo de 1980, encontrou o registro de 201 mil casos de complicações causadas por aborto no atendimento dos hospitais credenciados. Isso levava a uma projeção de 1,5 a 2 milhões de abortos realizados no Brasil em 1979 e 1980. No entanto, esses dados não dão a dimensão real do problema porque ... não absorvem os atendimentos dos hospitais não conveniados, os abortos que levaram a apenas complicações secundárias ou não causaram problemas, embora o risco tenha existido.

(Anexo 3 - p. 29, L 33/50 col 1)

A corrupção, a mercantilização do atendimento médico e suas conseqüências para as mulheres de baixa renda, são subtemas que refletem outros aspectos do problema, trazidos ao texto como **argumentos** em defesa da descriminalização, conforme segue:

"Hoje, em virtude da proibição, a prática abortiva é muito lucrativa. Centenas de clínicas por esse Brasil a fora (sic) muitas delas de conhecimento das autoridades policiais, atendem diariamente mulheres cujas condições econômicas permitem um

*aborto com assistência médica condigna."*⁵⁵

(Anexo 3 - p. 29, L 56/63 col 1)

"Tentei abortar fazendo escalda-pé, tomando chá com álcool e canela e ainda tomei conhaque. Não queria este filho, foi a gravidez mais inconformada que tive."

(Depoimento de mulher, numa favela de B.H.)

"Comecei então a tomar uma porção de chás que me indicaram e todos eles eram horríveis. Eles atacaram o fígado e fiquei toda inchada, passando muito mal. Continuei perdendo sangue durante dezoito dias."

(Depoimento de mulher, na periferia de S.P)

(Anexo 3 - p. 29, L 1/11 col2)

Análise do Texto-fonte 3: "O meu Pequeno Mundo"

Este texto é um relato de experiência pessoal - portanto um texto narrativo - que funciona como forte **argumento** contra a prática do aborto, no contexto de discussão de temas polêmicos que envolveu a sociedade brasileira, no período que precedeu/sucedeu a promulgação da Nova Constituição (1988).

Pela sua origem (Colégios Religiosos de Orientação Católica) e pelo sentido do texto, identificamos sua **tese** como **contrária à descriminalização do aborto**, com base no **argumento da existência de vida (alma) desde o momento da concepção**, e nos demais **argumentos** dele decorrentes, como:

- **o ser concebido tem uma existência consciente**

"De repente, como uma explosão eu me senti que existia, mas só aos poucos essa existência foi se conscientizando dentro de mim. Eu era muito feio, minha cabeça fazia-me assemelhar a de um monstro, mas ela foi dando lugar às minhas perninhas e bracinhos, perdendo o seu tamanho. E continuei crescendo, até que parecia um pouco com meu pai, e continuei me desenvolvendo, sem saber direito porque estava ali, sem saber se era fruto do amor de dois seres ou se era apenas fruto do prazer."

(Anexo 3)

⁵⁵(... perto de 4,5 salários mínimos (preço de setembro de 86, em B.H)

- **o feto tem sentimentos**

"Eu não era mais um embrião, mas não me importava porque eu já a amava. Mesmo sem a conhecer, MAMÃE, eu já te amava."

(Anexo 3)

- **o feto sente dor**

"Eu estava sentindo tanta dor Mamãe, e não podia nem sequer gritar, gritar a favor da vida!

Olha Mamãe, meus olhinhos estavam cheios de água, eu chorei, chorei um choro mudo que nunca foi ouvido e continuei sofrendo e te amando, amando mesmo sofrendo.

Dai Mamãe, minha cabeça estava latejando, minhas mãozinhas escurecendo, meu corpinho ardia, ardia lentamente, eu estava sentindo uma queimadura, é, eu acho que era isso, eu estava todo em carne viva, mas ainda estava vivo, vivo sofrendo a quase 24 horas."

(Anexo 3)

Além dessa tese mais ampla defendida no todo do texto, **outras teses da filosofia da Igreja** podem ser identificadas, como a da **punição dos culpados:**

"Mas chegará o dia em que o silêncio do meu grito será uma realidade gritante aos ouvidos da atual incompreensão."

(Anexo 3)

e a da **ressurreição e glória dos inocentes:**

"Um dia, mãe, sem saber porque, você não me queria mais, eu que a tanto desejava. Você tinha ódio de mim, eu não tinha culpa daquela noite cheia de amor, cheia de prazer e tantas outras, cheias de revoltas de mim e dos métodos falíveis da medicina."

(Anexo 3)

"E mamãezinha eu morri, vocês me mataram, mas me encontro em outro mundo, NUM MUNDO DE PAZ E AMOR, um mundo das crianças."

(Anexo 3)

Capítulo 6

O discurso de que outro é o meu discurso. E até onde?

Realizada a leitura com os alunos, o debate (= discussão de seus temas principais) e a síntese, lhes foi solicitada a produção de um texto dissertativo argumentativo, em que apresentassem sua conclusão (seu ponto de vista) sobre o aborto, e seus argumentos e justificativas para esta conclusão.

Apresento, na próxima página, no Quadro II, a relação dos textos dissertativos argumentativos que constituem o corpus analisado na Parte II.

No decorrer desta dissertação, as referências aos textos serão feitas pelos respectivos números, após a letra T. Do anexo IV constam todos esses textos na íntegra, seguindo a mesma numeração.

QUADRO II				
Nº do Texto	Grupo	Título do Texto	Aluno	Série
22	G1	"O Aborto"	AC	8ª
23	G1	"Aborto	Mir	8ª
24	G1	"Aborto"	Gra	8ª
25	G1	Aborto	Rod	8ª
26	G2	Aborto	Da	8ª
27	G2	O Aborto	Ale	8ª
28	G2	"O Aborto"	Rob	8ª
29	G2	O Aborto	And	8ª
30	G2	Aborto: seus prós e suas controvérsias"	Arn	8ª
31	G2	Aborto	Kat	8ª
32	G2	O Aborto	Cec	8ª
33	G2	Aborto	Mire	8ª
34	G2	Aborto... sim ou não	Viv	8ª
35	G2	Aborto	Cla	8ª
36	G2	O Aborto - crime ou falta de informação?	Cin	8ª
37	G2	--	Lu	8ª
38	G2	Aborto	Ka	8ª
39	G2	"O Aborto"	Jan	8ª
40	G2	O aborto na sociedade	Ren	8ª
41	G2	extração do Feto	Sh	8ª
42	G2	"O Aborto"	Mic	8ª
43	G2	Aborto	Eli	8ª
44	G2	"Aborto"	Pat	8ª
45	G2	O Aborto	Fab	8ª
46	G2	Aborto	Fa	8ª
47	G2	"Aborto"	Umb	8ª
48	G2	Aborto	Tat	8ª
49	G2	"O Aborto"	Carl	8ª
50	G2	"Aborto"	Rod	8ª
51	G3	O Aborto	Ces	8ª
52	G3	Aborto	An	8ª
53	G4	Aborto	Je	8ª
54	G4	O Aborto	Car	8ª
55	G4	O aborto	AB	8ª
56	G4	Aborto	Adr	8ª

Analisadas as 35 (trinta e cinco) dissertações produzidas, em termos de **tese final**, foram encontradas três posições:

1. a favor do aborto (11,4%)
2. contra o aborto (71,4%)
3. posição indefinida (5,7%)

sendo o grupo 1 (G1), **a favor do aborto**, constituído por 04 (quatro) textos, a saber: textos de 22 a 25;

o grupo 2 (G2), **contra o aborto**, constituído por 25 textos, a saber: textos de 26a 50; e o grupo 3 (G3), de **posição indefinida**, constituído por 02 (dois) textos, a saber: textos 51 e 52.

Foi identificado um outro grupo, o grupo 4 (G4), sem qualquer posicionamento explícito do aluno, (11, 4%) constituído por 04 (quatro) textos, a saber: textos de 53 a 56.

A seguir, com a finalidade de verificar a participação das informações obtidas nos textos-fonte/ outras fontes nas conclusões dos alunos, foi feita uma análise mais atenta desses textos.

Nesta verificação da **origem e modo de incorporação** das informações, elevadas à categoria de argumentos, contra-argumentos e argumentos contrários, foram identificados alguns subgrupos dentro dos grupos principais, a saber: G1 a e d., G2 a., b., c., e., f e g.; no entanto, apenas G3 d., pois o G3 está todo contido no subgrupo d. Já o G4 não se encaixa em qualquer deles, pois sendo constituído por textos expositivos, não apresenta os elementos próprios da argumentação, base desta classificação:⁵⁶

Assim, temos textos cuja **conclusão** baseou-se em:

a.

- argumentos retirados da leitura:
do G1: T22, T23, T24

⁵⁶

De todos os textos de aluno analisados (31 textos), serviram de base para esta classificação em subgrupos, as partes identificadas como: argumentos, contra, argumentos contrários e conclusões, tendo sido desprezadas as partes iniciais dos textos, por constituírem exposições, cuja função não foi possível muitas vezes determinar, no quadro da argumentação.

Funcionariam estes quadros iniciais como **premissas**?

do G2: T27, T29, T30, T31, T34, T 38, T 40, T 42, T46, T48, T 50

b.

- argumentos outros, (do senso comum/conhecimento prévio/de mundo/enciclopédico):
do G2: T28 e T37

c.

- argumentos obtidos na leitura e
- argumentos outros:
do G2: T32, T39, T43

d.

- argumentos obtidos na leitura e
- contra-argumentos obtidos na leitura
- a argumentos contrários obtidos na leitura:
do G1: T25
do G3: T51, T52

e.

- argumentos obtidos na leitura e
- contra-argumentos outros
- a argumentos contrários obtidos na leitura:
do G2: T26, T33, T35, T36, T47, T49

f.

- contra-argumentos obtidos na leitura
- a argumentos contrários outros e/obtidos na leitura:
do G2: T44

g.

- contra-argumentos outros
- a argumentos contrários, obtidos na leitura:
do G2: T41 e T45

Num outro aspecto, verificamos quais (que tipos) de informações foram selecionadas, dentre as disponíveis nos textos-fontes e **como**, (o modo) estas informações, serviram aos **projetos de dizer**, às teses globais dos alunos em relação ao aborto. Concomitantemente identificamos a **origem** desses elementos da argumentação: se provenientes dos textos-fonte ou do conhecimento enciclopédico⁵⁷ do aluno.

Como resultado tivemos que a **incorporação das informações da leitura e do conhecimento enciclopédico**, nos textos dos alunos, se resume no seguinte:

Os textos do G1 - **a favor do aborto** - tiveram **todos** seus argumentos, contra-argumentos e argumentos contrários retirados da leitura dos textos-fonte, e suas conclusões foram todas no mesmo sentido do Tf2.

Quanto ao **conteúdo** das informações selecionadas, os seguintes subtemas foram utilizados neste grupo (G1),

como **argumentos**:

- **motivos** de caráter individual/social que levam a mulher ao aborto:
T 23, T 24, T 25
- **risco de vida/seqüelas** do aborto;
T 24
- **livre-arbítrio** da mulher quanto ao aborto.
T 22

como **contra-argumento**:

- o **aspecto-científico**: impossibilidade de vida intra-uterina consciente
T 25

⁵⁷

No decorrer deste texto esse conhecimento poderá ser denominado por conhecimento prévio, conhecimento de mundo ou senso comum.

como **argumento contrário**:

- **o aspecto religioso**: existência de vida (consciente) do feto.

T 25

Os textos do G 2 - **contra o aborto** - com raras exceções, tiveram seus **argumentos** e **argumentos contrários** retirados da leitura dos textos-fonte; e suas **conclusões**, no mesmo sentido dos Tsf 3 e 4.

Seus **contra-argumentos**, porém, vêm do conhecimento enciclopédico do aluno.

Quanto ao **conteúdo** das informações no **G 2**, foram utilizados,

como **argumentos**: (retirados da leitura)

- **motivos de caráter individual** que levam a mulher ao aborto;
T 30
- **prevenção** como meio de se evitar a gravidez e, portanto, o aborto.
T 26, T 38, T 47
- **o aspecto legal**: aborto é crime, na maioria dos casos.
T 26, T 27, T 33, T 35, T 36, T 39, T 42, T 43, T 46, T 47,
T 48
- **o aspecto religioso**: existência de vida (=alma) desde a concepção; vida consciente do feto; não culpabilidade do feto.
T 26, T 29, T 30, T 31, T 33, T 35, T 36, T 39, T 43, T 49
- **risco de vida e seqüelas do aborto; riscos morais**.
T 39, T 42, T 43, T 46, T 47
- **circunstâncias favoráveis**: possibilidade de acesso a informações no país.
- **mercantilização** dos serviços médicos
T 31

como **contra-argumentos**: (retirados da leitura)

- **prevenção** à gravidez como meio de se evitar o aborto
- **aspecto moral**: maternidade responsável
T 44
- **aspecto legal**: aborto é crime T 44

- **motivos econômicos:** possibilidade de se encontrar soluções alternativas
- **circunstâncias**

como **argumentos contrários:**

- **motivos** de caráter individual/social que levam ao aborto.
T 26, T 36, T 49
- **circunstâncias** que possibilitavam a gravidez indesejada.
T 33, T 35, T 36, T 41, T 35, T 47

como **argumentos** oriundos do conhecimento enciclopédico dos alunos:

- **métodos de prevenção**, não citados nos textos-fonte.⁵⁸
T 28, T 43, T 59
- **aspecto religioso:** "a vida é um dom de Deus", "um filho é um dom de Deus".
T 28

como **contra-argumentos**, também oriundos do conhecimento enciclopédico:

- **métodos de prevenção**, não citados nos textos-fonte.
T 33, T 35, T 36, T 37, T 39, T 41, T 45, T 47
- **motivos econômicos** - afirmação de possibilidade de se encontrar soluções alternativas para os problemas financeiros que levam as gestantes ao aborto.
T 26, T 36, T 49

aos **argumentos contrários** do conhecimento enciclopédico:

- **motivos** de caráter individual/social que levam ao aborto.
T 44

Os textos do G 3 - **sem uma orientação definida quanto ao aborto** - tiveram todos seus argumentos, contra-argumentos e argumentos contrários retirados da leitura dos Tsf. Suas

⁵⁸

Embora estas informações sobre **prevenção** não constem destes textos-fonte (estudados na 8ª série), elas foram também adquiridas através de leitura e/ou palestras apresentadas por estes alunos na série anterior (7ª), principalmente sobre os temas: "Gravidez na Adolescência", "Sexo", "Drogas", "Aids nos Presídios" e outros.

conclusões, às vezes várias no mesmo texto, e em sentidos diversos, ora coincidem com a do Tf2, ora com a do Tf3, ou divergem de todos os Tsf. (T 52)

Já o T 51 tem sua conclusão no sentido do Tf1.

E quanto ao conteúdo das informações, no G 3 foram utilizados, como **argumentos**:

- **circunstâncias** que levam à gravidez indesejada.
T 51
- **aspecto legal**: aborto é crime, na maioria dos casos.
T 52
- **livre-arbítrio** da mulher em relação ao aborto.
T 52
- **aspecto religioso**: não culpabilidade do feto.
T 52
- **prevenção** à gravidez como meio de se evitar o aborto.
T 52

como **contra-argumentos**:

- **motivos** de caráter individual/social que levam ao aborto
T 51
- **aspecto legal**: aborto é crime, na maioria dos casos.
T 52

como **argumentos contrários**:

- **circunstâncias** que levam à gravidez indesejada.
T 51
- **motivos** de caráter individual/social que levam ao aborto
T 52
- **livre-arbítrio** da mulher em relação ao aborto.
T 52

De alguns textos não se pode dizer que suas conclusões sejam no sentido da tese global deste ou daquele texto-fonte, pois **o ponto de vista desses alunos se restringe a um ou outro**

aspecto da discussão levada a efeito nos textos-fonte. Assim, suas conclusões dizem respeito à possibilidade/impossibilidade de prevenção da gravidez no contexto social de nosso país (T 38, T 39, T 41, T 47 e T 50); às justificativas apresentadas para o aborto, principalmente as de caráter econômico (T 32); ao aspecto legal, quando defendem restrições ou ampliações da legislação vigente. (T 23, T 30, T 34, T 42, T 44 e T 46) ou ainda à utilização regular do aborto como método contraceptivo (T 37).

Refletindo sobre o resultado das análises, pergunto:

A incorporação de grande número de informações dos Tsf nos textos dos alunos indicaria que essas leituras foram relevantes para a constituição da consciência desses indivíduos?

Creio que os alunos que se pronunciaram **favoráveis ao aborto (G 1)**, realmente aderiram à tese do Tf2, pela descriminalização rumo à conquista do livre arbítrio dos indivíduos nos assuntos que lhes dizem respeito; ou, na hipótese desta postura do aluno ser anterior à leitura dos Tsf, agora ele pôde, com acesso a maior número de informações, consolidar sua posição e defendê-la com argumentos/contra-argumentos convincentes.

Quanto ao G 2, **contra o aborto**, com conclusões em direção aos Tsf 3 e 4, o fato de os **contra-argumentos** virem do conhecimento prévio (o já construído) e se prenderem à **prevenção** e à não aceitação dos **motivos e circunstâncias** alegados para justificar o aborto, aliado aos tipos de **argumentos** apresentados, nos leva a concluir que as novas informações obtidas na leitura realmente "incomodaram" os alunos, que se apegaram à lei ou às verdades religiosas, indiscutíveis, para manter seus pontos de vista. Quando se opuseram às justificativas, simplesmente afirmaram que há possibilidade de soluções alternativas para os problemas econômicos, e acesso a informações, numa recusa veemente de reconhecimento e adesão ao ponto de vista contrário. Obviamente ignoraram os dados factuais.

É patente o conflito entre a nova informação e os conhecimentos prévios do aluno.

Já no **G 3** o aluno se expõe menos. Apresenta argumentos e contra-argumentos a favor da ampliação/restricção da lei, se contradiz, e conclui pela necessidade de se estudar muito antes de se tomar qualquer posição a respeito do aborto, no mesmo sentido do Tf1.

No **G 4** a incorporação de informações é, da mesma forma, alta mas os textos não discutem o problema, os alunos não se colocam.

Não souberam fazer um texto argumentativo? Fizeram o texto expositivo que dominavam melhor? Ou, subjacente a esta atitude está a recusa/o receio de discutir o tema escolhido pela maioria dos colegas?

Digo "receio", por ter vivenciado o seguinte fato numa sala de 5ª série: o medo do julgamento de leitores que tinham poder sobre ele (a mãe/outras pessoas da família) levou um garoto que havia narrado o assassinato do pai pelo próprio tio, que permanecera impune, a alterar a versão escrita de seu relato, rasurando-o antes de retornar à sua casa; porém após tê-lo apresentado na íntegra em classe, para os colegas e o professor.

Emerge, aqui, a consciência do aluno em relação à natureza da linguagem como ação/interação, adequando seu discurso a seus interlocutores reais e virtuais.

A alta incidência de certos subtemas,⁵⁹ como o caso do **aspecto legal** que ocorreu em 100% dos textos do G 1, do G 3 e do G 4 e em 96% dos textos do G 2; e dos **motivos** que levam ao aborto que ocorreu em 100% dos textos do G 1, do G 3 e do G 4, e em 80% dos textos do G 2 significa que estas informações foram realmente novas e relevantes para a constituição "ideológica" desses alunos.

Acredito que através das recorrências - vistas como informações novas - é possível identificar o nível das informações outras que já circulam na sociedade com interferência na constituição da consciência social. As recorrências têm, assim, uma significância fundamental.

Neste sentido considero interessante observar a incidência de certos tipos de informação em cada um dos grupos, assim como a ausência de outros, também disponíveis nos textos-fonte:

Nos textos do G 1 foram utilizados os **aspectos legais** e os **motivos** que levam ao aborto em 100% dos textos (04); a **incidência** de abortos, o **risco de vida/seqüelas** e o **aspecto religioso** quanto à existência de vida desde o momento da concepção em 50% dos textos (02), o **não-acesso a informações** por parte da mulher que aborta e o **livre arbítrio** em

⁵⁹

Aqui foi considerada a totalidade dos textos, sem a restrição feita anteriormente (na classificação dos subgrupos) à sua parte inicial.

relação ao aborto em 25 % dos textos (01).

Neste grupo (G 1) não aparecem nos textos, como temas ou subtemas, o **aspecto científico** no esclarecimento da existência ou não da vida desde a concepção, a **corrupção/mercantilização da assistência médica**, a **prevenção** como meio de se evitar o aborto, o **aspecto moral** do aborto, nem o **aspecto histórico**, anterior ao séc. XX.⁶⁰

Nos textos do G 2 foram utilizados os **aspectos legais** em 96% dos textos (24); os **motivos** que levam ao aborto em 80% dos textos (20); a **incidência** de aborto em 68% dos textos (17); a **prevenção** como meio de se evitar a gravidez indesejada em 56% dos textos (14); o **não-acesso a informações** (circunstâncias) por parte da mulher que e o **aspecto religioso** quanto à existência de vida desde o momento da concepção em 48% dos textos (12); o **risco de vida/seqüelas** em 44% dos textos (11); a **mercantilização da assistência médica** e o **aspecto moral** do aborto em 8% (02) e o **aspecto histórico**, anterior ao século XX 4% (01).

Nos textos desse grupo (G 2) não ocorreram como temas/subtemas, o **aspecto científico** quanto à existência ou não de vida desde a concepção, a **corrupção** (de comerciantes, policiais, etc. ligados ao aborto clandestino) e o **livre-arbítrio** em relação ao aborto.

Nos textos do G 3 foram utilizados os **aspectos legais** e os **motivos** que levam ao aborto em 100% dos textos (02); os **riscos/seqüelas**, o **livre-arbítrio** em relação ao aborto, o **aspecto religioso** quanto à existência de vida desde o momento da concepção, o **não-acesso a informações** e a **prevenção** como meio de se evitar a gravidez indesejada em 50% dos textos (01).

Neste grupo (G 3) não foram utilizados nos textos como temas ou subtemas, a **incidência** do aborto, o **aspecto científico** quanto à existência ou não de vida desde a concepção, a **corrupção/mercantilização da assistência médica**, o **aspecto moral** do aborto

⁶⁰

As informações sobre o aborto nos vários países do mundo nas últimas décadas (cf. Tf 1 e Tf 4 comentado), foram consideradas como **aspecto legal**, não **histórico**.

e o **aspecto histórico**.

Nos textos do G 4 foram utilizados os **motivos** que levam ao aborto em 100% dos textos (04); a **incidência** do aborto e o **não-acesso a informações** em 75% dos textos (03) e o **risco de vida/seqüelas** decorrentes do aborto, o **livre-arbítrio** em relação ao aborto, a **mercantilização da assistência médica** e a **prevenção** como meio de se evitar a gravidez indesejada em 25% dos textos (01).

Não foram utilizados como temas ou subtemas, neste grupo de textos, o **aspecto legal, histórico** ou **moral** do aborto, o **aspecto científico** quanto à existência ou não de vida desde a concepção, a **corrupção** (de comerciantes, policiais, etc. ligados ao aborto clandestino) e o **aspecto religioso** quanto à existência de vida desde o momento da concepção.

Ainda quanto à possível identificação do já construído na consciência do aluno, há um texto, (abaixo transcrito) que talvez nos traga algum esclarecimento.

As condições de produção deste texto foram totalmente diversas, pois a aluna permaneceu ausente durante todo o período preparatório (leituras, pesquisas, debates, etc.) da produção do texto dissertativo argumentativo sobre o aborto, porém, ao retornar à escola, fez questão de cumprir a tarefa.

Acredito que o texto por ela produzido (ex. 202) retrata o já socialmente construído para um grande número de alunos desta turma, e indica a necessidade real, urgente da interferência do professor na ampliação do campo informacional/ideológico desses alunos.

Na ausência de outras fontes, a aluna recorreu ao dicionário (1º parágrafo), para conceituar "aborto" e, a seguir, de forma desarticulada, coloca seu conhecimento (senso comum) sobre o aborto, e seu julgamento: contra.

(202) *Redação: "Opinião sobre Aborto."*

Aborto é uma ação ou efeito de abortar. Indivíduo disforme, monstro.

Eu acho que um aborto, e o jeito que as mulheres fazem para se livrar de um peso que carregaram a vida inteira, ou porque não tem dinheiro para sustentar a criança.

Há também as prostitutas que engravidão e depois aborta, mas às que aborta são aquelas que são bem sem vergonha, e as que são prostituta para poder ter dinheiro.

mas se ficasse grávida não abortaria.

Antigamente nas cidades pequenas do interior, uma mulher abortar era uma vergonha, mas agora "já está virando moda".

Eu acho que quando uma mulher vai para cama com um homem, ela já pode ter consciência do que está fazendo, e que pode engravidar ou não, para depois abortar o filho.

(G.F da S.)

Nestes anos de trabalho com o "projeto", ocorreram respostas variadas aos discursos circulantes em nossa sala de aula, ocorreram algumas mais formais, como abaixo-assinados a reivindicar direitos sonogods, outras menos, como a improvisação de um monólogo (tendo por tema o aborto) por uma aluna estudante de artes cênicas e que por sua conta e risco, se valendo apenas de um lençol e uma boneca, logrou classificar-se para as finais de um concurso promovido pela FDE (Fundação para o Desenvolvimento Escolar) nas escolas públicas do Estado.

Também, houve o alerta dado por outra aluna aos moradores do condomínio onde morava, ao constatar a desproporção entre as reduzidas dimensões das escadas de incêndio dos prédios e o grande número de moradores que, em casa de emergência, teriam que utilizá-las. A garota constatou esta irregularidade ao entrevistar o síndico e percorrer com ele o condomínio, em busca de informações para a palestra sobre "Segurança" que seu grupo apresentaria na aula de Português.

Ainda, outro participante desse grupo de trabalho, desta vez entrevistando o Sr. Diretor da escola, e com ele percorrendo o prédio escolar para verificação de suas condições de segurança, testemunhou a surpresa e constrangimento do mesmo ao abrir os "boxes" dos hidrantes, onde deveriam estar as mangueiras de apagar incêndio, e dar com todos eles vazios.

Após informar-se, o Sr. Diretor ficou sabendo que há alguns anos atrás as mangueiras, já apodrecidas, haviam sido jogadas no lixo e... jamais foram repostas.

Esta situação trágico/cômica mereceu uma engraçadíssima encenação levada a efeito por esse grupo na sala de aula, no decorrer de sua palestra, sobre "Insegurança...".

A esse respeito, da atitude responsiva do interlocutor, nos fala, ainda Bakhtin (op. cit. págs. 290/291):

"De fato, o ouvinte que recebe e compreende a significação (lingüística) de um discurso adota simultaneamente, para com esse discurso, uma atitude reponsiva ativa: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar, etc.

.....

Uma resposta fônica, claro, não sucede infalivelmente ao enunciado fônico que a suscita: a compreensão responsiva ativa do que ouvido... pode realizar-se diretamente como um ato..., pode permanecer, por um certo de tempo, compreensão muda,... mas nesse caso trata-se, poderíamos dizer, de uma compreensão responsiva retardada: cedo or tarde, o que foi ouvido e compreendido de modo ativo encontrará um eco no discurso ou no comportamento subsequente do ouvinte".

Capítulo 7

O texto dissertativo: obra minha

Superestrutura Dissertativo-Argumentativa

O discurso dissertativo, por suas próprias características, é o que oferece maiores dificuldades tanto para o professor como para o aluno. Segundo R.H.B. Martinez⁶¹ (1978:32/33) os textos descritivo e narrativo nada mais são que a reconstituição, pela linguagem, de um acontecimento que faz parte de nossa experiência, no caso da narrativa; ou de um determinado momento captado da realidade, no caso da descrição; no entanto isso não parece ocorrer de igual modo para a dissertação, que se constitui por ela própria e através do discurso, ou seja, "é no discurso e pelo discurso que ela se efetiva", daí toda a dificuldade na aquisição deste tipo de texto.

Também para Geraldi,⁶² a dificuldade na produção desse tipo de texto, para qualquer autor, reside no fato de a dissertação ser uma realidade puramente lingüística. Para a dissertação não há um "tertius comparationis" no mundo, ou seja, um objeto ou a verossimilhança com o vivido, tertii da descrição e da narrativa.⁶³ No processo dissertativo o que se tem é um conjunto de informações elevadas, pelo processo de construção do fato lingüístico que é a dissertação, a argumentos.

No mundo não existe a articulação das informações (pequenas narrativas, fatos,

⁶¹

Martinez, R.H.B. Subsídios à proposta curricular de Língua Portuguesa para o 2º grau. Vol. III - Produção de Textos. Secretaria de Estado da Educação - São Paulo. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. São Paulo. 1978.

⁶²

Teoria exposta por Wanderley Geraldi (IEL- Unicamp) por ocasião do Exame de Qualificação deste trabalho.

⁶³

Na construção da narrativa e da descrição temos três elementos envolvidos: o fato vivido (tertius comparationis), externo ao fato lingüístico; a narração, fato lingüístico que o autor constrói (sob o controle da verossimilhança com o vivido), e os processos de interlocução do sujeito envolvido. Na descrição o "tertius comparationis" é o objeto do mundo, que também serve como controlador da descrição produzida.

citações, argumentos de autoridade, exemplos, etc) à tese que está sendo defendida.

O que se encontra no mundo, disponíveis, são outras dissertações que funcionam como padrões, parâmetros de gênero, para quem está dissertando, unicamente como modelos a seguir, possibilidades de como se expressar, que, porém, não constituem um "tertius comparationis".

A dissertação é, assim, um fato puramente lingüístico, embora possa ter, em seu interior, elementos de "tertius comparationis".

A complexidade da dissertação reside justamente nos mecanismos de que temos que nos servir para expressar nossas reflexões, explicitar nossas opiniões, nossos juízos de valor e fazer com que nosso interlocutor acate essas opiniões e se ponha do nosso lado.

Da "montagem" de nosso discurso vai depender o sucesso dessa difícil tarefa de persuasão.

Ainda segundo R.H.B. Martinez, (op.cit.: 34) "na sua argumentação o sujeito deve partir de ou admitir, em princípio, uma premissa ou uma afirmação sobre a qual tem-se consolidada a aceitabilidade e da qual também partilhe o interlocutor. Desta (ou destas) afirmação o locutor passa a construir o seu raciocínio, que evidentemente deve mostrar os passos "lógicos", isto é, bem argumentados e fundamentados e chegar à conclusão final com a qual deve concordar o seu interlocutor." Além dessa superestrutura, no discurso dissertativo, embora o sujeito expresse sua opinião, a subjetividade cede lugar à **generalização**, tanto no nível do objeto, quanto ao próprio nível do sujeito que não se dirige a um só interlocutor, mas a um auditório universal.

Outra característica desse tipo de discurso é a **atemporalidade**.

Com oposições tão marcantes em relação a algumas tipologias anteriormente estudadas pelos alunos, a introdução do texto dissertativo requer, assim, certos cuidados, como partir do geral para o particular, i. e., do global do texto para suas partes, desde a preparação da produção do texto, através de leituras.

Observando os dados de minha pesquisa, (textos dissertativos argumentativos) penso que o fato de eu, professora, na época ter, juntamente com os alunos, decomposto os textos-fonte em itens temáticos, sem no entanto, termos identificado com clareza a tese global defendida por seus autores, talvez tenha levado os alunos a constituírem seus textos da maneira como o fizeram, i.e., selecionando informações sem explicitação de sua função específica dentro

de seus textos argumentativos, com vistas à macro-tese defendida (conclusão final). Este fato pode ser observado principalmente no início dos textos, (T 22 a 50) onde a maioria dos alunos apenas listou uma série de informações, que por certo desempenhara algum papel na argumentação, (premissas?) o qual, no entanto, não foi explicitado através de elementos lingüísticos.

Com certeza não ficou bem claro o fato de a tese geral orientar a seleção das subteses; e, embora o esquema básico do texto dissertativo tenha sido discutido, não o foram suficientemente as articulações entre as partes constitutivas do texto ou outros recursos típicos da dissertação.

Também o fato de terem sido juntadas as informações dos 04 (quatro) textos-fonte, com orientações diferentes, numa mesma síntese, sem que se atentasse para a seleção específica das informações, feita por cada um de seu autores, a partir de sua macro-tese, talvez explique a citada lista.

Nos textos dos alunos, as relações argumentativas envolvendo algumas informações consideradas importantes só ocorreram posteriormente, no último/últimos parágrafos, apenas na justificativa da conclusão, e não antes dela.

Creio ser relevante trazer ainda o fato de, na época, eu já ser produtora competente de textos dissertativos, gênero este adquirido no próprio micromundo em que tinha estado inserida, tanto pela prática da leitura de temas polêmicos, como pela sua discussão em debates acalorados, em decorrência principalmente de situações políticas vivenciadas - cursava a universidade e era presidente de Centro de Estudos à época do golpe de 64 - porém, embora não ignorasse totalmente seu aspecto teórico, não tinha noção clara de todas suas especificidades, pelo menos não o bastante para explicitá-las aos alunos.

A valorização deste fato como gerador de dificuldades no processo de aquisição da modalidade escrita deste gênero no contexto escolar, por meus alunos, deu-se pela leitura de Bakhtin.

Nas palavras de Bakhtin (1992: 301), "Para falar, utilizamo-nos sempre dos gêneros do discurso, em outras palavras, todos os nossos enunciados dispõem de uma forma padrão e relativamente estável de estruturação de um todo. Possuímos um rico repertório dos gêneros do discurso orais (e escritos). Na prática, usamo-los com segurança e destreza, mas podemos

ignorar totalmente a sua existência teórica."

Aspectos microestruturais e sua relação com a super e a macroestrutura

As informações listadas, quase sempre constituindo cada uma um parágrafo, não apresentavam a articulação necessária à progressão do texto, no qual um tipo específico de relação entre as premissas e a conclusão deveria ser estabelecido, uma relação de causa e consequência, passando por provas lógicas como raciocínios e exemplos pertinentes.

Assim, em alguns textos, embora o aluno tenha trazido informações que nos levariam a concluir a favor do aborto, surpreendentemente conclui contra ele. A função das informações trazidas não é explicitada. (T 28)

Este comportamento do aluno frente ao texto solicitado é compreensível, já que a síntese das informações dos textos-fonte foi feita conforme já explicado e o contato que os alunos haviam tido com os relatores argumentativos se limitava às leituras feitas, na fase preparatória da produção. Assim, problemas de articulação, de relações adequadas podem ser encontrados mesmo nos parágrafos finais onde se concentrou a argumentação, conforme os exemplos abaixo, entre outros:

(203) O aborto é praticado por médicos irresponsáveis que não se orgulham da profissão que escolherão e jurara defender a vida, e estão matando por dinheiro. (T 31)

(204) O aborto maioria das vezes é ocorrido por adolescentes, pessoas mal informadas, pois existem vários tipos de se prevenir como o preservativo, tabelinha, pílula, diu e espermicidas. Apesar do preservativo ser o mais confiável. (T 32)

(205) ... o aborto na minha opinião é um crime, na palavra de Deus a biblia também condena o aborto ninguém pode tirar uma vida senão Deus. (T 43)

Confirmando a hipótese de que a aquisição de uma nova tipologia (ou até mesmo de uma variação de uma tipologia já dominada) leva a dificuldades outras, decorrentes da falta de domínio de sua macro e super-estrutura, temos que:

Voltando-se à história da aquisição desses alunos, nota-se que os problemas micro-estruturais que ocorreram nos textos **dissertativos-expositivos** produzidos na 8ª série, (G 4), são em muito menor número e de caráter menos grave que os ocorridos nos textos deste mesmo tipo produzidos na 7ª série (fase inicial de sua aquisição na modalidade escrita), conforme os exemplos 198 a 201.

Os poucos problemas sintáticos que ainda permaneceram são decorrentes de estruturas mais complexas, como a transformação do agente da passiva em sujeito ativo (não explicitado) na seqüência textual, e a concordância do infinitivo pessoal com esse sujeito, no exemplo abaixo:

(206) *"A maior parte dos Abortos são feitos pelas adolescentes, por vários motivos: a discriminação dos pais e da sociedade, por não ter condições financeiras de sustentar seu filho ou por ter alguma doença." (T 53)*

Considero que esta minimização das inadequações no micro-estrutural (cf. T 55 e T 56) se devem ao fato do maior domínio do macro e superestrutural, após uma produção mais sistemática desse tipo de texto no decorrer da 7ª série, principalmente a partir das palestras semanais feitas em sala de aula, pelos próprios alunos.

Também na 8ª série, ao se defrontarem pela primeira vez com uma solicitação formal, em sala de aula, de produção de um texto dissertativo argumentativo, os alunos se desorientaram. E esta desorientação não está marcada somente na superestrutura do texto que ainda não dominavam, mas também, em decorrência desta dificuldade, está marcada no micro-estrutural.

Assim, ressurgem neste contexto de aquisição de uma nova variedade, problemas como: falta de **concordância verbal** em frases de estrutura simples, como:

(207) *"Os motivos para praticar tal coisa varia muito." (T 34)*

(208) *"E por causa do aborto surge várias conseqüências..." (T 45)*

(209) *"As causas que leva a mulher abortar são as seguintes:..." (T 27)*

(210) *"... as famílias repreende as gestantes..." (T 52)*

Os problemas de **pontuação** reaparecem nas inserções de orações ou expressões no continuum do parágrafo, inserções estas importantes para a correta delimitação da

argumentação do aluno, conforme os exemplos abaixo:

- (211) *"Para concluir o aborto, ele pode ser evitado, quando não pode ser evitado **que é o caso natural de aborto** então não é um assassinato..." (T 26)*
- (212) *"O aborto provocado, **não sendo realizado por um médico** pode ocorrer graves complicações infecciosas, correndo riscos mortais à mãe." (T 27)*
- (213) *"Mas há casos em que é uma gravidez indesejada, nesses casos na minha opinião não deveria abortar (isso se a família tem condições de criar a criança)". (T 51)*

Manifestam-se ainda os problemas de **pontuação e paragrafação**, nas enumerações e exemplificações:

- (214) *"As principais causas do Aborto são:*
- *Repressão Familiar, por preconceito social;*
 - *problemas econômicos;*
 - *Doenças da mãe;*
 - *Falta de informação para ter um Filho." (T 42)*
- (215) *"Há vários tipos de aborto: (homicídio, em caso de estupro não é crime, o espontâneo que é a perda do feto no decorrer da gravidez, extração antes do sexto mês. Temos também por indicação médica o terapêutico ou seja para salvar a vida mãe." (T 35)*
- (216) *"Existe três tipos de aborto, o espontâneo, o provocado e o terapêutico" (T 38)*
- (217) *"... e outros motivos que são sem a importância como o de preservar a beleza e estética do corpo."(T 38)*
- (218) *"Eu por Exemplo: acho o aborto ilegal..." (T 39)*

O acesso a um grande número de informações, sem o domínio da macro-estrutura dissertativo-argumentativa, levou muitas vezes à constituição de um texto descaracterizado, frente ao conjunto circulante de textos dissertativos argumentativos a que se propunha integrar. Informações de toda natureza incidem ao mesmo tempo no texto, sem a necessária seleção, e

gradual progressão da argumentação. Esse jorro de **informações mal articuladas**, tornam **frases/parágrafos confusos**, (cf exs. 218 a 221) além de dificultar a identificação da linha argumentativa do texto, que em geral só se define no último/últimos parágrafos.

(219) *"Eu acho que o aborto é um crime, é claro, quando a casos de estupro tudo bem, mas, fora disso nem tem o que falar, porque na hora de ter relações sexuais o casal teria que discutir, o assunto e sim ver o que é melhor, depois é só matar o pobre feto que não tinha nada a ver com a história, e fica tudo bem." (T 33)*

(220) *"O aborto homicida pode ser feito desde uma adolescente assustada em ser rejeitada pela sociedade, amigos, e a repressão de sua família que sertamente não á acolheria, passando nesta hora em seu pensamento os seguintes problemas: - Como criar sozinha a criança? - O que será de minha vida?. A uma mulher culta bem formada que em sua porfissão um filho agora só iria estragar." (T 34)*

(221) *"Há vários tipos de aborto, o embrião a perda do feto no decorrer da gravidez este é o aborto espontâneo, aborto extração antes do 6º mês, aborto provocado (homicídio) não é um crime em caso de estupro." (T 43)*

(222) *"Em países desenvolvidos com a Inglaterra Suíça, esse é liberado e com isso é feito em segurança sem que a mãe sofra agrções físicas ocasionando não doenças e escolha assim a criança só nasce com o total segurança do Bebe" (T 23)*

O domínio da macroestrutura por ocasião da produção de um texto é fundamental para a compreensão deste mesmo texto pelo leitor. Como afirma Van Dijk (1981) apud Koch (1993:66), "trata-se [a macroestrutura] de uma espécie de estrutura semântica do texto, que é representada por uma macroproposição obtida através de macrorregras que reduzem e abstraem o conteúdo proposicional das seqüências textuais, mas ao mesmo tempo organizam seu conteúdo em termos de hierarquização.

.....
... determinar a macroestrutura de um texto é estabelecer sua coerência, pelo menos em termos semânticos."

O uso de termos e expressões específicos da variedade formal, própria do texto

dissertativo, levou a problemas de **regência nominal e verbal**, conforme exemplos abaixo:

(223) "As causas que leva a mulher __ abortar são as seguintes:..." (T 27)

(224) "... as pessoas deviam de ter mais responsabilidade e consciência no que está fazendo."
(T 32)

(225) "Isso ocorre devido a falta de informação..." (T 26)

(226) "... para que não causem danos físicos a mãe e a própria criança..." (T 30)

(227) ... ou pode até mesmo chegar a morte. (T 38)

Também o uso da voz passiva levou a inadequações na concordância do participio, conforme exemplos abaixo:

(228) Para que isto seja evitado, devem ser tomados as precauções que ...
(T 29)

(229) ... o aborto deveria ser legalizados os ... (T 51)

(230) ... a extração feito no decorrer da gravidez... (T 54)

assim como na construção da própria frase, até com verbos que não têm voz passiva. (ex.232)

(231) "O aborto é causado porque as famílias..." (T 52)

(232) Geralmente o aborto é ocorrido por uma gravidez indesejada..." (T 39)

Ainda em vários textos os alunos deixaram de flexionar o verbo existir, provavelmente confundindo-o com o verbo haver, impessoal no sentido de existir, conforme exemplos abaixo:

(233) "... porque existe várias formas ... " (T 52)

(234) "Existe três tipos de aborto, ..." (T 38)

(235) "... porque existe vários meios dê-se evitar..."
.....
.....

Em alguns textos ocorreu a construção "é quando" que, segundo Maria Cecília Perroni⁶⁴, (1991:57) "é um "erro" (sob o ponto de vista da escola) clássico... nas definições elaboradas pelos alunos em processo de aquisição da modalidade escrita desse tipo de discurso [dissertativo]". Essa construção decorreria do cruzamento de tipos discursivos, no caso o uso de recursos próprios da narrativa (cujos eventos são ordenados num eixo temporal, através do operador quando) no texto dissertativo. O aluno tenta, também aqui, ordenar os eventos num eixo temporal, ferindo assim uma das características do texto dissertativo que é a atemporalidade.

Ainda segundo Perroni, após passar por um estágio de narrativização dos textos dissertativos para melhor compreendê-los, os alunos dariam mais um passo no sentido de sua aquisição, que consistiria no seguinte: "Num momento posterior, os verbos... passariam a ser usados no presente, o que permite conferir o aspecto de generalidade do discurso dissertativo, tal como ocorre nas definições do tipo "é quando + verbo no presente". Nessa fase, a presença do quando evidenciaria o processo de transformação de um tipo de discurso em outro...

.....
o quando pode estar presente no discurso dissertativo da criança ou adolescente, a introduzir o produto de sua reflexão e abstração de aspectos mais gerais do objeto sobre o qual discorre."⁶⁵

No caso dos textos aqui analisados, em três deles ocorre a construção é quando seguida de um verbo no presente; e esta concorre, no mesmo texto, com definições expressas através de construções mais próprias. Esta alternância indica o estágio da aquisição do texto dissertativo em que se encontram esses alunos, conforme exemplos abaixo:

(236) *Aborto é a perda ou extração do feto no decorrer da gravidez...*

O aborto espontâneo é aquele que acontece naturalmente.

O provocado é o que acontece por intermédio de outras pessoas. Por recomendação médica é quando pode acontecer alguma coisa com a vida da mãe. (T 24)

⁶⁴ PERRONI, Maria Cecília, *Considerações sobre a aquisição do discurso dissertativo*.

⁶⁵ Op. cit. p. 57

(237) *O Aborto é a perda do Feto no decorrer da gravidez.*

.....
O Aborto espontâneo, é quando a mulher expulsa o Feto sem quere, por problemas hormonais

O Aborto Provocado, é quando a mulher... (T 42)

Nessa primeira tentativa de produção de um texto dissertativo argumentativo os alunos demonstram em seus textos a incorporação de algumas características desse tipo de texto, por certo adquiridas nas leituras realizadas, ou pela produção das dissertações expositivas (que têm esses aspectos em comum) na série anterior, já que em sala de aula não foram tematizadas.

Assim, a atemporalidade foi garantida com o uso do **presente do indicativo**, e quanto ao aspecto da generalidade do sujeito exigida pela explicação objetiva dos fatos, os alunos a manifestaram através de termos como: Você, ninguém, muitos, outros, pessoa, alguém, os (= aqueles) (T 22); acham (3ª pes. plural), se (índice de indeterminação do sujeito) (T 23 e 55); cada um, uns (= algumas pessoas) (T 52), entre outros.

Na maioria dos textos, há uma parte inicial, de estrutura semelhante à da dissertação expositiva, em que ocorre o sujeito genérico expresso pelos termos acima, porém na conclusão surgem as marcas da 1ª pessoa, no pronome eu, nos possessivos meu, minha, no verbo na 1ª pessoa do singular, conforme os exemplos abaixo:

(238) *Acho que... (T 24)*

(239) *Na minha opinião ... (T 51)*

(240) *Eu sou contra o aborto... (T 52)*

A explicação deixa de ser objetiva, o sujeito que até o momento era apenas testemunha, agora se coloca, se envolve, expressando seu posicionamento sem guardar uma certa distância dos fatos, dos valores em jogo. E a marca da subjetividade é tão forte que muitas vezes no início da conclusão, acompanhando o verbo opinativo na 1ª pessoa do singular (em geral o verbo achar) vem a expressão na minha opinião, conforme o T 23 e outros:

"Acho na minha opinião que o aborto... "(T 23)

Às vezes, no mesmo texto, esta manifestação de subjetividade vem misturada a outras de despersonalização do sujeito, como:

(241) *E a minha opinião nesse caso, eu sou contra o aborto, eu acho que ...*

Ele nos deu esse dom maravilhoso... o nome que se dá ao aborto é assassinato." (T 26)

A observação de todos esses fatos nos leva a concluir que a aquisição do texto dissertativo se prende a dois aspectos igualmente importantes, quais sejam, a **mobilização de informações** e sua **articulação a uma tese**.

A articulação das informações depende de um projeto de dizer, a partir do qual se limitam os ângulos a serem explorados, pois o tema é inesgotável.

O projeto de dizer do autor determina a seleção de informações dentro do amplo leque que constitui seu conhecimento enciclopédico.

A necessidade de contar com um conhecimento o mais vasto possível, para dele selecionar o que for necessário para atualizar a argumentação, é o que justifica a presença maciça de textos de temática atual e variada na sala de aula.

O nosso trabalho, neste aspecto, difere do suposto por Perroni (op. cit p. 60), a respeito das dificuldades de aquisição do texto dissertativo escrito, em situação escolar: "Um fator adicional de complicação no caso do discurso dissertativo que a escola exige está no fato de que, na escola, não está em questão avaliar o conhecimento do aluno sobre o objeto em pauta. Antes disso, o objetivo do professor parece ser muito mais o de checar seu domínio de um tipo de discurso que tem características bem definidas.", pois o tema aborto era importante tanto para os autores dos textos-fonte (e para aqueles cujas vozes foram trazidas para seu interior), como para os alunos, que o elegeram para discussão em sala de aula.

Para o professor de Português, interessado na promoção dos alunos a cidadãos plenos - pela conscientização sobre os problemas nacionais e participação efetiva nas discussões em que se decidia a sorte do país, através da produção de discursos argumentativos - esta situação ofereceu condições ideais de trabalho.

Cumprida a parte informacional, vimos no entanto, não ter sido a mesma suficiente para a produção de um texto dissertativo argumentativo padrão, o que fez sobressair a necessidade do trabalho no âmbito macroestrutural.

Na metodologia adotada, a identificação e atendimento das inadequações ocorrem sempre após a produção do texto, em atividades de reestruturação; inclusive daquelas ligadas ao uso das variedades linguísticas, como as que pudemos observar em alguns textos, como T 32, T 33, T 35, T 40, T 44, T 50 e T 52, entre outros.

Ao projeto de dizer devem-se aliar as estratégias de dizer.

Neste sentido trago novamente a palavra de Bakhtin, para quem "o estilo está indissociavelmente vinculado a unidades temáticas determinadas e, o que é particularmente importante, a unidades composicionais: tipo de estruturação e de conclusão de um todo, tipo de relação entre o locutor e os outros parceiros da comunicação verbal (relação com o ouvinte, ou com o leitor, com o interlocutor, com o discurso do outro, etc). O estilo entra como elemento na unidade de gênero de um enunciado." (op. cit. p. 284)

Conclusão

Esta dissertação que inicialmente tinha como objeto de pesquisa problemas de ensino/aprendizagem de língua materna, principalmente no que diz respeito à aquisição de tipologias textuais por meus alunos de 1º grau, teve esse objeto posteriormente ampliado para a verificação das implicações do ensino de língua, no caso a materna, na manutenção/alteração do papel social do professor e de seus alunos que, dentro da escola, participam desse processo.

A partir do estudo longitudinal da aquisição do texto narrativo, levado a efeito na Parte I, em que se procedeu à análise de textos produzidos na 5ª, 7ª e 8ª séries, foi possível concluir que o aluno foi se apropriando não só das macroestruturas de algumas das variedades⁶⁶ existentes no âmbito desse tipo de texto, como de suas peculiaridades super e microestruturais. Com a prática, o aluno se tornou capaz de quase sempre adequar sua produção às necessidades da situação de interlocução, que aprende a reconhecer e respeitar, sob pena de ridicularização/marginalização.

As características dessas variedades e as situações de interlocução em que podem/devem ocorrer são tão específicas que, sem a compreensão clara de seu sentido global (macroestrutura) que determina as opções de sua produção oral/escrita, o autor incorrerá em inadequações que descaracterizarão a variedade, impossibilitando sua interpretação por parte do interlocutor, conforme comentários a respeito do T 2, sobre sua superestrutura, que precedeu o exemplo 11 (p.21), retomados na análise de sua coerência (exs. 185 e 186), à página 74.

Ainda como exemplos temos a fábula e a lenda - variedades narrativas depositárias de traços culturais que constituem fortes argumentos na defesa dos valores da sociedade de origem - cujas macroestruturas atribuem às super e às microestruturas que as atualizam, funções estritas no cumprimento de seus papéis, conforme comentários a respeito do T 12,

⁶⁶

Chamo de variedades, as diversas manifestações narrativas, me valendo do mesmo argumento posto por Sírio Possenti ao defender o uso desse termo para nomear os diversos falares, inclusive aquele guindado ao "status" de língua-padrão, ou norma culta, em "Gramática e Política", in João Wanderley Geraldi (org.) *O Texto na Sala de Aula*, págs. 33/34.

página 78 (ex. 193). Outros problemas identificados também na produção da lenda, T 12 (exs. 96 e 98) e T 10 (exs. 100 e 102) se devem ao necessário contraponto que o aluno tentou estabelecer entre a realidade ("tertius comparationis") e a lenda que ia narrar. A diferenciação entre os dois mundos leva a esse comentário, tipo de texto diferente (dissertativo), necessário ao estabelecimento do sentido daquilo que vai ser relatado a seguir.

Esse discurso mais amplo em que se insere o texto dissertativo constituído pelo comentário, gera dificuldades super e microestruturais, como se pôde observar.

Para não sair dos textos comuns ao universo das crianças e adolescentes, temos ainda os "casos" que, segundo Perroni (1992: 227/228)⁶⁷, resultam do cruzamento dos textos de ficção (estórias) com os relatos, e as histórias em quadrinhos, em que as macroestruturas exigem a construção de realidades em que coexistem personagens reais e fictícios, com o conseqüente reflexo no "arranjo" do texto (seções de: Orientação, Avaliação, Complicação, Resolução, Coda, Resumo), em sua sintaxe (restrições, explicitações, predicções, etc.) em sua coesão (marcadores de tempo/espaço, seleção lexical, progressão temática, etc.), e em sua microestrutura, como por exemplo na concordância nominal e verbal, quando o autor tem que saber exatamente o que vai atribuir a quem, e em que circunstâncias.

E ainda a variedade narrativa sofisticadíssima que é a crônica, domínio de poucos - entre tantos autores de outras variedades narrativas, como romancistas, novelistas, teatrólogos - certamente pela dificuldade de apreensão de sua macroestrutura, inconsistente e fugidia como o próprio momento que a inspira.

Por isso mesmo a tentativa de produção de crônicas na escola resulta desastrosa, pela dificuldade inerente à atualização de seu sentido através de sua super e micro-estrutura. O desastre em geral consiste no fato de a quase totalidade dos alunos produzirem outra variedade de texto narrativo que, via de regra, é aceita pelo professor como cumprimento da tarefa de produção de uma crônica. Ora, esta acomodação diante da dificuldade que representa a compreensão/produção da crônica, leva ao estabelecimento de concepções errôneas a respeito dessa variedade narrativa, por parte dos alunos.

Voltando aos textos dos alunos, foi possível constatar a partir das análises feitas, três

⁶⁷

PERRONI, Maria Cecília. *Desenvolvimento do discurso narrativo*.

fatos:

- 1º o domínio da macro-estrutura de um tipo de texto é fundamental para a organização coerente de seus elementos constitutivos (super e micro-estruturais);
- 2º dentro de uma mesma tipologia textual ocorrem variedades, cujas macro-estruturas diferenciadas igualmente definem as peculiaridades de suas super e micro-estruturas.

e em consequência:

- 3º a falta de domínio da macroestrutura pelo autor, leva a inadequações nos níveis super e micro-estruturais de um texto.

Na Parte II, o estudo da aquisição inicial do texto dissertativo consolidou as constatações feitas em relação ao texto narrativo, sendo portanto atribuídas aos três fatos citados as inadequações micro-estruturais observadas, causadoras de meu estranhamento, ao introduzir uma variedade deste tipo de texto na 7ª e outra na 8ª série - motivação primeira desta pesquisa.

Ainda para responder a outros questionamentos, relativos à interferência do trabalho desenvolvido na escola em Língua Portuguesa, na manutenção/alteração da consciência social/individual já constituída nos alunos, tentou-se identificar quais informações dentre as muitas disponíveis nos textos estudados em sala de aula, os alunos incorporaram a seus textos, e como se deu essa incorporação.

Como resultado observou-se que houve uma incorporação maciça das informações retiradas das leituras aos textos dos alunos.

Nesta incorporação, porém, por motivos ligados às condições de produção dos textos, as informações não foram utilizadas na argumentação no limite máximo de suas possibilidades, o que levou às seguintes conclusões, a respeito das condições mínimas que devem ser garantidas para a produção do texto dissertativo:

1. estabelecimento de um projeto de dizer pelo autor do texto. (macroestrutura)
2. determinação das estratégias de dizer, i. e., do modo de estruturação do texto e articulação de suas partes constitutivas (super e microestrutura)
3. acesso a informações de fontes variadas, de modo a possibilitar ao autor do

texto uma seleção mais adequada dos elementos constitutivos de sua argumentação.

O papel do professor é fundamental na garantia dessas condições de produção, principalmente no que se refere aos itens 2 e 3.

E ainda, válida para a aquisição de qualquer tipologia textual, a conclusão de que somente o exercício da atividade linguística no limite da multiplicidade de seu uso na interação social, permitirá o domínio dos gêneros vigentes e evitará a manipulação e a marginalização dos indivíduos dentro de uma dada sociedade.

TEXTUAL TYPOLOGIES: A STUDY OF STRATEGIES OF USE AND ACQUISITION IN PUBLIC SCHOOL (5TH TO 8TH GRADE)

SUMMARY

This dissertation, elaborated within a social-interactionist conception of language, presents the results of research on the acquisition of new textual typologies by public Junior High School students (5th to 8th grade). It deals with problems of first language teaching and learning and the implications of the acquisition of these typologies on maintaining or modifying teacher's as well as the students' social roles.

A logitudinal study of the acquisition of the written narrative compositions (from 5th to 8th grades) and the impact of the introduction of written dissertative texts in the beginning of 7th and 8th grades is presented. I tried to identify the necessary conditions for the production of written dissertative compositions and observed how texts produced by 7th and 8th graders dialogued with other texts dealing with themes broader than those "common" to the students' daily experiences.

Trying to discover the degree and content of the students' enciclopedic knowledge, we looked at the types of information (among that present in texts read in the classroom) which the students brought to their own dissertative compositions and how they did it. My intention was to verify the possibility of interfering, through teaching actions, on the already constructed social/individual conscience of the students.

BIBLIOGRAFIA:

BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira, São Paulo: Hucitec, 1979. (original de 1929)

_____. *Estética da Criação Verbal*. Tradução a partir do francês, de Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira, São Paulo: Martins Fontes, (1ª ed. brasileira), 1992.

BARBOSA, S. A. M. e AMARAL, E. (colab.) *Redação: escrever é desvendar o mundo*. (5ª edição) Campinas, (S.P.):Papirus, 1989.

BASTOS, L.K. e MATTOS, M. A. de. *A Produção Escrita e a Gramática*. S.Paulo: Martins Fontes, 1986.

BRAIT, B. "As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso". IN BARROS, D.L.P. de e FIORIN, L.F. (orgs). *Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade*. São Paulo. Edusp, 1994.

CITELLI, A. *Linguagem e Persuasão*, S.Paulo: Ática, 1986.

DUBOIS, J. e outros. *Dicionário de Linguística*. (39ª ed) S.Paulo: Cultrix, 1988.

DUCROT, O. *O Dizer e o Dito*. Campinas: Pontes, 1987.

FARACO, C.E. e MOURA, F.M. de *Gramática* (5ª ed.) S.Paulo: Ática, 1990.

FLEURI, R. M. *Educar para quê ? Contra o Autoritarismo da Relação Pedagógica na Escola*. Goiânia: Ed. UCG, 1986.

FRANCHI, E. *E as crianças eram difíceis... A Redação na Escola* (2ª edição) S. Paulo: Martins Fontes, 1985.

GERALDI, J. W. (org.) *O Texto na Sala de Aula: leitura e produção*. Cascavel: Assoeste, 1985.

_____ *Portos de Passagem*. S. Paulo: Martins Fontes, 1991.

GOES, M. C. R. de "A Constituição do Escritor: Considerações sobre a relação da criança com seu texto." Mimeo. Campinas: FE, Unicamp, 1993, 07 págs.

INFANTE, Ulisses. *Do Texto ao Texto. Curso Prático de Leitura e Redação*.(29ª ed.) S.Paulo: Scipione, 1991.

KLEIMAN, A. *Texto e Leitor. Aspectos Cognitivos da Leitura*. Campinas, S. Paulo: Pontes, 1989.

_____ *Leitura: Ensino e Pesquisa*. Campinas. S.Paulo: Pontes, 1989.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *A Coesão Textual*. S. Paulo: Contexto, 1989

_____ *A Inter-Ação pela Linguagem*, Contexto, 1992

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Argumentação e Linguagem*.(3ª ed.). São Paulo: Cortez, 1993.

KOCH, I. G. V. "Aquisição da Escrita e Textualidade", Seminário de Aquisição da Linguagem, Campinas - Unicamp - IEL, 1993 (mimeo)

KOCH, I. G. V. e TRAVAGLIA, L. C. *A Coerência Textual*. S. Paulo: Contexto, 1990.

KOCH, I.G.V. e TRAVAGLIA, L.C. *Texto e Coerência*. (2ª ed.) São Paulo: Cortez 1993.

- LABOV, William "The transformation of experience in narrative syntx" em *Language in the Inner City. Studies in the Black English Vernacular*. University of Pennsylvania Press, Philadelphia. 1972
- LABOV, William e WALETSKY, J. "Narrative analysis, oral versions of personal experience" em J. Jilm (ed.), *Essays on the Verbal and Visual Arts*. University of Washington Press, Washington. 1967
- LEMOS, C. T. G. "A Função e o Destino da Palavra Alheia: Três Momentos da Reflexão de Bakhtin." Mimeo. Campinas: IEL, Unicamp, sem data, 09 págs.
- MACHADO, R.H.B. *Algumas Questões sobre a Narrativa (Elementos Essenciais e Elementos Não Essenciais da Narrativa)*. Dissertação de Mestrado. Campinas: IEL, Unicamp.1980, 248 págs.
- MARTINEZ, R.H.B. Subsídios à Proposta Curricular de Língua Portuguesa para o 2º grau. Vol III - Produção de Textos. S.Paulo: Secretaria da Educação/CENP, 1978.
- NOSELLA, M. de L. Ch.D. *As Belas Mentiras - A Ideologia Subjacente aos Textos Didáticos*. (2ª ed.) S.Paulo: Moraes, 1980.
- PÉCORA, A. *Problemas de Redação*. S. Paulo: Martins Fontes, 1983.
- PERRONI, M. C. *Desenvolvimento do Discurso Narrativo*. S. Paulo: Martins Fontes, 1992.
- _____ " Considerações sobre a aquisição do discurso dissertativo." in Revista *Leitura: Teoria e Prática*, volume 16, (1991), págs. 56/61.

SILVA, L.L.M. da e outros. *O Ensino de Língua Portuguesa no Primeiro Grau*. S. Paulo: Atual, 1986.

SILVA, L.L.M. *Mudar o ensino de língua portuguesa: uma promessa que não venceu nem se cumpriu mas que merece ser interpretada*. Tese de doutoramento. Campinas: FE, Unicamp. 1994, 331 págs.

SOARES, M. *Linguagem e Escola. Uma perspectiva social*. S. Paulo: Ática, 1986.

VOGT, C.A. e Outros. *Subsídios a Proposta Curricular de Língua Portuguesa Para o Segundo Grau*. S. Paulo: Secretaria da Educação/ CENP, 1984.

WEINRICH, H. *Tempus*. (2ª ed. modificada 1971) Stuttgart, 1964. . Tradução francesa: Le Temps, Seuil, 1974.

ANEXO 2

Lenda: "A Origem das Estrelas."

ANEXO 3

Textos - fonte 1, 2, e 3

ANEXO 1

**Textos Narrativos e Textos Dissertativos
produzidos pelo alunos**

Texto 1¹

título: A moça ressucitou?

Uma amiga de João Marcos, a Bia, o contou que uma vez alguns tempos atrás, numa vila morava uma velha, que todo dia passava mal.

Todo dia ia um médico na sua casa para tratar dela.

Um dia, como estava chovendo forte, ele resolveu não ir.

Certa hora, uma moça bateu em sua porta, avisando que a velha estava passando muito mal e que ia morrer.

O médico pediu para ela esperá-lo, mas enquanto ele se arrumava, a moça foi embora.

Quando ele chegou na casa da velha ele cuidou dela, e ela ficou bem de novo.

A velha perguntou ao médico, como ele havia descoberto que ela estava passando mal, e o médico disse que foi uma moça.

Ele viu a foto da moça na mesa da velha, e disse foi ela que o avisou.

A foto era da filha da velha que havia morrido.

¹ Texto Narrativo produzido pela aluna A.C. em 09/11/88, quando cursava a 5^a série do 1^o grau.

Texto 2 ²

"O pênalti"

O tio do Renato, João, jogava futebol num time chamado Sereno, lá em Souzas.

... O jogo estava indo bem, até que houve um pênalti, João quis cobrar o Pênalti mas sua chuteira estava desamarrada e ele não percebeu.

Quando ele chutou a chuteira saiu voando e bateu na barriga do Goleiro e ele se abaixou, nisso, a bola foi entrando devagarinho no cantinho do gol.

²

Texto Narrativo produzido pela aluna Lu., em 11/10/88, quando cursava a 5^a série do 1^o grau.

Texto 3³

"A pizza de Camarão"

Quando o tio de Juliana Alvair, tinha 7 anos, o seu avô Virgílio o levou p/ um restaurante p/ comerem pizza de camarão.

Alvair comeu primeiro a pizza, para depois comer o camarão, quando ele foi comer o camarão, o garçom pegou o prato e levou p/ lavar, o Alvair ficou chorando que queria comer camarão.

³

Texto Narrativo produzido pela aluna Lu., em 27/10/88, quando cursava a 5^a série do 1º grau.

Texto 4⁴

Título "A Chuteira"

No ano de 1986 o tio do Renato, João , foi no Distrito de Souza jogar bola.

Era a decisão do time Sereno, eles precisariam ganhar o jogo para ir a final.

No finalzinho no 2º tempo, João fez uns rolos dentro da area e o juiz marcou um pênalti.

O tio de Renato só jogava bola com a chuteira desamarada.

Na hora de bater o pênalti a chuteira de João saiu do pé bateu no goleiro e a bola entrou no cantinho da trave.

E eles conseguiram entrar para a final.

⁴

Texto Narrativo produzido pela aluna Jan. em 11/11/88, quando cursava a 5ª série do 1º grau.

Texto 5⁵

A pizza

Quando o tio da Juliana, Alvaír, tinha sete anos, ele foi num restaurante no município de Jundiá com o seu pai Virgílio.

Chegando lá eles pediram uma pizza de camarão e começaram a jantar.

Alvaír juntou os camarões no cantinho do prato e comeu toda pizza.

O garçom veio e levou o seu prato com os camarões, Alvaír ficou tão bravo que fez o maior berreiro

⁵

Texto Narrativo produzido pela aluna Jan., em 27/10/88, quando cursava a 5^a série do 1^o grau.

Texto 6⁶

Título "O sinal da Cruz"

A amiga Valéria, da classe, contou para nós uma história.

A história era que seu avô Primo, tinha um caminhão e todos os fins de semana ele leva a família para passear.

Sua avó Isolina e seu avô Primo tiveram onze filhos.

Eles moravam numa pequena cidade chamada Eliorruth.

Num certo dia seu avô e sua avó resolveram passear de caminhão com seus onze filhos e toda vez que eles iam passear sua avó Isolina fazia o sinal da cruz com o pé na frento do caminhão.

Horas depois, eles estavam fazendo uma curva quando de repente o caminhão capotou.

Ninguém se machucou e eles pensam que foi por causa da cruz.

⁶

Texto narrativo produzido pelo aluno Rob., em 18/11/88, quando cursava a 5ª série do 1º grau.

Texto 7⁷

O Kichute.

Em 1986, quando o tio de Renato, o João tinha vinte e dois anos, ele foi jogar em um time, que se chamava Sereno.

No último jogo, o tio de Renato tinha que vencer, para ir para a final.

Quando faltava alguns minutos para terminar o jogo, aconteceu uma falta. O tio de Renato foi chutar, mas na hora de chutar, ele não percebeu que o seu kichute estava desamarrado, e foi chutar a bola.

O kichute de João, foi parar na barriga do goleiro, e a bola dentro do gol.

E eles foram para a final.

Isso aconteceu no Distrito de Souzas.

⁷

Texto Narrativo produzido pelo aluno Den., em 11/11/88, quando cursava a 5ª série do 1º grau.

Texto 8⁸

Título: "A vaca Bordada"

A professora contou que, quando ela era criança, ela ia passar suas férias no sítio, do seu tio em, Mogi-Guaçu.

D. Cecília tinha muitos primos e brincava muito com eles. Para brincar, D. Cecília e seus primos iam em uma mangueira, para mecher com as vacas. A mangueira ficava no trilho dos gados por isso quando os gados passavam, eles mexiam com eles de cima das mangueiras.

Tinha uma vaca muito brava, chamada Bordada, ela ficava muito zangada quando as pessoas mexiam com ela.

Uma certa vez D. Cecília e seus primos estavam indo para a mangueira, quando eles estavam no meio do pasto eles viram os gados chegando, foi uma correria sem fim e quando chegaram perto de um corrego eles pularam e atravessaram correndo. O único jeito de se salvar era atravessar uma cerca de arame farpado. Todo mundo se machucou para passar a cerca e na vez da professora ela passou e rasgou as costas.

Depois todos foram embora, para se curarem dos cortes que o arame farpado causou.

⁸ Texto Narrativo produzido pela aluna Eric. em 11/11/88, quando cursava a 5ª série do 1º grau.

Texto 9⁹

A chuteira voadora

O tio de Renato, João, foi jogar futebol em Souza, no ano de mil novecentos e oitenta e seis.

João tinha vinte e dois anos, o seu time chamava-se Sereno, estava empatado o jogo.

O juiz apitou o final e como estava zero a zero o juiz deu penalti.

O tio de Renato espiou no meio do campo porque queria chutar o penalti.

E o time resolveu deixar estavam todos na expectativa, mas só que o tio de Renato jogava com a chuteira dessamarada.

Quando ele foi chutar a bola, a sua chuteira escapou do seu pé e bateu na barriga do goleiro enquanto o goleiro se doloria toda a bola foi de vagarinho e entrou no canto do gol.

E aí foi aquela festa, porque o Sereno foi para a final do campeonato.

⁹

Texto Narrativo produzido pela aluna Ju., em 11/11/88, quando cursava a 5ª série do 1º grau.

Texto 10¹⁰

"A origem das estrelas"

Os indígenas acreditavam em várias lendas.

Há uma delas em que diz sobre a desobediência de alguns curumins. É a lenda do milho, em que a história diz que os índios trabalhavam na caça e na pesca e as índias tinham que procurar milho para outros tipos de alimentos. Então uma tarde depois de ter procurado muito e achado apenas 3 espigas de milho, no dia seguinte o selvoveram levar uma criança, pois achavam que isso daria sorte. E o curumim realmente trouxe sorte, pois acharam um milharal enorme. O indiozinho muito guloso, sem que ninguém notasse, catou algumas espigas e saiu correndo para sua oca, onde o pediu para sua avó fazer um bolo bem gostoso. Depois de pronto, chamou os outros curumins e repartiu o bolo. Com medo que suas mães descobrissem alguma coisa esconderam a avó numa caverna, para que não falasse nada e pegaram uma corda e mandaram o pássaro amarrar no céu para fugirem. Quando já estavam todos subindo na corda, as mães viram e começaram subir também. Quando a cortaram e as mães caíram de quatro no chão se transformando em onças.

Os curumins lá no céu, vendo a desgraça de suas mães, e agora sem poder decer por causa das onças, se transformaram em estrelas, que brilham no céu até hoje.

¹⁰ Texto Narrativo produzido pela aluna A.C., em 18/10/80, quando cursava a 7ª série do 1º grau.

Texto 11¹¹

"A origem das estrelas"

Segundo os indígenas as estrelas apareceram por causa do medo que alguns curumins ficaram de suas mães depois de terem comido um bolo de milho todinho.

Então pediram para um pássaro que amarasse um cipô no céu e começaram a subir. e suas mães nervosas subiram atrás mas um dos curumins cortou os cipôs e quando suas mães caíram no chão de quatro viraram onça e os curumins ficaram presos no céu e viraram estrelas.

¹¹ Texto Narrativo produzido pela aluna Lu., em 29/10/90, quando cursava a 7ª série do 1º grau.

Texto 12¹²

"A Lenda das estrelas"

Os costumes indígenas são bem diferentes dos nossos costumes.

Os índios são responsáveis pela pesca, caça e guerra, enquanto a índia tem o dever de colher os alimentos e fazer os serviços domésticos.

O nome dessa tribo chama-se bororo. Eles acreditavam que as crianças davam sorte nas colheitas de milho.

Certo dia as índias saíram à procura de milho e levam os curumins. A colheita foi boa que quando entraram em suas tabas, os curumins pediram que a avó prepara-se um bolo de milho.

Os curumins tão gulosos comeram o bolo todo. e para que suas mães não ficassem bravas, resolveram esconder a avó e o papagaio que era fofoqueiro.

Então os curumins jogaram o cipó no céu e subiram para as nuvens onde lá, viram estrelas e suas mães onças.

¹² Texto Narrativo produzido pela aluna Jan., em 18/10/90, quando cursava a 7ª série do 1º grau.

Texto 13¹³

"A origem das Estrelas"

Os índios pescavam, caçavam e guerreavam mas na taba nada faziam, ficavam dormindo em redes.

Só as mulheres trabalhavam moendo o milho dentro de um pilão.

Numa tarde ensolarada, após ter acabado as cestas de milho as mulheres foram para a mata à procura de boa colheita, mas a noite caiu rápido e elas conseguiram mirradas espigas de milho.

No outro dia elas levaram um curumim para dar sorte, o curumim achou um bonito milharal pegou uma cesta de milhos saiu correndo para a taba.

Quando ele viu sua avó disse para ela fazer um bolo bem gostoso. A avó esmagou o milho e fez a massa, quando o bolo ficou pronto o curumim chamou alguns colegas para comer o bolo junto com ele.

De repente um curumim olha assustado e fala que as mães não iam gostar de suas gulodisses.

Eles disseram que a avó e o papagaio falante poderiam contar para as mães e por isso eles esconderam a avó e o papagaio.

Fugiram e obrigaram um colibri a amarrar o cipó no céu.

Os curumins subindo pelo cipó e suas mães lá debaixo pedindo para que eles desçam.

Aí as mães começaram a subir só que os curumins cortaram o cipó e as mães caíram

Depois que as mães caíram elas viraram onças e os curumins não puderam mais descer e viraram estrelas.

Eles foram castigados por desobedecerem e porque foram gulosos.

¹³ Texto Narrativo produzido pelo aluno Rob, em 18/10/90, quando cursava a 7ª série do 1º grau.

Texto 14¹⁴

"Quem tudo quer, tudo perde"

Samantha era uma menina muito egoísta, que queria tudo para si.

Ela adorava chocolates como doces também.

Um dia, seus irmãos e sua mãe foram fazer compras e compraram dois chocolates p/ cada um.

Mais tarde, Sam, muito gulosa e egoísta, foi na cozinha e \emptyset pegou todos os chocolates que estavam no armário e levou-os para seu quarto.

Pouco depois quando sua mãe entrou no quarto para convidá-la para sair, com medo que visse os chocolates, escondeu-os dentro da estante, onde batia muito sol.

Animada, saiu com sua mãe e esqueceu dos chocolates.

Ao chegar, bem mais tarde, foi procurar os chocolates, mas quando os viu estavam todos derretidos e não dava para comer.

¹⁴ Texto Narrativo produzido pela aluna A.C. em 30/08/91, quando cursava a 8ª série do 1º grau.

Texto 15¹⁵

"O Aborto)

Marly era uma empregada doméstica. Ela tinha uma filha, Mônica, de 5 anos, cujo o pai a largou ainda grávida.

Ela era nova pois \emptyset tinha apenas 23 anos e $\emptyset \emptyset$ um namorado que dava de tudo para ela e sua filha Mônica.

Certa vez Marly ficou grávida e \emptyset resolveu contar ao namorado, que não a rejeitou, mas pediu para ela "dar um jeito" porque não era fácil sustentar as duas e mais um, não seria legal.

Então, a garota começou a tomar umas injeções, que logo fizeram efeito.

Num dia, em seu trabalho, ela começou a passar mal e suar frio. Sua patroa mandou-a deitar e descansar.

Logo mais tarde, Marly, apareceu alegre, sorridente e com cara de aliviada.

A patroa logo desconfiou e perguntou o que havia acontecido.

Então Marly lhe contou que sentiu dores e foi a banheiro quando sentiu sair algo e, viu uma bola de sangue. Nem quis ficar olhando então deu descarga, pois nem queira pensar que aquilo era seu filho.

Marly se sentiu aliviada e procurou não pensar mais nisso, pois gostaria de ter a criança, se tivesse condições para cuidar.

¹⁵ Texto Narrativo produzido pela aluna A.C., em 17/09/91, quando cursava a 8ª série do 1º grau.

Texto 16¹⁶

"Pegando Fogo"

Nas férias de dezembro de, 1989, eu fui passa uma semana na chácara de uma amiga da prima.

A chácara ficava em Mogi-mirim, num lugar bem afastado, sem muitos vizinhos, e com um lago bem grande no sitio do lado da chácara.

Nos primeiros cinco dias tudo bem mas nos dois últimos faltou força elétrica das 8:00 hrs da manha as 16:00 hrs da tarde, e casa era muito escura principalmente em um quartinho que ficava nos fundos da casa.

Então o pai da minha amiga pegou uma vela e foi no quartinho pegar as varas de pescar, pois dono do sitio do lado nos convidou p/irmos passar o dia no seu sitio.

Depois de ter pegado as varas ele trancou o quartinho e nós fomos para o lago do sitio, só que ele esqueceu a vela dentro do quartinho, sorte que mina amiga voltou na casa porque o pai dela tinha esquecido os anzóis e viu o quartinho pegando fogo.

¹⁶ Texto Narrativo produzido pela aluna Lu., em 14/05/91, quando cursava a 8ª série do 1º grau.

Texto 17¹⁷

A grande surpresa!

A família Giorgetto, era uma família muito unida, até que certo dia resolveram passar o final de semana num sítio.

Eles foram numa sexta-feira e voltaram num domingo, e quando o chegaram em casa, encontraram uma surpresa!

Quando saíram de casa, deixaram os portões trancados às luzes da casa apagadas e quando voltaram encontraram os portões escancarados e as luzes todas acesas.

Eles chegaram muito cansados que nem perceberam o estado da casa e quando entraram encontraram tudo revirado.

Chamaram a polícia, fizeram a ocorrência e os ladrões tinham levado tudo, só deixaram as camas e as bugigangas espalhadas pelo chão.

A família ficou muito arrasada e tão traumatizada que nunca mais saíram de casa.

¹⁷ Texto Narrativo produzido pela aluna Jan, em 17/09/91, quando cursava a 8ª série do 1º grau.

Texto 18¹⁸

"O aborto"

Era uma vez, uma garota, que se chamava Paula, ela namorava com um garoto que se chamava André.

Os dois formavam um casal perfeito, mas eles brigavam muito.

Ele aparentava ser um rapaz responsável cabeça e muito apaixonado.

Mas não era nada do aparentava ser. Ele era cafajeste, ladrão e não gostava de sua namorada Paula. Paula era uma garota apaixonada e que se dedicava ao seu namorado fazendo tudo o que ele queria

Mas certo dia aconteceu um inesperado, ela ficou grávida e quando ele soube não quis mais saber dela

Ela ficou louca. Então resolveu fazer um aborto.

Tendo um diálogo com seus pais, chegaram a conclusão de que seria melhor para sua filha

¹⁸ Texto narrativo produzido pela aluna Jan., em 17/09/91, quando cursava a 8ª série do 1º grau.

Texto 19¹⁹

" A precipitação no Amor."

Era uma vez uma menina chamada Rúbia e um menino chamado Alessandro.

Ela tinha 15 anos e ele tinha 16 anos, quando começaram à namorar.

Depois de três meses de namoro eles tiveram uma relação e a menina engravidou Alessandro não trabalhava e Rúbia também não, por isso, o casal não ia poder manter o filho.

Quando Alessandro soube que que Rúbia estava grávida, ele não quis assumir a responsabilidade e a deixou.

A menina, então, optou para o aborto sem seus pais saberem.

Como Rúbia era muito ingênua não sabia, que não podia ter o filho morreu na sala de operação.

Os pais da menina tentaram localizar Alessandro e, ninguém nunca mais ouviu falar nele.

¹⁹ Texto Narrativo produzido pelo aluno Rob, em 17/09/91, quando cursava a 8ª série do 1º grau.

Texto 20²⁰

"Um acontecimento inesperado"

Há muito tempo atrás, uma família saiu para dar um passeio. Eles, pai mãe e filho, foram ao parque de diversões, a um lanchonete, sorveteria, restaurante, etc. Foi um dia tão bom que eles só voltaram quando era noite.

No caminho de volta para casa, começou uma tempestade.

Quando eles chegaram em casa, a luz do bairro tinha acabado. A mãe cansada, resolveu ir tomar um banho frio. Ele foi lá na cozinha pegar uma vela e, quando chegou na porta do banheiro, deu um grito. Logo, pai e filho foram ver o que havia acontecido. A mãe, toda assustada, apontou o dedo para o chão e mostrou-lhes os pingos vermelhos lá existentes. O pai pegou um revólver e foi seguindo os rastros vermelhos no chão, seguido da mãe e do filho.

O rastro vermelho acabou em frente de um arbusto que ficava no quintal.

O arbusto estava fazendo uns barulhos esquisitos, como o de uma pessoa com muita dor se mexendo atrás dele.

Os três estavam morrendo de medo, mas quando criaram coragem, chegaram bem pertinho e colocaram a cabeça atrás do arbusto para ver o que era.

Eles se entreolharam e, deram uma risada tão alta, que assustou o pobre gato que brincava com um frasco de mercúrio.

²⁰ Texto Narrativo produzido pela aluna JcN. em 11/11/88, quando cursava a 8ª série do 1º grau.

Texto 21²¹

O fim da minha felicidade

Eram, 23:57 minutos. Numa sexta feira do dia 13 de agosto.

Eu estava chegando de uma viagem longa.

Cheguei em casa e "dei de cara" com o lacre a Polícia Federal na porta.

Entrei rapidamente para ver o que havia acontecido. Deparei com uma cena vômitante.

Minha família estava esquartejada e com seus restos mortais pinturados pela casa inteira.

A água da piscina estava vermelha de sangue; eu vi meu cachorro decaptado boiando na piscina.

Levei um grande susto ao ver de frente para mim Jason. Ele estava com um machado na mão querendo me capar pois ele era um maniaco sexual.

Lembrando das cenas horríveis de minha família morta fui em sua direção com o objetivo de vingança.

Foi me declarar suicídio. Senti seu machado arrancando meus testículos depois penetrando em meu peito.

Foi meu fim, o da minha família e os sonhos de uma vida feliz e duradoura.

²¹ Texto Narrativo produzido pela aluna Ren em 11/11/88, quando cursava a 8ª série do 1º grau.

Grupo 1.a - A favor

Texto 22²²

"O Aborto"

O Aborto é um assunto que gera muita polêmica, pois, muitos concordam com essa decisão (de abortar) e outros são contra.

Aqui, no Brasil, o aborto é crime, mas, em outros países ele é legal como por exemplo na Inglaterra, onde o aborto é uma prática comum entre os que tomam essa decisão.

Existem três tipos de aborto: o provocado, que é a extração do feto durante a gravidez (antes de 6 meses), e espontâneo (perda do feto) e o terapeutico, que é feito para salvar a vida da mãe.

O aborto só deixa de ser crime, quando a gravidez vem de um estupro.

No Brasil há cerca de 1.000.000 de abortos por ano.

O que leva uma pessoa a abortar na maioria das vezes, é a repressão familiar, preconceito social, prostituição, problemas econômicos, tec.

Esta decisão pode trazer algumas conseqüências como processo judicial (condenação), esterilidade, morte e problemas emocionais.

O aborto ã deveria ser crime, pois se alguém quer abortar, ninguém tem direito de se intrometer na decisão da pessoa, seja qual for seus motivos, pois se você ã tem condições psicológicas, financeiras ou outra qualquer, p/ cuidar de uma criança, é melhor ã tê-la.

²² Texto Dissertativo Argumentativo produzido pela aluna A.C., em 13/09/91, quando cursava a 8ª sérieB, do 1º grau

Grupo 1.b - A favor

Texto 23²³

Dissertação: Aborto

É a Interrupção da gravides antes que o feto atinga a capacidade de viver fora do utero da mãe.

Pode ser expontâneo ou provocado.

O espontâneo ocorre sem querer por problemas fisicos da mulher ou do próprio feto.

O provocado é feito com uma pequena cirurgia que no Brasil é proibida.

Acham que por motivos morais, religiosos, não se pode tirar a vida de ninguem mesmo que ela seja apenas um feto.

Em paises desenvolvidos com a Inglaterra Suiça, esse é liberado e com isso é feito em segurança sem que a mãe sofra agreções fisicas ocasionando não doenças e escolha assim a criança só nasce com o total segurança do Bebe

Acho na minha opinião que o Aborto devia ser liberado apenas para casos de que a família não tenha como ter filhos, menores, deficientes, etc.

Assim diminuiria a taxa de crianças largadas pelos pais, mortalidade infantil carência de amor, afeto dos pais e as crianças que nascecem teriam todos os cuidados para crescerem bem sadias e com boa educação.

²³ Texto Dissertativo Argumentativo produzido pela aluna Mir., em 16/09/91, quando cursava a 8ª sérieB, do 1º grau

Grupo 1.b - A favor

Texto 24²⁴

"Título Aborto"

Aborto é a perda ou a extração do feto no decorrer da gravidez, e que pode ser espontâneo, provocado ou por recomendação médica.

O aborto espontâneo é aquele que acontece naturalmente.

O provocado é o que acontece por intermédio de outras pessoas.

Por recomendação médica é quando pode acontecer alguma coisa com a vida da mãe.

No Brasil acontece cerca de um milhão de abortos por ano.

Algumas vezes, o aborto acontece por causa de alguma doença que a mãe pode ter e não sabe.

Acho que o aborto devia ser liberado e feito em hospitais ou clínicas, porque é melhor a mãe não ter a criança do que por o filho no mundo e depois abandonar.

²⁴ Texto Dissertativo Argumentativo produzido pela aluna Gra., em 13/09/91, quando cursava a 8ª sérieB, do 1º grau

Grupo 1.d - A favor

Texto 25²⁵

Aborto

O Aborto para quem não sabe é quando uma mulher uma ex futura mãe por qualquer motivo conscientemente ou inconsciente aborta seu filho quando ele está em seu utero ainda.

O Aborto é uma solução apesar de muitas pessoas acharem errado. Mas melhor abortar um neném que nem sabe que esta vivo um nenen que não sabe oque esta acotecendo do que deicha nascer e no futuro passar fome e Talvez até matar outras pessoas.

²⁵ Texto Dissertativo Argumentativo produzido pelo aluno Rod., em 13/09/91, quando cursava a 8ª sérieB, do 1º grau

Grupo 2.e - Contra

Texto 26²⁶

Redação - Aborto

O aborto é a perda do feto durante a gravidez.

Porém, o aborto pode ser feito de várias maneiras. Pode ser feito de maneira espontânea e provocado.

O aborto é uma coisa muito séria, no Brasil há cerca de 1.000.000 de aborto durante o ano.

Isso ocorre devido a falta de informação, dos adolescente e jovens. Em vários países como o Japão e Estados Unidos, o aborto é Legalizado, já no Brasil não é.

E a minha opinião nesse caso, eu sou contra o aborto, eu acho que essa não é a única forma de evitar ter um filho.

O nosso país, já é bem desenvolvido e tem muitos recursos para se evitar uma gravidez indesejada.

Eu sou católica e acredito em Deus.

Ele nos deu esse dom maravilhoso, que é a vida e ninguém tem o direito de tirar. Por que não é só abortar o nome que se dá ao aborto é assassinato.

Para concluir o aborto, ele pode ser evitado, quando não pode ser evitado que é o caso natural de aborto então não é um assassinato, então não há porque se sentir culpado em tirar uma nova vida.

²⁶ Texto Dissertativo Argumentativo produzido pela aluna Da., em 13/09/91, quando cursava a 8ª sérieB, do 1º grau

Grupo 2.e - Contra

Texto 27²⁷

título: O aborto

- O aborto é a interrupção da gravidez antes do sexto mês de seu desenvolvimento.

O aborto pode ser espontâneo, provocado ou ainda terapêutico.

Abortar é perigoso porque sendo frequentemente praticado em más condições, pode provocar infecções graves que ameaçam a vida da mulher.

- As causas que leva a mulher abortar são as seguintes:

- Repressão familiar

- Problemas econômicos

- Doenças da mãe

- Falta de informações, etc.

O aborto provocado, não sendo realizado por um médico pode ocorrer graves complicações infecciosas, correndo riscos mortais a mãe.

A mulher pode se prevenir da gravidez, tomando pilulas, tabelinha, etc.

No brasil há cerca de um milhão de abortos por ano.

Na Inglaterra, Polônia, Iugoslávia URSS e certos estados da América do Norte o aborto é livre.

Eu acho que quando a mulher aborta porque não quer assumir a criança, por problemas econômicos, ela deve ser punida.

Mas no caso de estupro ou doenças da mãe, eu concordo plenamente.

²⁷ Texto Dissertativo Argumentativo produzido pelo aluno Ale., em 13/09/91, quando cursava a 8ª sérieB, do 1º grau

Grupo 2.a. - Contra

Texto 28²⁸

Título "O Aborto"

Aborto é a interrupção da gravidez antes do sexto mês do seu desenvolvimento.

O aborto pode ser espontâneo ou provocado ou ainda terapêutico.

É possível também interromper uma gravidez, no início, com pílulas ou injeções.

Dizem que o aborto é perigoso porque, por ser frequentemente praticado pode trazer graves infecções para a mãe

O que geralmente causa o aborto é: repressão familiar, graves problemas econômicos, doença materna, falta de informação, preconceito da sociedade, etc.

No Brasil acontece um milhão (1.000.000) de casos de aborto por ano.

O aborto traz sérias consequências como: processo judicial, esterilidade ou infecção, morte, etc.

Eu não concordo com o aborto porque um filho é um dom de Deus e as pessoas que praticam o aborto não sabem disso.

²⁸ Texto Dissertativo Argumentativo produzido pelo aluno Rob., em 12/09/91, quando cursava a 8ª sérieB, do 1º grau

Grupo 2.a - Contra

Texto 29²⁹

Título: O aborto

O aborto é a perda do feto no decorrer da gravidez, e pode ser provocado ou espontâneo. Quando provocado pelo uso de remédios, causa a morte do feto e sérios problemas de saúde à gestante.

Além disso, todas as pessoas tem o direito de viver.

No Brasil, este tipo de aborto é considerado crime, com uma severa punição.

As principais causas que levam uma pessoa a abortar são:

- mau formação;
- doença materna;
- problema econômico;
- repressão familiar, etc.

Para que isto seja evitado, devem ser tomadas as precauções que impessam a gravidez.

Eu sou contra o aborto provocado, porque não se deve tirar injustamente a vida do feto.

²⁹ Texto Dissertativo Argumentativo produzido pelo aluno And., em 13/09/91, quando cursava a 8ª sérieB, do 1º grau

Grupo 2.a - Contra

Texto 30³⁰

"Aborto: seus prós e suas controvérsias"

Muitas pessoas se perguntam se é certo anular uma vida, mesmo que ela esteja em sua menor forma. O aborto, mesmo sendo feito por forma espontânea ou provocado, é um agente anulativo da vida. Muitas são as opiniões, como por exemplo, falar que o aborto é legal quando a mulher é estuprada ou está com uma doença, e não quer que a criança seja contaminada, por isso aborta. Outras pessoas recriminam-o por acharem que ele vai contra os bons costumes e a moral conservadora e religiosa. Em muitos países, como a URSS, Polônia, e alguns estados americanos (devido a divisão constitucional de cada estado) o aborto é liberado pela lei. No Brasil o aborto é proibido, sendo considerado crime. Como já citei, muitas são as opiniões, umas favoráveis e outras contraditórias, mas o fato é que não se pode aceitar o aborto banal, cometido por acaso, pelo simples capricho de não ser mãe, mas também precisamos concordar que muitos dos abortos são necessários, para que não causem danos físicos a mãe e a própria criança que pode vir a nascer, com defeitos físicos ou mentais, e carregando este complexo por toda a sua vida.

³⁰ Texto Dissertativo Argumentativo produzido pelo aluno Arn., em 13/09/91, quando cursava a 8ª sérieB, do 1º grau

Grupo 2.a - Contra

Texto 31³¹

Dissertação: Aborto

O aborto é com assunto comentado em todo o mundo, há países em que o aborto pode ser feito legalmente, mas aqui no Brasil pode dar cadeia, tanto para a mãe como para o médico.

O que leva a maioria das mulheres a fazer um aborto é o preconceito da sociedade.

Há vários tipo de aborto, (m) um mais horível e violento do que o outro.

O aborto é praticado por médicos irresponsáveis que não se orgulham da profissão que escolherão e jurara defender a vida, e estão matando por dinheiro.

³¹ Texto Dissertativo Argumentativo produzido pela aluna Kat., em 13/09/91, quando cursava a 8ª sérieB, do 1º grau

Grupo 2.d - Contra

Texto 32³²

O aborto

O aborto hoje em dia está tendo muito preconceito da sociedade.

Dependendo do aborto eu sou a favor, como no caso de uma pessoa que foi estuprada. Agora quando é um casal que tem uma relação e depois quer abortar, geralmente por medo de seus pais ou por não ter condições eu sou contra, porque se o casal teve moral para fazer então eles deveriam assumir.

No ponto de vista econômico, a pessoa que não tem um estudo e condições o suficiente para sustentar uma criança, ela deveria dar para uma família que tem um nível de vida melhor, assim a criança não vai correr perigo de "fome e doença".

O aborto maioria das vezes é ocorrido por adolescentes, pessoas mal informadas, pois existem vários tipos de se prevenir como o preservativo, tabelinha, pílula, diu e espermicidas. Apesar do preservativo ser o mais confiável.

Por isso eu acho que antes de terem uma relação sexual, as pessoas deviam de ter mais responsabilidade e consciência no que está fazendo.

³² Texto Dissertativo Argumentativo produzido pela aluna Cec., em 13/09/91, quando cursava a 8ª sérieB, do 1º grau

Grupo 2.d - Contra

Texto 33³³

Título: Aborto

Aborto é a perda ou extração do feto no decorrer da gravidez.

Que pode ser ocorrido por causas religiosas, repressão familiar, social, problemas econômicos ou até mesmo por falta de informação.

O aborto hoje em dia é um método de gravidez indesejada mais usado, onde muitas mulheres o praticam por não quererem a criança, coisa que é muita errada.

Eu acho que o aborto é um crime, é claro, quando a casos de estupro tudo bem, mas, fora disso nem tem o que falar, porque na hora de ter relações sexuais o casal teria que discutir, o assunto e sim ver o que é melhor, depois é só matar o pobre feto que não tinha nada a ver com a história, e fica tudo bem.

³³ Texto Dissertativo Argumentativo produzido pela aluna Mire., em 13/09/91, quando cursava a 8ª sérieB, do 1º grau

Grupo 2.d - Contra

Texto 34³⁴

Aborto... sim ou não

O Aborto (perda do feto no decorrer da gravidez) pode ocorrer de várias maneiras: espontaneo, terapeutico, homicida.

Espontaneo - quando ocorre por um problema de saúde da gestante.

Terapeutico - quando é necessario, pois se completar a gravidez pode por em risco a vida da gestante.

Homicida - quando não se deseja completar a gravidez.

Dos três tipos o mais praticado no Brasil é o homicida.

Os motivos para praticar tal coisa varia muito.

O aborto homicida pode ser feito desde uma adolescente assustada em ser rejeitada pela sociedade, amigos, e a repressão de sua família que sertamente não á acolheria, passando nesta hora em seu pensamento os seguintes problemas: - Como criar sozinha a criança? - O que será de minha vida?. A uma mulher culta bem formada que em sua profissão um filho agora só iria estragar.

Religiosamente o aborto é um crime contra a vida de um ser humano, e não pode ser cometido de maneira alguma.

Em minha opinião o aborto só deveria ser feito do metodo terapeutico, e se a família não tivesse condições financeiras de criar a criança.

³⁴ Texto Dissertativo Argumentativo produzido pela aluna Viv., em 13/09/91, quando cursava a 8ª sérieB, do 1º grau

Grupo 2.d - Contra

Texto 35³⁵

Aborto

Cerca de um milhão de abortos, ocorrem no Brasil por ano, sendo quase todos ilegais, realizados as ocultas.

Há vários tipos de aborto: provocado (homicídio, em caso de estupro não é crime, o espontâneo que é a perda do feto no decorrer da gravidez, extração antes do sexto mês. Temos também por indicação médica o terapeutico ou seja para salvar a vida mãe.

Na maioria das vezes, o que leva as adolescentes a praticar o aborto muitas vezes são os problemas financeiros, medo do preconceito social e a repressão familiar.

Outras vezes acontece aborto, porque as garotas não pensam em abrir mão das festas, dos namorados, das viagens e dos mil e um programas com a turma, para ficar em casa fazendo papinha, dando de mamar, trocando fralda ou limpando bumbum.

Para muitas garotas não é fácil porque justamente numa fase em que elas começam a se abrir para o mundo, são obrigadas a trocar este mundo de contos de fadas por uma dura e cruel realidade como a que elas terão de enfrentar com uma criança nos braços para cuidar.

É o mesmo que se dizer criança cuidando de criança.

Na minha opinião o aborto não deveria existir, pois é um crime matar uma criança que não pediu para vir ao mundo, pois pensando bem não há gravidez indesejada, pois quando o casal resolve optar pela relação sexual é bom que se tenha consciência do que pode acontecer e não se arrepender mais tarde.

³⁵ Texto Dissertativo Argumentativo produzido pela aluna Cla., em 13/09/91, quando cursava a 8ª sérieB, do 1º grau

Grupo 2.d - Contra

Texto 36³⁶

O Aborto - crime ou falta de informação?

O que é o aborto?

O aborto é a extração do feto durante a gravidez.

O aborto espontâneo é aquele em que o feto sai por livre e espontânea vontade.

O aborto provocado (considerado homicídio) é um crime perante a lei. só não é crime em caso de estupro.

O aborto terapêutico (recomendado por médico) não é crime para salvar a vida da mãe.

O aborto é considerado perante a lei e a religião um crime pois todo ser tem direito á vida.

Eu não consigo entender direito o que leva uma mulher a fazer isso; pois acho que: falta de informação para prevenir não é desculpa que se dê para pessoa nenhuma. Problemas econômicos também não pois para tudo se dá um jeito.

Eu acho também que se arrumou a criança e não pode cria-lá, arrume um casal que quer ter filhos e não conseguem. pelo menos assim a criança vai ter uma casa e pais que possam dar a ela o que ela precisar.

A adolescente que engravida não deve ser expulsa para fora de casa e sim ser amparada e ajudada pela família e pela sociedade.

³⁶ Texto Dissertativo Argumentativo produzido pela aluna Cin., em 13/09/91, quando cursava a 8ª sérieB, do 1º grau

Grupo 2.b - Contra

Texto 37³⁷

Aborto é a extração do feto ou embrião durante uma gravidez c/ou sem autorização da mãe.

Em alguns países o aborto é normal e não é mal visto tanto na questão religiosa quanto na jurídica, já no Brasil o aborto só não é crime quando em caso de estupro. Mesmo assim pesquisas feitas em, comprovaram que de cada 100 mulheres 50 provocam aborto, as causas variam desde os preconceitos dos pais, até o medo de perder a estética de um corpo jovem.

As penas p/ quem pratica estupro fariam, de um a dez anos, conforme o modo que foi praticado.

Em minha opinião o aborto não é melhor método p/ que não haja a chegada indesejáveis de um bebê,/ existem métodos que previnem uma gravidez como pílulas, camisinhas, DIU, etc.

³⁷ Texto Dissertativo Argumentativo produzido pela aluna Lu., em 13/09/91, quando cursava a 8ª sérieB, do 1º grau

Grupo 2.b - Contra

Texto 38³⁸

Título: Aborto

Aborto é a perda do embrião ou do feto no decorrer de uma gravidez. Existe três tipos de aborto, o espontâneo, o provocado e o terapêutico.

No Brasil o aborto é considerado como um crime, a não ser que seja natural, por recomendação médica ou em casos de estupro.

As estatísticas confirmam que no Brasil são feitos aproximadamente 1 milhão de abortos por ano.

As causas que levam a mulher a provocar o aborto são geralmente de ordens sociais, econômicas, falta de informação, repressão por parte da família e outros motivos que são sem a importância como o de preservar a beleza e estética do corpo.

A maioria das mulheres que praticam o aborto são adolescentes e fazem isso pelo motivo dos pais não aceitarem o seu filho e até mesmo fazerem ameaças de colocá-la para fora de casa.

Na minha opinião o apoio da família seria indispensável, pois a atitude a ser tomada pela jovem pode futuramente lhe trazer consequências trágicas como no caso dela ser processada, poder ficar estéril ou adquirir alguma infecção ou pode até mesmo chegar a morte.

Para evitar o aborto o melhor a se fazer é primeiramente evitar uma gravidez o que para isso basta se prevenir.

³⁸ Texto Dissertativo Argumentativo produzido pela aluna Ka., em 13/09/91, quando cursava a 8ª sérieB, do 1º grau

Grupo 2.b - Contra

Texto 39³⁹

Título: "O Aborto"

Aborto é a perda ou extração do feto no decorrer da gravidez.

O aborto pode ocorrer por causas religiosas, repressão dos pais, preconceito social, situações financeiras etc...

Hoje em dia, o aborto, está sendo um dos maiores assuntos na nossa sociedade.

Geralmente o aborto é ocorrido por uma gravidez indesejada, onde muitas mulheres praticam pelo fato de não quererem cuidar da criança.

Eu por Exemplo: acho o aborto ilegal, por que eu acho que todo mundo tem o direito de praticar o sexo, mas desde que tenha consciência de que está fazendo ou melhor, que pense nas consequências antes de praticá-lo.

Além disso, existem vários métodos para evitar a gravidez: usando camisinhas, tomando pilulas anticoncepcionais, Diu etc...

Aqui no Brasil, Por Ex. existem 1 000 000 de casos de aborto por ano/e praticado geralmente por garotas menores de 18 anos.

Enfim, o aborto é um dos maiores crimes aqui no Brasil, porque além de estragar a vida de um pequeno embrião, estraga a vida própria mulher que comete o aborto.

³⁹ Texto Dissertativo Argumentativo produzido pela aluna Jan., em 13/09/91, quando cursava a 8ª sérieB, do 1º grau

Grupo 2.b - Contra

Texto 40⁴⁰

Título - O aborto na sociedade

Aborto é a perda do feto no decorrer da gravidez. Existem três tipos de aborto.

O aborto espontâneo, que acontece espontaneamente, o aborto provocado que por lei é homicídio exeto em casos de estupro e o aborto por recomendação ou chamado também por aborto terapêutico, quando a mãe tem algum problema de saúde e não pode ter o filho. No Brasil acontece um milhão de aborto por ano. As causas são repressão familiar, preconceito social, problemas economicos, época inoportuna para se ter filho.

O aborto traz sérias conseqüência como processo judicial, condenação, infecções, morte, problema emocional.

A sociedade faz muita crítica quando uma mulher fica grávida antes de se casar e quer fazer o aborto dizem que nenhum homem vai querer mais, leva a prostituição etc...

Na minha opinião eu acho que não é bem assim.

Se uma mulher fica grávida antes de se casar, e quis fazer o aborto, eu acho que não é certo, porque desde agora vai gerar um ser humano uma nova vida mas também porque ficou grávida antes de se cassar que isso é uma prostituição, isso na minha opinião eu acho um erro muito grande da sociedade.

⁴⁰ Texto Dissertativo Argumentativo produzido pelo aluno Ren., em 13/09/91, quando cursava a 8ª sérieB, do 1º grau

Grupo 2.b - Contra

Texto 41⁴¹

Título: Extração do Feto

Já aconteceram cerca de 1 milhão de abortos no ano.

Os abortos acontecem espontaneamente, com o conhecimento da mãe; sem que haja necessidade, provocado por questão de estupro, contra grávida, não sendo considerado assim crime; ou aborto terapêutico aconselhado pelo médico, pois há riscos da criança nascer com problemas cerebrais, físicos.

Mas há como evitar uma gravidez indesejada.

O método anticoncepcional mais simples é a camisa de vênus, é uma espécie de saquinho de borracha que deve ser colocado no pênis já ereto, antes da penetração na vagina.

Pílula é um comprimido feito com hormônios não naturais que impedem a ovulação.

DIU significa dispositivo intra uterino. É uma peça de cobre ou plástico, que é colocada, pelo médico, dentro do útero.

⁴¹ Texto Dissertativo Argumentativo produzido pela aluna Sh., em 13/09/91, quando cursava a 8ª sérieB, do 1º grau

Grupo 2.e - Contra

Texto 42⁴²

"O Aborto"

O Aborto é a perda do Feto no decorrer da gravidez. Existem vários tipos de Aborto: o Aborto espontâneo, o Aborto provocado e o Aborto Terapêutico.

O Aborto espontâneo, é quando a mulher expulsa o Feto sem querer, por problemas hormonais.

O Aborto Provocado, é quando a mulher toma tóxicos, remédios, para expulsar do seu corpo o embrião não é crime em caso de estupro.

O Aborto Terapêutico, quando Feito por recomendação médica, não é crime para salvar a vida da mãe.

No Brasil, mais de 1.000,00 (1 milhão) de mulheres Abortam, no Ano.

As principais causas do Aborto são:

- . Repressão Familiar, por preconceito social;
- . problemas econômicos;
- . Doenças da mãe;
- . Falta de imFormação
- . Época inoportuna p/ ter um Filho.

As maiores consequências do Aborto são:

- . processo Judicial, condenação.
- . esterilidade, inFecção.
- . morte
- . problemas emocionais.

Existem várias soluções da prevenção de gravidez: preservativos, etc...

Eu não aprovo o Aborto, só se For p/ salvar a vida da mãe.

⁴² Texto Dissertativo Argumentativo produzido pela aluna Mic., em 13/09/91, quando cursava a 8ª sérieB, do 1º grau

Grupo 2.e - Contra

Texto 43⁴³

Aborto

Há vários tipos de aborto, o embrião a perda do feto no decorrer da gravidez este é o aborto espontâneo, aborto extração antes do 6º mês, aborto provocado (homicídio) não é um crime em caso de estupro. Temos também o aborto por recomendação médica aborto terapêutico não é crime para salvar a vida da mãe.

No Brasil ocorre por ano 1 milhão de abortos quase todos clandestinos.

O que leva as adolescentes a praticar o aborto muitas vezes é a repressão familiar, preconceito social, prostituição, problemas financeiros, doenças da mãe, falta de informação, medo.

A mãe solteira que engrávida é linchada e condenada em diversos países, no caso do Brasil.

Hoje, no Brasil, é legalizado o aborto só em casos de salvar a vida da gestante se não houver outro meio, se a gravidez resultar de estupro, os médicos poderão fazê-lo sem ser punidos, desde que a gestante prove o estupro.

Acho humilhante e constrangedor ter que fazer um aborto de forma clandestina, sou contra o aborto existe várias soluções de prevenção a não engravidar, preservativos, pílulas, e outros. Quando se faz sexo tem que saber encarar as consequências, o aborto em minha opinião é um crime, na palavra de Deus a biblia também condena o aborto ninguém pode tirar uma vida senão Deus.

⁴³ Texto Dissertativo Argumentativo produzido pela aluna Eli., em 13/09/91, quando cursava a 8ª sérieB, do 1º grau

Grupo 2.e - Contra

Texto 44⁴⁴

Tema: "Aborto"

O aborto é a perda do feto no decorrer da gravidez., porém são vários os tipos.

- A aborto espontâneo - Quando muitas vezes, a mulher expulsa o feto do corpo, sem querer, por problemas hormonais.

- O aborto provocado - como o próprio nome diz, "provocado", a mulher ingere uma ou mais substâncias tóxicas no corpo, expulsando o feto, e

- Aborto provocado (por recomendação médica) "Quando a mulher corre risco de vida, e é obrigada a retirar o feto.

Na minha opinião o "Aborto" em geral é um crime, ele só se torna "legal" em caso da mãe correr risco de vida.

Contudo, são várias as causas que levam uma mulher a praticar o aborto.

Repressao familiar (preconceito social)

Probl. econômicos

doença da mãe (risco de vida)

falta de informação (irresponsabilidade)

epoca inoportuna p/ uma gestação (")

O ultimo item, eu acho uma injustiça, se uma mulher formada psicologicamente, coloca um filho no mundo, conseqüentemente tera "consiciencia" o suficiente p/ criar, educar, enfim mante-lo.

Hoje, no Brasil, há mais de 1000.000 (1 milhão) de casos de aborto, seja ele qual for.

Eu não acho justo, fazer uma coisa dessas, seria um crime com nossos pimpolhinhos.

⁴⁴ Texto Dissertativo Argumentativo produzido pela aluna Pat., em 13/09/91, quando cursava a 8ª sérieB, do 1º grau

Grupo 2.b - Contra

Texto 45⁴⁵

O Aborto

O aborto é a interrupção do processo de gravidez, com a morte do feto.

Existe vários tipos de aborto, como, espontâneo, provocado e por recomendação médica.

O aborto no Brasil é discriminado por causa de repressão familiar, preconceito social, problemas econômicos, doenças da mãe, falta de informação época inoportuna p/ se ter um filho etc... E no Brasil as estatísticas já chegam a 1 milhão.

E por causa do aborto surge várias consequências, por motivo de, processo judicial, estabilidade, infecção, morte, problemas emocionais, etc...

Na minha posição, eu condenaria o aborto, só acharia certo em casos de estupro e por recomendação médica, pois, há pessoas que abortam simplesmente pelo fato de não ser época de ter um filho, se não ela não quisesse usava preservativos, pílulas, diu, diafragma, etc...

⁴⁵ Texto Dissertativo Argumentativo produzido pela aluna Fab., em 13/09/91, quando cursava a 8ª sérieB, do 1º grau

Grupo 2.b - Contra

Texto 46⁴⁶

Título: Aborto

Eu acho a questão do Aborto muito delicado, pois muitas mulheres o usam indevidamente.

Nesse caso, em que a mulher faz o aborto por motivos como, ser uma prostituta, o pai sumiu, ou mesmo porque quer. Nessas circunstancias acho que dever ser punidos, mãe e médico, por tirarem uma vida humana.

Ao meu ver somente em caso de doenças, com a mãe ou filho pode-se fazer o aborto sem problemas.

Eu não gosto muito de falar porque nunca aconteceu um caso com alguém da minha família ou proximo.

⁴⁶ Texto Dissertativo Argumentativo produzido pelo aluno Fa., em 13/09/91, quando cursava a 8ª sérieB, do 1º grau

Grupo 2.b - Contra

Texto 47⁴⁷

"Aborto"

Na minha opinião, acho que o aborto pode ser evitado de várias maneiras, portanto acho maldosas as pessoas que o praticam.

Um exemplo de como se evitar o aborto é o uso de preservativo, que retém o espermatozoide em seu reservatório evitando assim a gravidez. Como o preservativo a também outros meios de se evitar uma gravidez indesejada.

Aborto deveria ser um crime em Todo o mundo, pois antes de gerar um filho deveria haver uma conscientização do casal sobre as consequências que isso pode causar.

⁴⁷ Texto Dissertativo Argumentativo produzido pelo aluno Umb., em 13/09/91, quando cursava a 8ª sérieB, do 1º grau

Grupo 2.b - Contra

Texto 48⁴⁸

Aborto

O aborto é um problema que sempre causou uma grande polêmica em todo o mundo.

Podemos classificar aborto em:

- Aborto espontâneo - que é a perda do feto, no decorrer da gravidez;
- aborto provocado - que é extração do feto, antes do sexto mês da gravidez, é considerado crime, só não é crime em cada de estupro;
- aborto terapêutico - que é a extração do feto, no decorrer da gravidez, por recomendação médica, não é crime para salvar a vida da mãe.

No Brasil já chega á 1 mil os casos de aborto por ano.

As causas que levam uma mulher a praticar o aborto são: repressão familiar, preconceito social, problemas econômicos, falta de informações, etc.

Um aborto provocado gera muitas consequências para a mãe como: processo judiciário, esterelidade, infecção, morte e muitos problemas emocionais.

No Brasil, o aborto é considerado crime. Agora, em outros países, como a Inglaterra a mãe quando grávida, tem o direito de escolher se quer ou não ter o filho.

O aborto é geralmente feito por adolescentes.

Na minha opinião aborto é crime e não deve ser liberado.

⁴⁸ Texto Dissertativo Argumentativo produzido pela aluna Tat., em 17/09/91, quando cursava a 8ª sérieB, do 1º grau

Grupo 2.b - Contra

Texto 49⁴⁹

Título; "O Aborto"

O que é aborto? Essa pergunta é feita por muitas mulheres quando descobrem que estão grávidas e por repressão familiar, preconceito social, problemas econômicos e por terem doenças, não querem ter filhos.

O aborto pode ocorrer de várias maneiras, um deles é o aborto espontâneo que pode acontecer durante a gravidez, sem ser provocado por medicamentos ou injeções.

No Brasil, o aborto é crime e mesmo assim são feitos por ano um milhão.

Há países, que é livre abortar como a Inglaterra e a Iugoslávia.

Na minha opinião o aborto é crime, pois nenhum ser humano tem direito de tirar a de outro a não ser, Aquele que nos deu origem, Deus.

Se os pais da criança, não tem condições financeiras para criá-lo, a solução é deixar o bebê no hospital, para que ele seja adotado por pessoas que não podem ter filhos.

Pra que abortar uma alma, que não tem culpa alguma e não sabe de nada?

⁴⁹ Texto Dissertativo Argumentativo produzido pela aluna Carl., em 13/09/91, quando cursava a 8ª sérieB, do 1º grau

Grupo 2.b - Contra

Texto 50⁵⁰

"Aborto"

No Brasil tem em média 1.000.000 (1 milhão) de abortos por ano, eu acho isto um erro porque existe vários meios dê-se evitar que uma mulher fique grávida, usando preservativo, pílula anticoncepcional, diu, etc.

Se os casais planejassem antes, não teria tantas mulheres abortando seus filhos.

Mais nem sempre são os casais que transam, as vezes mulheres são estupradas.

Não é crime se for estupro ou quando é para salvar a vida da mãe.

Se vocês não sabem existe vários tipos de estupros exemplo:

1º caso - aborto espontâneo, é a perda do feto (ou embrião) no decorrer da gravidez, é homicídio o aborto espontâneo.

2º caso - o aborto provocado, é a extração do feto no decorrer da gravidez, isto é, antes do 6º mês.

3º caso - aborto terapêutico, por recomendação médica é a extração do feto durante a gravidez mais não é crime quando é para salvar a vida da mãe.

⁵⁰ Texto Dissertativo Argumentativo produzido pelo aluno Rod., em 13/09/91, quando cursava a 8ª sérieB, do 1º grau

Grupo 3.e - Indefinido

Texto 51⁵¹

O Aborto

O aborto hoje é um tema muito polêmico, é um assunto muito complexo porque existem vários tipos de aborto, na minha opinião o aborto deveria ser legalizados de acordo com o caso da mãe, se o feto está c/ problema, se a mãe não tem condições de criar a criança e em caso de estupro.

Mas há casos em que é uma gravidez indesejada, nesses casos na minha opinião não deveria abortar (isso se a família tem condições de criar a criança).

Enfim o aborto é um caso que tem que ser muito bem estudado para ser legalizado para certos casos.

⁵¹ Texto Dissertativo Argumentativo produzido pelo aluno Ces., em 13/09/91, quando cursava a 8ª sérieB, do 1º grau

Grupo 3.e - Indefinido

Texto 52⁵²

Aborto

Aborto, é a perda do feto ou embrião no decorrer de uma gravidez.

Há três tipos de abortos. O primeiro é o aborto espontâneo, no qual a gestante não espera perder a criança, pode ocorrer por várias causas, um acidente por exemplo; o segundo é o aborto provocado, o qual é visto pela legislação brasileira como um homicídio; e o terceiro é o aborto por recomendação médica quando a vida da gestante corre riscos.

No Brasil o aborto é visto como um crime e a gestante ou a pessoa que provoca o aborto, podem pegar até dez anos de reclusão. Só não é considerado crime os abortos em que a gravidez é originada de um estupro ou a vida da gestante corre risco ou ainda se o aborto não é premeditado, ou seja, se ele é espontâneo.

O aborto é causado porque as famílias repreende as gestantes ou por preconceito social, problemas financeiros e outras causas.

Para se fazer um aborto tem que pensar muito, ainda mais no Brasil, porque além de correr o risco de vida, pegar uma infecção e ter problemas emocionais, pode responder um processo e ser condenado.

Em alguns países como URSS, Iugoslávia, Japão, Inglaterra e alguns estados do norte dos E.U.A. o aborto já é legalizado, onde as gestantes podem fazer o aborto sem correr algum risco de vida.

Na minha opinião o aborto é um crime contra o feto que esta no útero da gestante, pois ele não tem culpa dos atos da mãe, porque existe várias formas de se prevenir uma gravidez.

As pessoas, principalmente os adolescentes onde o aborto acontece mais, deveriam se conscientizar e procurar saber mais sobre o assunto.

Eu sou contra o aborto em partes, se a mulher aborta só porque não quer estragar a sua forma física ou porque acha que não é hora certa de se ter um filho, aí seria visto como crime, mas se ela aborta porque a gravidez se origina de um estupro ou a mãe corre risco de vida, aí sim sou a favor do aborto.

Mas no fundo o aborto depende da cabeça de cada pessoa, cada um tem que se responsabilizar pelos seus atos, pois para uns o aborto é normal e para outros é um crime.

⁵² Texto Dissertativo Argumentativo produzido pela aluna An., em 13/09/91, quando cursava a 8ª sérieB, do 1º grau

Textos não argumentativos

Texto 53⁵³

Aborto

No Brasil, atualmente há por ano (1 milhão) de abortos.

Há varios tipos de aborto, o espontanio que e provocado pela perda do feto no decorrer da gravidez, tem tambem o aborto provocado que é a extração do feto no decorrer da gravidez

O aborto provocado é um homicidio provocado pela mãe, mas no caso de estupro o aborto não é crime

A maior parte dos abortos são feitos pelas adolescentes, por varios motivos: a discriminação dos pais e da sociedade, por não ter condições financeiras de sustentar seu filho ou por ter alguma doença

Ha varios paises em que o aborto e liberado

⁵³ Texto não argumentativo produzido pelo aluno Je, em 13/09/91, quando cursava a 8ª sérieB, do 1º grau

Texto 54⁵⁴

O Aborto

Há vários tipos de aborto, o espontâneo que é perda do feto durante a gravidez, a extração feita no decorrer da gravidez, que é um aborto provocado, e o terapêutico recomendado pelo médico, quando a gestante tem alguma doença e corre risco de vida.

No Brasil há em média torno de um milhão de abortos por ano.

O aborto é provocado na maioria das vezes por falta de condições financeiras, falta de informação, medo de enfrentar a sociedade, etc., além de tudo é um assunto bastante comentado.

⁵⁴ Texto não argumentativo produzido pela aluna Car., em 13/09/91, quando cursava a 8ª série B do 1º grau

Texto 55⁵⁵

O aborto: Dissertação

Há dois tipos de aborto: o provocado e o espontâneo.

O aborto espontâneo não é considerado crime, mas o provocado é um homicídio, que até pode levar à prisão.

A casos que o aborto pode ser por repressão familiar, preconceito social, problema financeiro, doença da mãe, falta de informação e época inoportuna.

Para não ocorrer o aborto provocado, deve-se pensar bem antes de ter uma relação, usando preservativos, pílulas, diafragma e a famosa tabelinha.

Em alguns países o aborto é considerado uma operação normal, qualquer pessoa grávida até os 7 meses pode decidir se quer abortar ou não, com a maior liberdade.

Já no Brasil é proibido, mas mesmo assim a um grande número de pessoas que abortam em consultórios clandestinos.

Em caso de estupro o aborto não é proibido no Brasil.

⁵⁵ Texto argumentativo produzido pelo aluno AB, em 13/09/91, quando cursava a 8ª sérieB, do 1º grau

Aborto

Aborto é a perda ou extração do feto ou embrião durante a gravidez.

O aborto pode ser espontâneo ou provocado.

Pela legislação brasileira, o aborto provocado só não é considerado crime qdo a gravidez é originada de um estupro, ou qdo é prejudicial à saúde da gestante, nesse caso, o aborto é terapêutico pois é necessário para preservar a vida da mulher.

O aborto espontâneo não é, e nem poderia ser, considerado crime.

Uma mulher pode provocar sem querer ou propositalmente, por ignorância ou não, um aborto, ingerindo tóxicos ou certos medicamentos vendidos sob prescrição médica.

No Brasil, ocorrem mais de um milhão de abortos por ano, pelas mais diversas causas e circunstâncias.

As causas que levam uma mulher à pensar em abortar são em primeiro lugar a repressão familiar e social; em segundo problemas econômicos; e depois vêm as doenças que uma gestante pode apresentar, como Aids, sífilis, doenças renais, problemas uterinos e, até, muitas vezes, falta de informações.

As consequências legais de um aborto provocado são: - um processo judicial e a condenação de um à quatro anos de prisão;

Além de gerar problemas psicológicos, emocionais, etc.

Em certos países, ao contrário do Brasil, como Alemanha, onde a igreja não proíbe o aborto, Polônia, Iugoslávia, URSS e alguns estados dos EUA, o aborto é permitido legalmente.

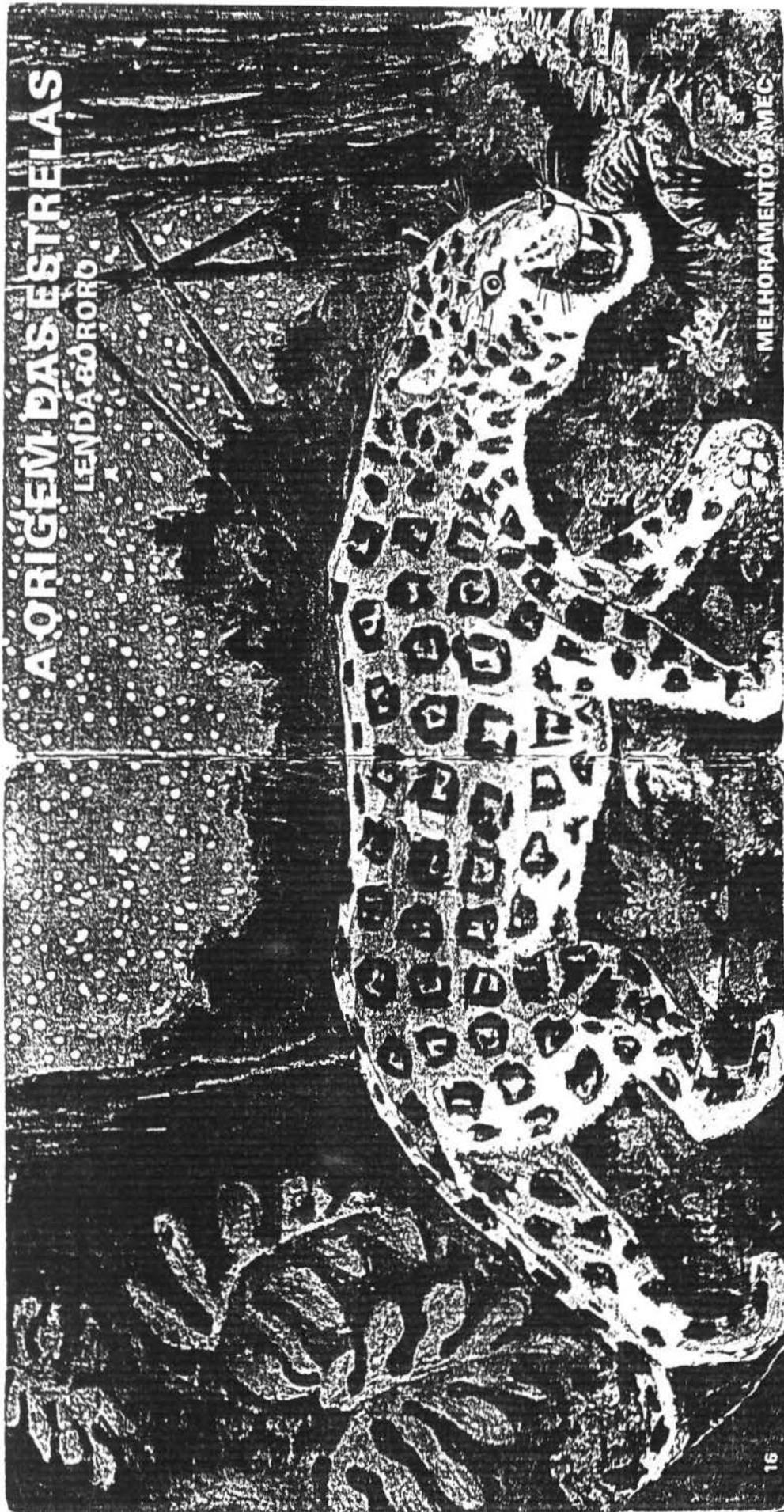
⁵⁶ Texto não argumentativo produzido pela aluna Adr., em 13/09/91, quando cursava a 8ª sérieB, do 1º grau

ANEXO 2

Lenda: "A Origem das Estrelas."

A ORIGEM DAS ESTRELAS

LENDA BÓRO



MELHORAMENTOS MEC

Copyright 1974 by Comp. Melhoramentos de São Paulo,
Indústrias de Papel
Caixa Postal 8120, São Paulo
Edu
VI - 1974

Giacomo, Maria Teresa Cunha de, 1927-
CDDs A origem das estrelas: lenda bororo, adaptação de Maria
Teresa Cunha de Giacomo, ilustrações de Heinz Budweg
São Paulo, Melhoramentos: Brasília, INL, 1974.
17p. ilust. (Lendas Brasileiras, n. 8).
1. Estrelas (em relação folclórica etc.) 2. Lendas - Brasil
3. Literatura infantojuvenil I. Bororo. Instituto Nacional do
Livro, coord. II. Budweg, Heinz, 1916- III. Título.
IV. Série.

J
CDD 374.20981
028.3
17. 374.2
18. 374.26
CDL 374.2(8)

CCF, CBL/SP-740416

Índices para catálogos sistemáticos (CDD).
1. Brasil : Lendas : Folclore 374.20981
2. Estrelas : Lendas : Folclore 374.2 (17.) 374.26 (18.)
3. Lendas de autores : Folclore 374.2 (17.) 374.26 (18.)
4. Literatura infantojuvenil 028.3

Novo pedido - telegráfico basta citar o cod. 7-04-07-018



A ORIGEM DAS ESTRELAS

LENDA BORORO

ADAPTAÇÃO DE MARIA TEREZA CUNHA DE GIACOMO
ILUSTRAÇÕES DE HEINZ BUDWEG

COLEÇÃO "LENDAS BRASILEIRAS", N.º 8



F. 513344

Edições Melhoramentos
Em convênio com o Instituto Nacional do Livro
Ministério da Educação e Cultura
São Paulo - 1974

A black and white illustration of a person sleeping in a hammock. The person is lying down, and the hammock is suspended between two vertical posts. To the left, there are two woven baskets hanging from a post. The scene is set inside a structure, possibly a hut or a tent.

Os índios caçavam,
pescavam e guerreavam,
mas, na taba,
nada faziam.
Dormiam apenas,
deitados em redes.

A black and white illustration showing four people in a taba. Two women are standing and using long wooden pestles to pound contents in a large wooden mortar. To their left, two children are sitting on the ground, also working with small mortars and pestles. The scene is set inside a structure, with a vertical post visible on the right side.

Só as mulheres
trabalhavam.

E certa tarde
ensolarada,
tendo acabado a provisão
de grãos nos cestos,
as mulheres
saíram pela mata.
Iam em busca
de milho.
Mas anoiteceu
sem que
encontrassem
mais que
umas mirradas
espigas.



No dia seguinte resolveram:
— Vamos levar um curumim conosco. As crianças costumam dar sorte. O garotinho - curumim, como chamam os índios - parecia adivinhar as coisas: andou



firme, sem mudar de direção, e, numa clareira da mata, lá estava um milharal viçoso! Que alegria para as índias!





8

Puseram-se a colher espigas e mais espigas. O curumim também encheu com elas o seu cestinho. E, sorrateiramente, voltou correndo à sua taba, sem que as índias percebessem sua fuga.

— Vovó, pediu ele ao chegar à taba, cozinhe um bolo para mim. A avó moeu o milho, fez a massa e cozinhou um bolo bem gostoso.



9

— Venham comer comigo! gritou o curumim para os outros meninos. O bolo mal deu para tantos guris. Sumiu num instante.



— E agora? perguntou um curumim.
Nossas mães não vão gostar
de nossa gulodice.
— E a avó vai contar tudo, respondeu outro.
— Vamos escondê-la na caverna,
lá longe! aconselhou outro.
— E com ela o papagaio,
pois também é linguarudo.
E assim fizeram os meninos.

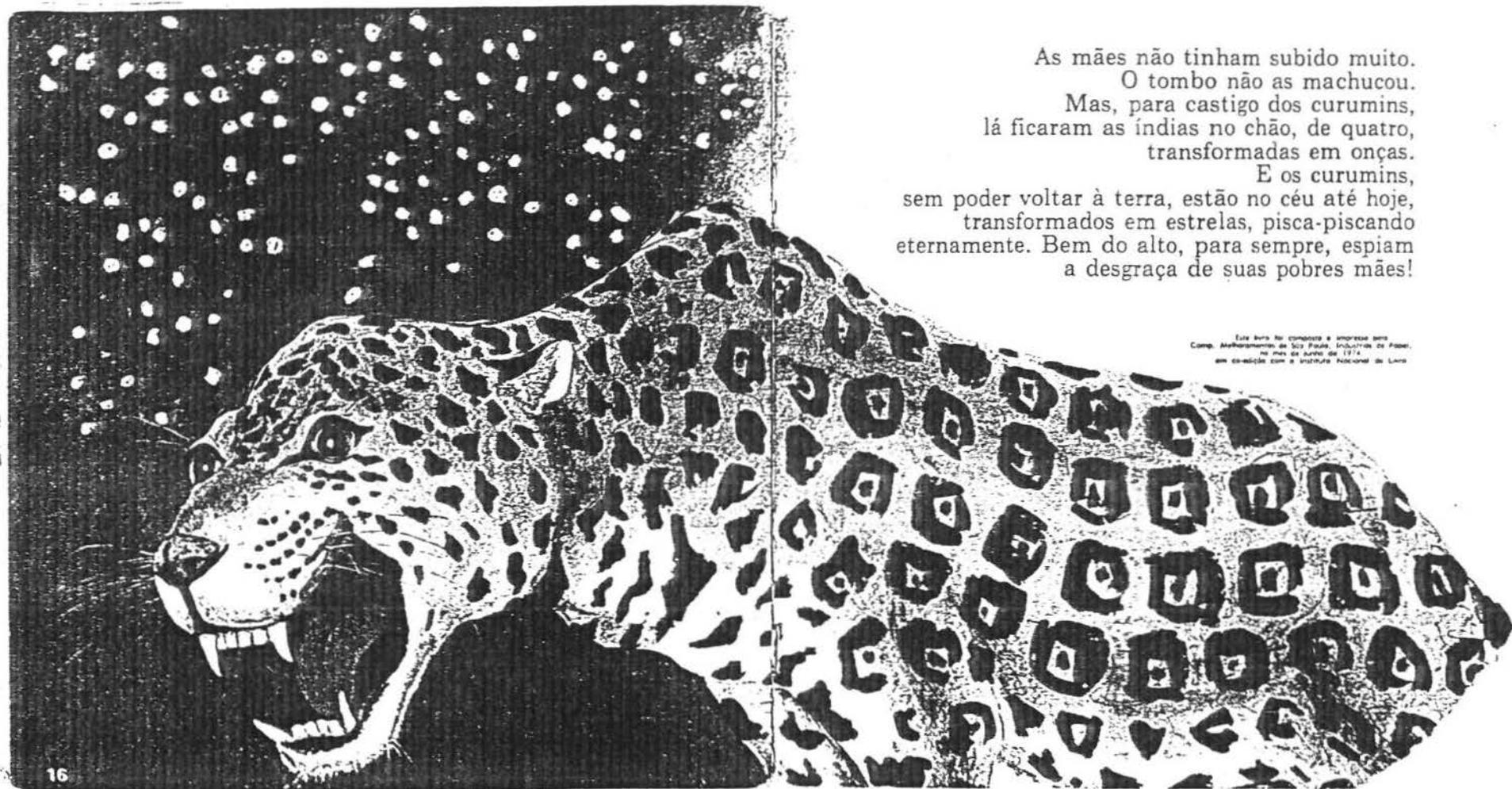


Mas o medo não passou.
As mães dariam pela falta da avó,
e procurariam o papagaio alegre e falador.
— Colibri, colibri! gritaram
os curumins - amarre este
cipó lá bem alto, no céu.
O colibri, assustado, que sabia
das artes dos meninos, não os
quis contrariar. E prendeu
no céu o cipó.



Quando as índias voltaram, ficaram apavoradas.
Pendurados no cipó, os curumins subiam todos para o céu!
— Desçam daí, gritaram elas. Mas em vão.
— Vamos subir atrás deles; só assim os teremos de
volta, resolveram as mães aflitas.
Que curumins tolos e sem juízo! Cada vez mais assustados,
cortaram o cipó abaixo deles.





As mães não tinham subido muito.
O tombo não as machucou.
Mas, para castigo dos curumins,
lá ficaram as índias no chão, de quatro,
transformadas em onças.

E os curumins,
sem poder voltar à terra, estão no céu até hoje,
transformados em estrelas, pisca-piscando
eternamente. Bem do alto, para sempre, espiam
a desgraça de suas pobres mães!

Esta obra foi consultada e aprovada pelo
Comitê Melhoramento de Sida Paulo, Indústria de Papel,
no mês de Junho de 1974,
em co-edição com o Instituto Nacional de Livro.

ANEXO 3

Textos - fonte 1, 2, e 3

ABORTO

UMA INDÚSTRIA À SOMBRA DA LEI

A proibição legal não impede que cerca de 1,5 milhão de mulheres o pratiquem anualmente no país e dá margem a uma poderosa indústria clandestina



Ilustração: Walter Oso

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47

“Ainda não foi desta vez.” A inscrição, ao lado da estampa de uma cegonha carregando um cesto vazio, aparece numa calcinha, distribuída por uma conhecida clínica de abortos em São Paulo. O brinde de mau gosto oferecido às clientes mostra que, embora considerado crime pelo Código Penal (salvo em duas exceções: risco de vida para a mãe e gravidez resultante de estupro), o aborto no Brasil é hoje um negócio altamente lucrativo. Os ganhos dessa indústria clandestina, que atua no país inteiro, podem chegar a 50 milhões de dólares por ano, segundo cálculos da economista Hildete Pereira de Melo, ex-integrante do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, que investigou o assunto em 1983. Só no estado do Rio de Janeiro, pelas suas estimativas, o aborto deve ser a terceira fonte ilegal de renda, perdendo apenas para o tráfico de drogas e o jogo do bicho.

A exemplo deles, também envolve uma poderosa rede, que começa na farmácia — onde um remédio para úlcera, conhecido por seus efeitos abortivos, é vendido, não na caixa, mas por cartelas, a preço de ouro — e termina nas delegacias. “Enquanto a discriminação não acontece, alguns policiais exigem um pagamento (o chamado ‘pedágio’) para deixar as clínicas em paz. Só quando o acordo termina é que elas são fechadas”, afirma Maria Tereza Verardo, da Coordenadoria das Mulheres da Prefeitura de São Paulo. O pedágio pago por uma

clínica média ou grande, de acordo com uma fonte que preferiu não se identificar, chega a 15 mil dólares mensais no câmbio paralelo.

“Todos sabem a localização dessas clínicas, quem são seus responsáveis e principalmente quanto rendem. Mas, afinal, pode ser conveniente não ver, se isso complementa salários de alguns membros da corporação policial”, escreve Maria Tereza Verardo em seu livro *Aborto: Um Direto ou Um Crime?*, publicado em 1987 pela Editora Moderna.

UM DRAMA DESIGUAL

“Na prática, o aborto é legal no Brasil”, declara a dra. Lúcia Moreira Carré, diretora clínica da Maternidade Odete Valadares, do Inamps, em Belo Horizonte. “Ele só é crime no caso da mulher de baixa renda, que teve uma complicação no aborto e a polícia ficou sabendo antes que ela pudesse ser socorrida num hospital.”

Sem dúvida, a clandestinidade cria embarços para todas as mulheres — solidão e falta de apoio da família e da sociedade, medo da punição legal e risco de atendimento inadequado. Mas, para as de baixa renda, a realidade é ainda mais dramática.

“O delegado só faz o flagrante da mulher pobre”, explica a advogada criminal Zulaiê Cobra Ribeiro. “A rica escapa porque tem acesso às grandes clínicas encobertas pela polícia. Então, só a mulher pobre é pro-

cessada criminalmente. Nos últimos tempos, não tem havido condenação da gestante. Então, por que o Código prevê penas tão altas? Por que não fazer uma lei mais justa?", questiona a jurista.

Das cerca de 1,5 milhão de mulheres que praticam o aborto anualmente, apenas uma minoria pode pagar entre 100 e 550 dólares* (valor que não inclui a consulta anterior e o retorno) para ser atendida numa clínica de boa qualidade em São Paulo ou no Rio de Janeiro. As demais acabam recorrendo a clínicas menores ou a curiosas, que atendem em locais improvisados, sem as mínimas condições de higiene.

MEDIDAS DRÁSTICAS

Em Porto Alegre, para quem não dispõe da quantia mínima de 150 dólares, preço cobrado pelas clínicas do centro da cidade, resta procurar os serviços de uma parteira, como a que trabalha no porão de uma casa no bairro de Tristeza. Por apenas 20 dólares, ela provoca um aborto, sem usar anestesia ou uma elementar luva de borracha. Em Recife, apenas as mulheres de maior poder aquisitivo podem arcar com os custos do "tratamento", numa pequena clínica da periferia da cidade ou na casa de uma aborteira. As restantes, quando não pulam degraus ou tomam chás com fama de abortivos, optam por medidas mais drásticas e perigosas: introduzem na vagina agulhas de crochê, talos de mamona ou gotas de substâncias cáusticas para induzir o aborto.

No Brasil, um décimo dos fômites na gravidez decorre de abortos infectados, que constituem a quarta causa de mortalidade materna, revela a dra. Al-

* Valores calculados com base na cotação do dólar no câmbio paralelo de 12/02/90 — US\$ 1 = NC:5'9,00.

A LEGALIZAÇÃO, NA OPINIÃO DAS LEITORAS

Rompendo o silêncio que cerca um dos assuntos mais polêmicos da atualidade, 1 230 leitoras responderam ao questionário sobre "Legalização do Aborto" publicado em CLAUDIA, em novembro passado. A maior parte delas está na faixa dos 20 aos 34 anos e exerce atividade remunerada (78%). Pouco mais da metade é casada e 47% têm pelo menos um filho. Do total, 71% se manifestaram a favor da ampliação da legislação do aborto no Brasil. Os motivos mais alegados foram: "a mulher tem o direito de decidir sobre seu próprio corpo" (41%); "o aborto clandestino é muito perigoso" (15%); e "a legislação não é completa" (15%). Mais da metade dessas leitoras acha que a lei deveria permitir o aborto por motivos mais amplos de saúde, como mães portadoras de doenças que possam comprometer o feto (68%), má-formação fetal comprovada (60%) e riscos de doenças genéticas incuráveis (57%); 49% crêem que a mulher deveria ter opção de fazer um aborto sem explicar o motivo; 37% defendem a inclusão na lei de motivos sociais (falta de condições financeiras para assumir o filho); e 33% de motivos pessoais (falta de condições

psicológicas para ser mãe). Entre as 29% que se posicionaram contra, a maioria acha que o aborto deve continuar a ser legal apenas nas circunstâncias previstas em lei (risco de vida para a mãe e estupro). Só 13% julgam que o aborto deve ser totalmente proibido. As justificativas mais usadas por essas leitoras foram: "existem muitos métodos anticoncepcionais", "a criança tem direito à vida", "ninguém tem o direito de tirar a vida de um ser humano". No entanto, 54% das leitoras admitiram a possibilidade de fazer um aborto hoje, mesmo que seu motivo não estivesse previsto em lei. As situações que as levariam a tomar essa atitude são: anomalias fetais (75%), doenças capazes de prejudicar o feto (74%), gravidez decorrente de estupro (72%), risco de vida para a mãe (61%), falta de condições psicológicas (49%) e falta de condições financeiras (46%). Entre as leitoras casadas que já têm filhos, foi maior a porcentagem das que não fariam o aborto, por razões associadas à defesa da vida da criança (53%). Independente disso, 73% do total de mulheres que responderam ao questionário acham que a legalização do aborto no Brasil deve ser votada em um plebiscito.



A MULHER QUE FAZ ABORTO

Um dos últimos trabalhos sobre o assunto, *A Outra Versão do Crime*, do Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde, de São Paulo, baseado em longas entrevistas e análise das fichas das mulheres atendidas ali de novembro de 1987 a junho de 1989, apresenta dados surpreendentes: 51,5% das pacientes entre 16 e 41 anos já tinham feito de um a sete abortos. A maioria dispunha de pouca informação sobre o método

empregado — curetagem (43%), aspiração (50%) e sonda (6,5%). A nenhuma das 196 mulheres estudadas foi pedido qualquer exame antes do aborto, como é necessário numa cirurgia. O que mais pesou na decisão de interromper a gravidez (em 85% dos casos isso aconteceu até dez semanas após a concepção) foi o fato de o filho não fazer parte do projeto de vida ou o momento da relação afetiva não ser o mais adequado. A médica sanitária Simone Grilo Diniz, uma das responsáveis pela pesquisa, observou que as entrevistadas achavam correto para seus valores ter feito o aborto. "O que se

percebe é uma ética nova. Não há mais tanto medo do castigo divino como antigamente, mas vergonha pela irresponsabilidade contraceptiva. E o medo é em relação às seqüelas, ao risco de vida, à polícia. É o medo real, concreto, não mais da punição de Deus."



bertina Duarte Takiuti, membro da Comissão dos Direitos Reprodutivos, do Ministério da Saúde. "Quanto mais precárias forem as condições em que o aborto é realizado, maiores as chances de infecções ou de seqüelas, como perfuração ou aderência das paredes do útero", acrescenta a médica.

Com base nos dados sobre internações nos hospitais do Inamps em consequência de abortos, entre 1979 e 1980, a pesquisadora Hildete Pereira de Melo chegou a uma trágica conclusão: de cada quatro mulheres que se submetem ao aborto clandestino, uma tem complicações. Mas as pacientes dificilmente

admitem que fizeram aborto, por medo das punições legais. Hildete estima que em cada 1 000 mulheres em idade fértil (14 a 45 anos), 18 apresentam seqüelas de abortos provocados.

AMEAÇAS A SAUDE

Recentemente, a microempresária Ana Lúcia, paulista de 33 anos, entrou para essa triste galeria. Com um filho de 11 anos, que ela cria sozinha, ao se descobrir grávida, procurou uma pequena clínica. "O médico me deu um calmante, introduziu a cureta em mim e a certa altura comentou com a enfermeira, sua

esposa, que não estava encontrando o colo do útero. Saí dali com tremores e dores horríveis. O mais intrigante é que comecei a sentir os sintomas de gravidez: enjôos, desejos e até ia com mais freqüência ao banheiro. Imaginei que tudo fosse de origem psicológica."

Como as dores não passavam, dois dias depois, Ana Lúcia voltou ao médico e teve a impressão de que ele a esperava. Um novo exame de urina revelou que ela ainda estava grávida. "Mais desesperada do que nunca, procurei outro médico, que cobrava quatro vezes mais que o anterior. Tomei dinheiro emprestado e fui até lá. A fachada

da clínica era de um pronto-socorro de luxo, com computadores por todos os lados. Embora o ambiente fosse frio, parecia bastante profissional."

FERTILIDADE EM JOGO

Ana Lúcia teve que assinar um termo de responsabilidade declarando que chegou lá com hemorragia. Depois de examiná-la, o médico decidiu fazer o aborto imediatamente. "A enfermeira me levou até a sala de cirurgia e amarrou as minhas pernas. Naquela hora, jurei que nunca mais faria um aborto. Só me lembro de uma moça colocando uma agulha no meu braço. Acordei uma hora depois e saí de lá meio tonta. Tomei injeções e todos os antibióticos que o médico prescreveu. No retorno, descobri que a parede do meu útero havia ficado muito fina devido às curetagens seguidas. Nunca mais poderei ter um filho."

ROTINA NOS HOSPITAIS

A história de Ana Lúcia se repete, de norte a sul do país. O criminalista gaúcho Nereu Lima chega a afirmar que 46% do orçamento do Serviço de Obstetrícia da Previdência Social foram gastos, em 1982, para reparar abortos mal feitos. Os quinze leitos da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, para onde são levadas mulheres que confiam em parteiras suspeitíssimas ou que induziram o aborto por conta própria, são chamados de "enfermaria das podres". O Femina, outro importante hospital de Porto Alegre, recebe diariamente três a quatro mulheres que abortaram e necessitam de uma raspagem de útero para eliminar os restos da gravidez. Desse total, apenas duas tiveram abortos naturais, segundo o médico Rolnei Correa Pinto.

Na Maternidade Odete Valadares, em Belo Horizonte, a si-

Só em São Paulo, elas devem ser milhares, se considerarmos os cômodos em que atendem as curiosas. Muitas estão instaladas em sobrados acima de qualquer suspeita, em prontos-socorros aparentemente comuns (como uma conhecida clínica no bairro de Cerqueira César), ou em verdadeiras fortalezas (como a de Pinheiros, cheia de grades nas janelas, que costuma distribuir calcinhas às clientes). A maioria não aceita cheque e exige a assinatura de um termo de responsabilidade, em que a gestante reconhece que procurou o local com hemorragia, para isentar o médico de culpa em caso de acidente. As condições de atendimento são diretamente proporcionais aos preços cobrados. Uma clínica bem aparelhada cobra de 100 a 500 dólares. Mas as adolescentes (calcula-se que no Brasil 1 em 12 pratique o aborto) pagam mais: de 500 a 1 000 dólares. Não raramente sofrem abusos dos médicos

AS CLÍNICAS NA INTIMIDADE

(manipulação dos seios e nádegas), enquanto os pais e namorados são vítimas do "taxímetro": a pretexto de complicações, o preço combinado vai sendo aumentado progressivamente. No Rio de Janeiro, conceituadas clínicas de Botafogo, instaladas em prédios modernos e bem equipados, cobram no mínimo 80 dólares. Já as da Tijuca, que realizam aborto em menores e gestantes com até quatro meses de gravidez, em média 300. Era no Rio que as mulheres mineiras de mais posses faziam seus abortos, enquanto as demais eram atendidas por curiosas de sua cidade, muitas vezes em quartos de motéis. Há cinco anos, Belo Horizonte ganhou uma clínica sofisticada, que cadastra as pacientes em computador e é capaz de receber quinze numa tarde, no tradicional bairro de Santo Agostinho. Ali o custo mínimo do "tratamento" é 100 dólares.

Os cartões de visita dessa e de outras clínicas circulam normalmente pelos consultórios de ginecologistas, que acompanham o pós-operatório. Em Pernambuco, um famoso médico que faz abortos até o sétimo mês de gravidez mantém uma verdadeira rede de ajudantes na maternidade pública onde trabalha. Eles encaminham pacientes para sua clínica clandestina em Olinda e atendem as vítimas de complicações. Em Recife, só existem clínicas pequenas na periferia ou enfermeiras que "tratam" em casa, a maioria até o quinto mês, cobrando preços que variam de 10 a 60 dólares. Em Porto Alegre, poucos lugares aceitam fazer aborto acima das nove semanas de gravidez e por preços muito elevados. As clínicas baratas do centro da cidade (como a que funciona num pronto-socorro na Cidade Balxa, onde os atendentes garantem um clima familiar) cobram de 160 a 240 dólares, se a gravidez estiver no início.

tuas
ala
der
colé
caso
80%
a d
"B
mor
Ant
dre
dio
ao
esté

C

I
tan
acc
198
nia
SO
gal
de
Na
me
bli
cas
mu
vis
tad

op
de
os
de
ce
pi
Pr
Se
de
pa
ca
de
co
pa
co
su

cl
se
cl
C
m
de
de
za
li

1 tuação também é grave. Numa
2 ala com dezoito leitos para aten-
3 der todo tipo de infecções gine-
4 cológicas, metade é ocupada por
5 casos de aborto. "Supõe-se que
6 80% sejam provocados", revela
7 a diretora Lúcia Moreira Carré.
8 "Boa parte dessas mulheres de-
9 mora para buscar tratamento.
10 Antes se aconselha com a comar-
11 dre, pede na farmácia um remé-
12 dio para 'corrimento' e só chega
13 ao hospital quando a infecção
14 está se generalizando."

15 CUSTOS ALTISSIMOS

16 Em Recife, as estimativas
17 também são alarmantes, de
18 acordo com um estudo feito em
19 1988 pela socióloga Maria Betâ-
20 nia de Melo Ávila, do Grupo
21 SOS Corpo — que defende a le-
22 galização do aborto como forma
23 de proteger a saúde da mulher.
24 Na época, a média de atendi-
25 mento de oito maternidades pú-
26 blicas era de 125 partos para 42
27 casos de abortamento, e, de 800
28 mulheres de baixa renda entre-
29 vistadas, 42,4% já haviam abor-
30 tado ao menos uma vez na vida.

31 Se essas mulheres tivessem a
32 opção de fazer um aborto na re-
33 de pública, sofreriam menos e
34 os gastos seriam menores, pon-
35 dera a dra. Angela Bacha, do-
36 cente da Universidade de Campi-
37 nas, SP, e ex-coordenadora do
38 Programa Saúde da Mulher da
39 Secretaria da Saúde do Estado
40 de São Paulo. "É muito caro
41 para o Estado tratar de compli-
42 cações de aborto. A mulher fica
43 de dez a trinta dias internada,
44 consumindo altos recursos, ao
45 passo que o aborto feito em boas
46 condições é um procedimento
47 simples."

48 Mesmo quem pode pagar uma
49 clínica de qualidade teria maior
50 segurança se tudo fosse feito às
51 claras, argumenta o dr. Antonio
52 Celso Ayub, chefe do Departamen-
53 to de Obstetrícia da Faculda-
54 de Federal de Ciências Médicas
55 de Porto Alegre. "Com a legali-
56 zação do aborto, as brasileiras se
57 livrariam do stress emocional de ▶



A LEI NO

BRASIL

1 O Código Penal de 1940 se
2 refere ao aborto em cinco
3 artigos e permanece em
4 vigor até hoje.

5 O QUE É PROIBIDO

6 **Art. 124 - Condena a gestante**
7 **que provoca o aborto em si**
8 **mesma ou autoriza outros a**
9 **fazerem isso.**

10 **Pena: de um a três anos de**
11 **detenção.**

12 **Art. 125 - Prevê punição**
13 **para qualquer pessoa que**
14 **faça o aborto sem**
15 **autorização da gestante.**

Pena: de três a dez anos de
reclusão (que se aplica
também quando a gestante
tem menos de 14 anos, é
débil mental ou consente
mediante ameaça ou
violência).

Art. 126 - Condena
qualquer pessoa que
provoque o aborto com o
consentimento da gestante.
Pena: de um a quatro anos
de reclusão.

Art. 127 - Estabelece que
as penas dos dois artigos
anteriores serão acrescidas

de um terço, se a gestante
sofrer lesão corporal grave
no aborto, e serão
duplicadas, se ela morrer.

16 O QUE É PERMITIDO

Art. 128 - Afirma que o
médico não será punido
pelo aborto quando não há
outro meio de salvar a vida
da gestante ou a gravidez
resulta de estupro (desde
que antes ela ou seu
representante legal, quando
incapaz, dê o
consentimento).

MÉTODOS USADOS

1 O aborto sempre envolve
2 riscos, que equivalem
3 aos de uma cirurgia
4 pequena, se realizado por
5 médicos experientes,
6 em ambientes devidamente
7 esterilizados. Nesses
8 casos, os métodos mais
9 usados são os seguintes:

10 **Curetagem: Raspagem do**
11 **útero com instrumentos**
12 **semelhantes a colheres**
13 **vazadas (curetas) para**
14 **retirada do embrião.**

15 **Costuma-se empregar**
16 **anestesia geral ou local,**
17 **de rápida duração.**

18 **Mas algumas clínicas se**
19 **limitam a dar sedativos.**
20 **Sucção ou Aspiração: Uma**
21 **seringa é introduzida no**
22 **colo do útero para aspirar**
23 **o que há no seu interior.**

24 **Muitas vezes ficam restos**
25 **do embrião e é necessário**
26 **uma curetagem para**
27 **finalizar o aborto.**

28 **Microcesária: Após os quatro**
29 **meses de gravidez, faz-se**
30 **uma pequena cesárea. Mas,**
31 **como o útero ainda não está**
32 **preparado para expulsar o**
33 **feto, às vezes é preciso**
34 **alargar a região para retirá-lo.**

35 **Remédios: O mais comum é**
36 **a pílula do dia seguinte,**
37 **usada até 72 horas depois**
38 **da concepção. À base de**
39 **hormônios, ela acelera o**
40 **movimento das trompas**
41 **para que o óvulo fecundado**

chegue ao útero antes do
tempo e seja expelido
naturalmente. Na França,
existe, ainda, a pílula do
mês seguinte (RU 486),
usada até seis semanas após
a última menstruação,
que impede a fixação
e a manutenção do ovo
nas paredes do útero.
Mesmo feito em boas
condições, o aborto pode
deixar seqüelas como
sinequias (aderência das
paredes do útero), que em
certos casos acarretam
esterilidade, perfuração
do útero ou dilatação do
seu colo, o que no futuro
pode favorecer abortos
espontâneos. O perigo
aumenta a cada aborto.
Mais arriscadas, porém,
são as medidas empregadas

por gestantes e curiosas
para iniciar o processo
abortivo, que geralmente
é concluído num hospital.
Para isso, enfiam sondas
no cólo do útero com o
propósito de dilatá-lo,
injetam substâncias
cáusticas pela vagina e
utilizam talos de bambu,
agulhas de tricô ou crochê
e outros objetos para
induzir hemorragias.
Nessas circunstâncias,
o risco de infecção é
altíssimo. Existem, ainda,
os mais variados chás,
que causam vômito, mas
cujo efeito é discutível.
Algumas gestantes apelam
para medicamentos à base
de hormônios, que, além de
não produzirem o esperado,
podem prejudicar o feto.
Outras recorrem a
drogas para tratamento
de úlcera, que provocam
fortes contrações e
hemorragias intensas.
Do ponto de vista
psicológico, mesmo que
a opção pelo aborto seja
consciente, pode surgir
anos depois a "síndrome
do arrependimento tardio".
Por isso, a dra. Albertina
Takiuti acha que antes do
aborto a mulher deveria se
submeter não apenas a uma
completa avaliação física,
mas também psicológica.



Ilustrações: Walter Oro

criado em 1971 pelo monsenhor Ney Sá Earp, "quando se percebeu que havia campanhas para regulamentar o extermínio de um ser humano antes do seu nascimento", diz o fundador.

NOVO PROJETO DE LEI

Esse argumento de defesa da vida, no entanto, é contestado pelo deputado federal José Genoíno (PT-SP), porque até agora não se chegou a uma conclusão definitiva sobre o momento em que a vida se inicia. "Além disso, sobrepõe à vida efetiva e presente da mulher a possibilidade abstrata de vida futura do feto", afirma o parlamentar, que elaborou um projeto garantindo à mulher a livre opção de ter ou não filhos, junto com a deputada federal Cristina Tavares (PDT-PE). Pioneira no assunto, em 1983 Cristina apresentou propostas para a ampliação da lei do aborto, que foram derrotadas na Câmara Federal. O novo projeto, em parceria com o deputado José Genoíno, ainda não foi votado e estabelece o direito de interromper a gravidez em até 90 dias da concepção, obrigando os hospitais públicos a atender nesses casos.

"O que impede que leis como essa sejam aprovadas", opina a vereadora Ireda Cardoso, de São Paulo, "é a mentalidade dos parlamentares. A maioria é conservadora e formada por homens." Diante disso, o Conselho Estadual da Condição Feminina de São Paulo, que vai defender a descriminação do aborto e sua legalização durante a votação do Código Penal, já avisa que, se essas reivindicações não forem atendidas, sua luta vai ser para ampliar a lei. Entre os abortos permitidos, as feministas querem que sejam incluídos os casos de anomalias fetais, outro ponto muito polêmico. O presidente da Associação Brasileira de Juristas Democratas, Adauto Suannes, lembra que alguns consideram fascista a idéia

CATÓLICOS A FAVOR

1 Na América Latina,
2 a legalização do aborto
3 encontra apoio num grupo
4 inusitado, o dos Católicos
5 Pelo Direito de Decidir.
6 Criado em março de 1987,
7 num encontro na Costa Rica,
8 ele se inspirou no Católicos
9 Pela Livre Escolha, que
10 está em atividade nos
11 Estados Unidos desde 1973.
12 A coordenadora do
13 movimento, Cristina Grela,
14 uma uruguaia de 43 anos,
15 esclarece como é possível
16 adotar essa posição: "Em
17 1962, o próprio papa João
18 XXIII, durante o Concílio
19 Vaticano II, reconheceu
20 que a hierarquia da Igreja
21 não detém todas as
22 verdades e deu ao católico
23 o direito de discordar
24 de alguns dos seus
25 posicionamentos, desde que
26 não sejam dogmas de fé".
27 No caso do aborto, a atual
28 postura da Igreja de
29 condená-lo em qualquer
30 circunstância nem sempre
31 existiu. Até meados do séc.
32 XIX, predominava a teoria
33 de São Tomás de Aquino de
34 que o feto só adquire

de que só um ser humano perfeito fisicamente deve nascer.

Um dos principais defensores do aborto por anomalias fetais (aborto eugênico), o dr. Thomaz Rafael Gollop, livre-docente em Genética pela Universidade de São Paulo, insiste, no entanto, que a família, sobre a qual recai o ônus de criar uma criança com problemas, deveria ter direito à escolha.

Nos últimos quinze anos surgiram vários exames capazes de diagnosticar anomalias fetais graves e incuráveis (como a síndrome de Down ou mongolismo) e até mesmo determinar, por meio da coleta de sangue do cordão umbilical, se o feto cuja



Ilustração: Walter Orio

alma a partir dos 40 dias de gestação, no caso do homem, ou 80 dias no caso da mulher. Antes desse momento, o aborto não era considerado um atentado à vida. A Igreja não o aprovava apenas por destruir a conexão entre sexo e procriação. Mas já houve época em que o adultério recebia penas mais duras que o aborto: catorze anos a pão e água, enquanto para a interrupção da gravidez se resumiam a três anos e meio, segundo cânones irlandeses que datam de 675. "Para que o aborto envolvesse um dogma de fé", continua Cristina, "deveria haver uma história sem contradição e uma segurança absoluta da ciência do momento em que a vida se inicia. Até hoje ninguém sabe quando o feto é uma pessoa, nem há referência na Bíblia a respeito. Se o feto é um ser humano desde a concepção, por que não batizá-lo quando há um

aborto espontâneo?", questiona a líder católica. Alguns teólogos admitem que em certas situações o aborto pode ter justificativa moral e creem que a consciência de cada um deve orientar essa decisão. "Não somos pelo aborto", assegura Cristina Grela. "Apesar disso, ele existe. Achamos que da mesma maneira que o anjo perguntou a Maria se ela queria ser mãe de Jesus e ela abaixou a cabeça e pensou antes de responder, as outras mulheres também deveriam ter esse direito. A gravidez deve ser, em primeiro lugar, um processo pessoal de aceitação, de se comprometer a criar uma pessoa dentro e fora de si. É nesse momento que, para nós, o feto é um ser humano", sintetiza a coordenadora do movimento dos Católicos pelo Direito de Decidir na América Latina.

mãe teve rubéola na gravidez foi atingido ou não. "Apesar desses métodos já serem disponíveis no Brasil, a maioria dos médicos nem sequer os utiliza, por não saber o que fazer quando o resultado é positivo. Nos países como os Estados Unidos, onde o aborto é permitido nesses casos, estabeleceu-se o limite de vinte semanas para efetuar-lo. O prazo é suficiente para que os exames sejam concluídos", explica o geneticista.

Porém, a simples alteração da lei não é o bastante. Afinal, nos dois casos em que o aborto é autorizado, ele não tem sido feito nos hospitais públicos. Um estudo da pesquisadora Ana Vo-

lochko, do Instituto de Saúde, realizado em 1988 na região leste da capital paulista, demonstrou que, para muitas mulheres que morrem na gravidez em função de patologias graves, a oportunidade de fazer um aborto nem sequer é oferecida.

MUDAR A LEI NÃO BASTA

No ano passado, a Maternidade Odete Valadares, em Belo Horizonte, só registrou um aborto, numa gestante de alto risco. Já em Recife, o obstetra Edmar Mouri Fernandes não sabe de qualquer caso de aborto permitido por lei, realizado nos hospi-▶

decidir ou não pela interrupção clandestina da gravidez indesejada e evitariam riscos de vida totalmente desnecessários."

Carolina, uma advogada de 42 anos, que já sentiu na pele a diferença de atendimento entre um país onde o aborto é legal e o Brasil, concorda inteiramente com o médico. Recém-casada, morando nos Estados Unidos, onde seu marido tentava se estabilizar profissionalmente, ficou grávida. "Naquele momento, uma criança não fazia parte dos nossos planos. Decidida, fui para o estado de Illinois, onde fiz o aborto num bom hospital, cercada de todos os cuidados. Não senti nenhum remorso."

Aos 33 anos, viúva e de volta ao Brasil, ela engravidou outra vez. "Estava recomeçando minha vida, aquele não era o momento de ser mãe. Por sugestão de uma amiga, procurei uma conhecida clínica no bairro de Pinheiros, em São Paulo. De camisola, esperando em uma fila, tinha a impressão de estar num matadouro. Entrei em uma das cinco salas do corredor, recebi uma injeção na veia e adormeci. Quando acordei, estava em ou-

tro lugar, uma espécie de porão. Tinham se passado apenas 20 minutos, os mais longos da minha vida. Junto com um sedativo, a enfermeira me deu um copo d'água e uma bolacha. Apesar das dores, queria sair dali o mais rápido possível."

POR QUE LEGALIZAR

Dois dias depois, Carolina ainda sangrava e começou a inchar. "Assustada, liguei para o meu médico e contei sobre o aborto. Ele me encaminhou para uma maternidade, onde tive que fazer uma nova curetagem, porque ainda restava um pedaço do feto dentro de mim. Foi horrível. No hospital, tive que ficar com todas aquelas mães e lembranças espalhadas pelo quarto. Ainda hoje é doloroso, pensar nesse filho que não tive."

A pesquisa *A Outra Versão do Crime*, realizada pelo Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde, de São Paulo, com um grupo de mulheres, mostra que são dezenas os casos como o de Carolina. A médica sanitária Simone Grilo Diniz, uma das res-

ponsáveis pela pesquisa, chegou à conclusão de que o verdadeiro crime é a ilegalidade. Essa opinião é compartilhada por outras vozes que defendem a liberação do aborto no país. Uma delas é Neusinha Santos, vereadora do PT de Belo Horizonte, autora do projeto que regulamenta a realização do aborto nos hospitais municipais, nos casos autorizados pela lei. "O aborto não é um problema de polícia ou apenas um assunto do campo da ética, da moral ou da religião", diz, categórica, a vereadora. "É um problema de saúde pública, que envolve uma discussão sobre a defesa da vida, da saúde e dos direitos da mulher." A médica paulista Angela Bacha compara a legalização do aborto à regulamentação do divórcio: longe de incentivá-lo, apenas põs ordem numa situação que já existia.

Mas os inimigos da legalização, grupos liderados pela Igreja Católica e outras instituições, argumentam de forma diferente. "A liberação pode favorecer a mercantilização da morte e abortos em massa", diz o deputado Germano Bonow, do PFL do

estado do Rio Grande do Sul. Esses grupos alegam também que seria o mesmo que legalizar assaltos e estupros só porque seu número não pára de crescer. "A liberação levaria à maternidade sem responsabilidade e aumentaria a prostituição", acrescenta a deputada estadual Lucia Heraclio (PMDB), única mulher na Assembleia Legislativa de Pernambuco.

Durante os trabalhos da Constituinte Nacional, o assunto provocou muito alvoroço e mobilizou verdadeiros lobbies, inclusive da indústria clandestina, os principais interessados em deixar tudo como está. A palavra aborto nem chegou a aparecer na nova Constituição. Mesmo assim, a jurista Zulaiê Cobra Ribeiro acha que houve uma pequena vitória: o artigo 227 diz que é dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer. Antes, lia-se "o direito à vida desde a concepção". O próximo passo é reformular o Código Penal, tarefa que caberá aos deputados e senadores que serão eleitos em 3 de outubro.

QUANDO COMEÇA A VIDA?

Há séculos o homem tenta responder a essa pergunta, mas até agora não existe um critério universalmente aceito, que determine com exatidão quando o feto se converte em pessoa. A medicina hoje tende a considerá-lo um ser viável a partir do momento em que ele passa a ter condições de vida fora do organismo materno. Segundo o dr. Thomaz Ratsel Gollop, diretor do

- 1 Serviço de Genética da
- 2 Maternidade São Paulo,
- 3 isso só acontece após a
- 4 42ª semana. Apesar de
- 5 o sistema nervoso e
- 6 cardiorrespiratório do
- 7 feto ainda serem imaturos
- 8 nessa fase, ele consegue
- 9 sobreviver em centros
- 10 hospitalares avançados.
- 11 Outro ponto controverso
- 12 diz respeito à
- 13 possibilidade de o feto
- 14 sentir dor. Entidades
- 15 contrárias à interrupção
- 16 da gravidez mostram
- 17 constantemente imagens
- 18 que sugerem a sua agonia.
- 19 No entanto, o ilustre
- 20 embriologista Clifford
- 21 Grobstein, da Universidade
- 22 da Califórnia, em San
- 23 Diego, afirma que isso
- 24 é praticamente impossível
- 25 antes da 20ª semana.

"Até essa marca, o sistema nervoso central é tão imaturo, que é muito pouco provável que o feto sinta dor. Depois, surgem ligações entre os neurônios no cérebro, o que leva a supor que em torno da 30ª semana exista uma possível consciência mínima." Mesmo assim, acredita-se que a dor só apareça bem depois. Historicamente se faz operação de fimose até o sétimo dia de vida do bebê, sem utilizar anestesia, devido à falta de mielina no seu organismo. A substância, de acordo com o geneticista Thomaz Gollop, é essencial ao impulso doloroso.

PELO DIREITO A VIDA

Em vigor desde 1940, o Código Penal acaba descontentando gregos e troianos. Os defensores da legalização consideram a lei muito restritiva. Os inimigos acham que o aborto deveria ser totalmente proibido. "Nenhuma lei pode regulamentar a perda do direito à vida. Sou radicalmente contra o aborto e inteiramente favorável ao direito à vida", afirma a deputada federal Sandra Cavalcanti (PFL-RJ), responsável pelo veto à emenda sobre aborto na Constituição. Já existe até mesmo um grupo organizado no Rio de Janeiro, que tem agido nas portas das clínicas para dissuadir as mulheres e promover a interdição desses locais. O Grupo Anti-Aborto foi

1 tais da rede pública, desde que
2 assumiu a direção da Maternida-
3 de Bandeira Filho, na periferia,
4 há três anos.

5 O Hospital Femina, de Porto
6 Alegre, efetuou apenas três
7 abortos em gestantes que cor-
8 riam risco de vida. A decisão
9 coube sempre a uma junta médi-
10 ca, segundo o dr. Rolnei Correa
11 Pinto. Casos de aborto por estu-
12 pro ele desconhece e até admite
13 que a questão do ponto de vista
14 jurídico é confusa e demorada.

15 "O ideal seria acreditarem na
16 palavra da mulher", defendem a
17 socióloga Maria Aparecida Me-
18 drado e Maria Célia Andrade,
19 ambas do Conselho Estadual da
20 Condição Feminina de São Pau-
21 lo. "Bastaria a mulher chegar à
22 delegacia, com duas testemu-
23 nhas, para obter o boletim de
24 ocorrência e, caso se descobris-
25 se a gravidez mais tarde, ela po-
26 deria optar pelo aborto."

27 Parlamentares de várias partes
28 do país têm se movimentado para
29 assegurar que a lei, nos dois ca-
30 sos, seja cumprida. Por apenas

um voto deixou de constar na
Constituição Estadual do Rio
Grande do Sul a emenda do de-
putado Raul Pont, que obrigava
o Estado a oferecer o aborto em
caso de estupro e risco de vida.
"Prevaleceu a desinformação e o
moralismo dos constituintes gaú-
chos", lamenta ele.

O mais curioso, no entanto,
aconteceu no estado do Rio de
Janeiro, onde, em 1985, um
projeto que previa a realização
dos abortos autorizados por lei
nos hospitais públicos e priva-
dos chegou a ser aprovado pelo
então governador Leonel Brizo-
la. Mas, ante a reação do arce-
bispo dom Eugênio Sales, ele
voltou atrás.

No município do Rio de Ja-
neiro, a situação é diferente. Em
1987, o prefeito Saturnino Bra-
ga autorizou dois hospitais pú-
blicos a fazerem o aborto permi-
tido por lei. São Paulo foi a se-
gunda cidade a adotar a medida,
com uma portaria assinada em
abril de 1989 pela prefeita Luiza
Erundina da Silva. Belo Hori-

zonte pode ser a próxima, se for
aprovada a proposta da vereado-
ra Neusinha Santos, e há um
movimento nesse sentido em
Recife.

De qualquer modo, a simples
aplicação da lei e a descrimina-
ção do aborto só vão amenizar o
problema. Sandra Lima, presi-
dente do Conselho Estadual das
Mulheres de Minas Gerais, acre-
dita que é fundamental garantir
o acesso a informações sobre
anticoncepcionais. "Aborto, as-
sim como esterilização, não é
método contraceptivo." Deve
haver uma política séria de Pla-
nejamento Familiar, acrescenta
a pesquisadora Carmen Barroso,
autora do livro *O Que É Aborto*
(Cortez Editora, 1980). "Nen-
hum método é 100% eficaz pa-
ra 100% das mulheres", enfati-
za Carmen.

DISCUSSÃO NACIONAL

Antes de deputados e senado-
res se posicionarem contra ou a

favor da retirada do aborto do
Código Penal, a deputada Cristi-
na Tavares propõe que haja uma
ampla discussão sobre o assun-
to, envolvendo os meios de co-
municação, seguida de um ple-
biscito nacional. Mas algumas
pessoas, como o dr. Thomaz
Gollop, temem que os vários as-
pectos da questão não sejam
examinados se a consulta popu-
lar se resumir a "sim" e
"não". Algumas feministas,
por sua vez, alegam que não se-
ria justo toda a sociedade decidir
sobre um assunto que diz respei-
to às mulheres. Na verdade, es-
sas divergências são secundá-
rias. O mais importante é que a
discussão não seja adiada indefi-
nidamente, enquanto a corrup-
ção aumenta os lucros da indús-
tria clandestina e mulheres mor-
rem nos porões das cidades. ★

Texto: Cristina Ribeiro Nabuco
Reportagem: Andréia Peres e
Telma Egle (SP), Katia Cardoso (RJ),
Lena Annes (RS), Edméia Passos (MG),
Sandra Nascimento (PE),
Katia Canton (Nova York)

A SITUAÇÃO NO MUNDO

4 Desde o final dos anos
5 50, mais de 30 países
6 alteraram suas leis
7 para permitir o aborto
8 — tanto por questões
9 sociais quanto médicas.
10 Um dos pioneiros foi o
11 Japão, onde a religião
12 xintoísta prega que a
13 vida humana só se inicia
14 no nascimento da criança.
15 Lá, em 1948, o aborto foi
16 liberado em caso de risco
17 de vida para a mãe,
18 estupro, anomalias fetais
19 ou por razões econômicas.
20 Na Ásia, que tem uma
21 alta incidência de
22 abortos, mais três países
23 legalizaram sua prática:
24 China, Cingapura e Vietnã.
25 Na Indonésia, Mongólia,
26 Taiwan e Filipinas,
27 é considerado ilegal em
28 quaisquer circunstâncias.
29 No Oriente Médio, as leis
30 são bastante severas,

com exceção da Tunísia,
onde o aborto é legalizado.
Os países africanos, ao
sul do Saara, o proíbem
terminantemente ou
permitem apenas quando a
gravidez ameaça a vida da
mulher. A exceção é a
Zâmbia, que o autoriza nos
casos de anomalias fetais
e quando a gestação põe
em risco a saúde física
ou mental da mulher.
Em quase todos os países
da América Latina, o
aborto é muito restrito.
Haiti, Panamá e República
Dominicana o proíbem
totalmente. Costa Rica,
Peru, Venezuela, Jamaica
e Honduras o admitem
apenas em caso de risco
de vida para a gestante.
No México, Uruguai,
Equador e Brasil, também
é autorizado nos casos de
gravidez decorrente de

estupro. El Salvador
acrescenta a esses motivos
a má-formação fetal, e no
Uruguai a prática é
permitida por razões
econômicas. Já em Cuba,
o aborto é legal nas
dez primeiras semanas da
gravidez desde 1960.
Os países europeus, assim
como o Canadá, são mais

liberais. Apenas na
Irlanda a legislação é
restritiva: somente pode
ser realizado quando a
vida da gestante corre
perigo. Em compensação,
a lei em vigor na
Inglaterra dá à mulher
um prazo recorde de até
28 semanas para decidir
se quer ter o filho.

POLÊMICA NOS EUA

1 Grupos favoráveis à proibição do aborto (pro-life)
2 e ao direito de escolha (pro-choice) saíram às
3 ruas no ano passado, nos EUA, depois que a
4 Suprema Corte restringiu o direito ao aborto,
5 reconhecido desde 1973. Agora, cada estado pode
6 exigir exame de viabilidade do feto antes de
7 autorizar o aborto. Na Pensilvânia, ele foi
8 proibido após a 24.ª semana de gestação e em
9 Michigan uma nova lei obriga as adolescentes a
10 pedirem antes o consentimento dos pais. Em Nova
11 York, crescem as pressões nas portas das clínicas
12 que o oferecem gratuitamente. Mas os conservadores
13 tiveram uma derrota: agora cabe ao governo custear
14 o aborto de mulheres pobres, vítimas de estupro.

Opinião



Aborto: Um tabu? Um direito?

Jô Moraes

"(aborto) é muito ruim, porque é tudo muito escondido e a gente fica morrendo de medo... Está cheio de gente que faz isso por aí... Acho que toda mulher que tira filho é porque não pode mesmo ter mais... Se ficar grávida de novo, vou tirar novamente porque não posso criar". (Depoimento de Celina, empregada doméstica, 29 anos, SP).

O aborto não é um fenômeno dos tempos modernos nem da sociedade capitalista. Tem-se registro de sua existência desde o 3º milênio A.C., na China. De 400 sociedades primitivas pesquisadas por George Devereux apenas 1 desconhecia o aborto provocado. Homens como Aristóteles, Platão e Sócrates opinaram favoravelmente à sua prática, na Grécia antiga.

Apesar de existir, enquanto fenômeno, há milhares de anos, o aborto sempre foi uma questão polêmica, dependendo da sociedade em que se verificava. E hoje, em nosso país, assume dimensões dramáticas.

Segundo notícia do JB de 5 de outubro de 1986 "um estudo recente da ONU mostrou que, no Brasil, para cada 100 partos se realizam 50 abortos. Um cálculo conservador aponta a realização de 4 milhões de abortos clandestinos anualmente no Brasil que provocam a morte de cerca de 400 mil mulheres".

Podemos afirmar que o aborto hoje é um fenômeno que envolve um elevado percentual da população feminina de diferentes setores sociais.

Porque então existem tantas barreiras e manobras para impedir que o seu debate se faça de forma aberta e livre?

Sem dúvida, as decisões que dizem respeito ao ato da procriação são de foro íntimo da mulher. Ela pode decidir sozinha ter ou não ter filhos, embora para tê-los necessite da decisão de uma outra pessoa. Esta é uma questão de seu livre arbítrio. Mas o fato de gerar filhos, novos homens e mulheres, se relaciona com a reprodução da espécie, com os destinos da humanidade. Exatamente por isto os setores dominantes da sociedade tudo fazem para interferir nessa decisão. Para isso criam normas, geram costumes, estabelecem leis que possam condicionar a mulher a esse respeito. Nos países de regime progressista essa interferência se dá de forma indireta, procurando-se "sugerir" o que é melhor para todos, mas permitindo-se real opção. Nas nações autoritárias existem mecanismos de interferência direta, como programas de controle da natalidade, esterilizações em massa, legislações que proíbem o aborto etc. É no caso do aborto a atuação da sociedade é sempre mais rígida porque ele é a expressão mais radical do poder da mulher sobre sua maternidade. Sobre ele pesam não apenas as pressões

machistas de uma sociedade conservadora que destina à mulher o papel fundamental de mãe. Há aqui uma forte intervenção da Igreja Católica que procura impor ao conjunto da sociedade as opções filosóficas de seus seguidores.

PORQUE O ABORTO?

Nenhuma mulher defende o aborto em si, por ser esse, na maioria das vezes, um processo doloroso física e psicologicamente.

Toda mulher, com melhor nível de informação, considera que a questão essencial na regulação da maternidade, é o conhecimento que ela deve ter sobre seu corpo e as condições de orientação médica e acesso a recursos. Exatamente por isto a luta por uma assistência integral e efetiva à saúde da mulher, em todas as fases de sua vida, vem sendo uma das principais bandeiras do movimento feminista.

Nunca é demais afirmar que o aborto como método contraceptivo, isto é, como forma rotineira de impedir uma gravidez, é inadequado e prejudicial. Mas, ao analisá-lo é preciso ter em conta vários aspectos.

O corpo humano não é uma máquina sem falhas. Mesmo quando a mulher vive os períodos "não férteis" certos fatores psicológicos podem antecipar a ovulação e provocar uma gravidez indesejada. Num país onde as condições de atendimento médico são extremamente

Jô Moraes é Presidente do Movimento Popular da Mulher de Belo Horizonte - MG.

precárias e onde a educação sexual é inexistente e até mesmo tratada com preconceito, vamos encontrar inúmeras mulheres que engravidam por ignorância, apesar de suas condições econômicas e sociais não o indicarem e elas mesmas não o quererem.

São muitos e variados os motivos que levam uma mulher a não querer ter um filho num determinado momento de sua vida. Numa publicação da Frente de Mulheres Feministas, de São Paulo, feita por Carmem Barroso e Maria Carmo da Cunha, há indicativos de algumas dessas razões: "muitas mulheres não querem ter mais filhos para que estes não passem privações e sofram toda sorte de misérias pelas quais estão passando seus filhos já nascidos"; algumas "não querem engravidar para poder garantir o seu sustento e o dos que dependem do seu salário"; e outras "não querem ter filhos para que estes não sejam abandonados, sejam levados à delinqüência e ao crime". E ainda há aquelas que vivem em ambiente de manha permissividade que sequer têm dimensão da responsabilidade do ato de procriar.

Tudo isso faz com que, a cada ano, milhares de mulheres enfrentem as mais diversas condições e realizem o aborto. A pesquisadora Hildete Pereira de Melo, do Rio de Janeiro, analisando os dados do INAMPS, do censo de 1980, encontrou o registro de 201 mil casos de complicações causadas por aborto no atendimento dos hospitais credenciados. Isso levava a uma projeção de 1,5 a milhões de abortos realizados no Brasil em 1979 e 1980. No entanto, esses dados não dão a dimensão real do problema porque se baseiam nos casos de complicações levados à rede do INAMPS e não absorvem os atendimentos dos hospitais não conveniados, os abortos que levaram a apenas complicações secundárias ou não causaram problemas, embora o risco tenha existido. O fato é que, em nosso país, milhares de mulheres, a cada ano, sofrem sequelas graves ou morrem vítimas de um aborto clandestino.

EM DEFESA DA VIDA

Hoje, em virtudes da proibição, a prática abortiva é muito lucrativa. Centenas de clínicas por esse Brasil a fora, muitas delas de conhecimento das autoridades policiais, atendem diariamente mulheres cujas condições econômicas permitem um aborto com assistência médica condigna.

Mas, qual é a trabalhadora que pode pagar perto de 4,5 salários mínimos por um aborto em situação adequada?

"Tentei abortar fazendo escalda-pé, tomando chá com álcool e canela e ainda tomei conhaque. Não queria esse filho, foi a gravidez mais inconformada que tive".

"Comecei então a tomar uma porção de chás que me indicaram e todos eles eram horríveis. Eles atacaram o fígado e fiquei toda inchada, passando muito mal. Continuei perdendo sangue durante deztoito dias".

Estes são alguns depoimentos de mulheres que, numa favela de BH, no caso do primeiro ou na periferia de SP, no caso do segundo, tentaram realizar o aborto ou o fizeram em condições inadequadas. Estas conseguiram escapar apesar dos prejuízos à sua saúde.



J6: muitos motivos levam a um aborto

Mas, não é possível que se continue penalizando ou mesmo condenando à morte todo ano, milhares de mulheres trabalhadoras ou donas de casa das camadas mais pobres que realizam, por diversos motivos, aborto clandestino!

A campanha pela preservação da vida dessas mulheres, que na maioria das vezes já têm filhos, encontra uma poderosa barreira na ação da Igreja. Mas é bom que se tenha conhecimento que nem sempre essa instituição teve a mesma posição de considerar a existência da "alma" desde o momento da concepção. Do concílio de Trento (1545-63) até 1869 a posição oficial da Igreja era inspirada na chamada teoria da animação tardia. Esta teoria do teólogo São Tomás de Aquino sustentava que não existe um ser humano no ventre durante

as primeiras etapas da gravidez. Para ele e outros teólogos, antes do feto começar a tomar forma humana e possuir os órgãos básicos o "embrião está vivo, mas da maneira como uma planta e um animal".

É equivocado, no entanto, colocar a questão sobre essa ótica já que a própria ciência diverge sobre o assunto. Para o Prêmio Nobel de Medicina e Fisiologia, o francês François Jacob, em depoimento de 1972: "... é bem evidente agora que a vida jamais começa, ela continua... Um espermatozóide isolado ou um óvulo não está menos 'vivo' que um ovo fecundado. Entre o ovo e o recém-nascido que dele surgirá, não há um momento privilegiado nem etapas decisivas conferindo de repente a dignidade de pessoa humana". Nessa compreensão seria infanticídio também, a ligadura de trompa que interrompe a gravidez não uma vez, como o aborto, mas em caráter permanente, "matando" mensalmente óvulos que são vida também.

OPINIÕES COM BASE NA REALIDADE

Exatamente pelas diferentes opiniões filosóficas e científicas que existem sobre o assunto a maioria dos movimentos de mulheres procura se orientar pelo que é real hoje. Há milhões de mulheres fazendo aborto e correndo risco de vida ou de sequelas graves. Estas mulheres são, na sua quase totalidade, trabalhadoras e das camadas mais pobres da população, já que as que têm melhor renda o fazem em clínicas especializadas.

Por isso, a atual defesa da descriminalização do aborto é passo inicial importante, uma necessidade que se impõe dentro da luta mais geral pela preservação da saúde e da vida da mulher. Essa questão ganha ainda mais força neste momento de debate Constituinte, no sentido de assegurar na legislação os direitos e garantias para que os indivíduos possam decidir livremente questões que lhe dizem respeito, cabendo à mulher, o direito de conceber, evitar ou interromper uma gravidez não almejada, com assistência médica assegurada pelos serviços públicos de saúde.

Fonte:

Frente de mulheres feministas. O que é o aborto?, Ed. Cortês. Silva, Léa Melo da. A reprodução e o trabalho da mulher de favela.

O MEU PEQUENO MUNDO

De repente, como uma explosão eu me senti que existia, mas só aos poucos essa existência foi se conscientizando dentro de mim. Eu era muito feio, minha cabeça fazia-me assemelhar a de um monstro, mas ela foi dando lugar às minhas perninhas e bracinhos, perdendo o seu tamanho. E continuei crescendo, até que parecia um pouco com meu pai, e continuei me desenvolvendo, sem saber direito porque estava ali, sem saber se era fruto do amor de dois seres ou se era apenas fruto do prazer. Eu não era mais um embrião, mas não me importava porque eu já a amava. Mesmo sem a conhecer, MAMAE, eu já te amava. Minha respiração era lenta, eu já sentia meu coraçõzinho palpitar, peguei até aquela mania de chupar o dedinho.

Eu crescia muito rápido, estava quase no 4º mês. Tu era um menino mas ainda não tinha nome. Sabe, eu ainda não era um corpo no mundo, mas existia um mundo dentro de mim.

Um dia, mãe, sem saber porque, você não me queria mais, eu que n tanto desejava.

Você tinha ódio de mim, eu não tinha culpa daquela noite cheia de amor, cheia de prazer e tantas outras, cheias de revoltas de mim e dos métodos falíveis da medicina.

E você mamãe, não me consultou, eu nem tive chance de optar pela vida, a vida que eu desconhecia, mas cheia de esperanças para mim, que era um simples feto. E naquele dia vocês decidiram que era preciso retirar esse pequeno mundo grande que existia em mim. Mas Mãe, será que não existia outra maneira de me matar? Matar sem o uso de drogas? Eu estava sentindo tanta dor Mamãe, e não podia nem s quer gritar, gritar a favor da vida!

Olha Mamãe, meus olhinhos estavam cheios de água, eu chorei, chorei um choro mudo que nunca foi ouvido e continuei sofrendo e te amando, amando mesmo sofrendo.

Daí Mamãe, minha cabeça estava latejando, minhas mãozinhas escurecendo, meu corpinho ardia, ardia lentamente, eu estava sentindo uma queimadura, é, eu acho que era isso, eu estava todo em carne viva, mas ainda estava vivo, vivo sofrendo a quase 24 horas. Eu tinha que tentar viver só para te amar, te amar um pouquinho mais. A dor foi-se e eu quase não a mais, ela foi sumindo, e antes que ela pudesse sumir por completo, eu balbuciei MAMAE EU TE PERDOO mesmo sabendo que você jamais me perdoará. Mãe, eu queria tanto conhecer você. Você era a coisa mais importante para mim, mesmo eu sendo para você uma espécie de vírus, de verme ou de qualquer ser intruso, o sr. que era resultado de uma pílula mal tomada. TE AMO ... TE AMO. ...

Eu morri..Eu estou morto, morto para você, para vocês eu nunca existi. Mas chegará o dia em que o silêncio do meu grito será uma realidade gritante aos ouvidos da atual incompreensão.

E mamãezinha eu morri, vocês me mataram, mas me encontro em outro mundo, NUM MUNDO DE PAZ E AMOR, um mundo das crianças. E eu só te peço MAMAE uma coisa, NAO FAÇA COM MEUS IRMAOS O MESMO QUE FEZ COMIGO!

TE AMO.... TE AMO....